

KÁTIA ALINE DA COSTA

**JUVENTUDES DO CAMPO: COTIDIANO E REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS NOS ASSENTAMENTOS RURAIS SANTA ROSA E
GUAÇU EM ITAQUIRAÍ-MS**

DOURADOS, MS
2012

KÁTIA ALINE DA COSTA

**JUVENTUDES DO CAMPO:
COTIDIANO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NOS ASSENTAMENTOS RURAIS
SANTA ROSA E GUAÇU EM ITAQUIRAÍ-MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: *História, Região e Identidades*.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. **Marisa de Fátima Lomba de Farias**.

DOURADOS, MS

2012

KÁTIA ALINE DA COSTA

**JUVENTUDES DO CAMPO: COTIDIANO E REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS NOS ASSENTAMENTOS RURAIS SANTA ROSA E
GUAÇU EM ITAQUIRAÍ-MS**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, REGIÃO E IDENTIDADES.

Aprovada em _____ **de** _____ **de** _____.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientadora:

Marisa de Fátima Lomba de Farias (Pós-Dr., UFGD) _____

2ª Examinadora:

Celecina de Maria Veras Sales (Pós-Dr., UFC) _____

3º Examinador:

João Carlos de Souza (Dr. UFGD) _____

As escutas de minha mãe Andréa, em meio as minhas neuroses. A alguém especial, que nos caminhos da vida me ensinou, ao mesmo tempo, *ser* criança e mulher-jovem, e a todas/os as/os mulheres e homens dos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu, que tem em si, o profundo sentimento das juventudes.

AGRADECIMENTOS

De início, compartilho minha posição de que nem as escritas destas linhas, que serão para toda uma vida, são suficientes para expressar meu eterno sentimento de agradecimento e gratidão a todas as pessoas, bem como às situações vividas nos últimos seis anos e meio. Digo seis anos e meio, pois remeto meu crescimento e amadurecimento à caminhada desde os anos da graduação, quando, eufórica com as escritas, lia textos de diversas/os pesquisadoras/pesquisadores. E, hoje, finalmente eu vou ser “lida”.

Ao escrever esta dissertação, os momentos vividos foram refletidos com tamanha intensidade, que terei de citá-los, ao menos alguns deles. Primeiro o vestibular, depois a seleção de mestrado. Quantas lembranças da época de graduação, quatro anos de dedicação. Em seguida, dois anos e meio de pós-graduação. Lá eu estava começando minha formação profissional. Aulas, avaliações, fichamentos, relatório parciais e finais, a primeira Iniciação Científica, conclusão dos projetos de pesquisa, o prêmio de melhor trabalho na área de Humanas, artigos, exame de qualificação, entrega da dissertação. Ah, quantos desafios!

A cada informação de um evento científico, almejava apresentar mais um trabalho e publicar nem que fosse um resumo expandido. Quantas viagens e congressos foram. Quantas cidades e Estados conheci, e quantas economias para chegar a cada um desses.

Como esquecer que a primeira viagem da minha vida sem a importante companhia e proteção da minha mãe e de meu pai foi realizada na época da universidade? Experiências para sempre foi tudo o que vivi em Porto Alegre-RS. E as vivências na viagem de ônibus ao Rio de Janeiro-RJ, com jovens do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST)? Mais difícil ainda, é esquecer a diarreia sofrida durante a viagem e os imprevistos que me fizeram voltar antes do término do evento do RJ. E as pessoas que conheci, professoras e professores que ouvi, textos e indicações compartilhadas, amigas e amigos, que eu refiz.

Depois, os caminhos que trilhei nas pesquisas em campo. Noites mal dormidas em Dourados-MS. E quando menos esperar, despertar na madrugada, tomar um banho gelado, apanhar a mochila com gravador, pilhas e formulários, e embarcar na van ou no carro da universidade, rumo à estrada para os assentamentos. De volta, ao chegar a Dourados, caronas com pessoas que nem eu mesma conhecia. Necessidade de cansada, voltar para minha cidade, para casa depois de um dia exaustivo.

Ainda sinto o frio daquela noite gelada e vacilante na rodoviária de Naviraí-MS, em que fiquei das 23h40min às 05h10min, à espera da única circular que fazia linha da cidade ao assentamento Santa Rosa em Itaquiraí-MS. Aquele frio não senti somente naquele momento mas em outras vezes, mesmo diante de dias de sol quente, quando trilhava novos passos pelos caminhos de pesquisa.

A todas essas situações, minha sincera recordação por terem acontecido. Meu modo de *ser* hoje é reflexo dos lugares em que já estive antes, bem como das experiências enriquecedoras que pude compartilhar com mulheres e homens que, em especial, representam a mim, a importância para além da concretização deste trabalho e expressam a maneira como conduzo minha vida.

Meu estendido, agradecimento a todas as professoras e todos os professores dos cursos de História e de Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências Humanas (FCH) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Não citarei nomes, pois transcendem imensamente uma lista. Sem distinções, sintam-se de um modo muito caloroso abraçadas/os e agradecidas/os, por seus ensinamentos e dedicação. Vocês são maravilhosas/os.

Com carinho enorme, destaco principalmente a professora e orientadora Marisa de Fátima Lomba de Farias. Amiga e confidente a quem pude confiar as angústias mais intensas. Agradeço a construção de cada linha desta dissertação, como também dos princípios que produziram meu conhecimento. Sua contribuição enriquecedora despreendeu-se desde aspectos profissionais às orientações da dissertação, até meu desenvolvimento pessoal. Esta mulher-jovem igualmente contribuiu com seus ensinamentos para meu crescimento individual, no tempo que fez sentir-me mais humana.

Com seu incentivo e com sua garra, tranquilizou-me sempre que necessário, diante das preocupações com a pesquisa e a escrita, quando do término de cada orientação sentia-me mais confiável em mim mesma, o que representava finais aliviáveis para cada situação. A Marisa, minha grande admiração, sincero amor, e ternura.

Agradecimentos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e também à Coordenadora de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelos incentivos financeiros aos estudos, o que possibilitou minha dedicação exclusiva ao trabalho de pesquisa, e a aquisição de livros e materiais necessários para o estudo.

À pequenininha da “mainha”, que irradia meus dias e que quantas vezes, ao cobri-la pela madrugada, enquanto dormia, fazia-me sentir mais forte, para prosseguir por mais algumas horas sentada diante da mesa de estudos. Saiba que nem o fato de ter quebrado a

tecla de vírgula de meu notebook, ou as delongas devido às interrupções nos estudos que seus incessantes choros me causaram, fizeram-me desistir de escrever.

Concluo este trabalho, para que quando crescer possa lê-lo, e quem sabe a “Karolzinha queira trabalhar com a madrinha também”, como outrora pronunciava. A sua existência em minha vida me faz amá-la a cada instante.

Agradeço ainda a paciência das poucas amigas que tive nos principais tempos de agonia e aflição da minha vida. Mas que foram mulheres-jovens de grande essência. A Ana Paula Alves da Silva, amiga de viagens, de sorrisos, de choros, de abraços apertados, de segredos e de indicações de referências. Nunca mais conseguimos comer aquela tão desejada pizza juntas. Penso que agora se fará uma oportunidade. Obrigado, por sempre compreender minha ausência iminente.

A Maria Aparecida dos Santos Silva, que mesmo sem entender muito o que eu dizia e o que eu fazia, sempre se mostrava interessada e atenta a compreender quando falava que ainda faltava escrever sobre gênero dentre outros assuntos. Sua simplicidade ao investigar “quantas páginas faltam ainda para terminar”, representa a mim o desejo que nutria para dar-lhe mais atenção, em meio a minha correria do dia-a-dia. Obrigada pelos bolos que fez eu comer, por causa da necessidade de “alimentação pra poder escrever”. Obrigada, também por todas as cervejas aos finais de semana, que me inspiravam pelas noites adentro, e os momentos que malhávamos juntas na academia se constituíam de lazer, os melhores de todo o meu dia.

A minha mãe, Andréa Maria de Oliveira Costa, a quem dedico esta dissertação, sem palavras para agradecer tamanha paciência comigo, em todos os sentidos, que vão desde a minha ausência em casa, quando mesmo no quarto me encontrava distante, dada a utilização do fone de ouvido para a realização necessária das transcrições, inclusive a paciência desprendida pelas tantas vezes que sequer limpava meu quarto, em especial, durante, os últimos meses de trabalho em que me desdobrei com a escrita. Às vezes, acho que “eu sou louca mesmo, mãe”. Ao meu pai, Wilson da Silva Costa, meu agradecimento pelo incentivo e apoio, bem como pelas acordadas às 05h40min da manhã para me levar ao ponto de ônibus.

Ao Alex Antonio Marques, dedico o “final”. O final se constitui importante, uma vez que por ele reconstruímos cada passo, cada momento. Não será preciso escrever muito. Agradeço pelas ligações, pelos convites para dar uma relaxada e pelos favores que tantas vezes prestou, a fim de poupar-me mais tempo para a escrita da dissertação.

Agradeço pela compreensão quanto às minhas indecisões e incertezas. Eram muitas vivências ao mesmo tempo. Obrigada pelas diversas vezes em que, em meio às minhas

irritações, conseguia fazer-me sentir importante dada sua preocupação, evocada na frase “não vai até muito tarde não, você precisa descansar”.

De maneira específica, agradeço a todas as mulheres-jovens e homens-jovens, as/os quais conheci nos caminhos de pesquisa, assim como aos que participaram desta pesquisa. Em exclusivo, obrigada às juventudes do campo, pela oportunidade das experiências e do compartilhar de seu cotidiano. Essas construções são imensamente gratificantes a mim. Também destaco as mães e os pais de cada uma das mulheres-jovens e de homens-jovens, bem como todas as famílias assentadas, com as quais pude estabelecer relações duradouras de amizades.

Uma gratidão particular ao acolhimento e atenção oferecida pelas mulheres-jovens Helen, Sara e sua mãe Maria Lurdes, que calorosamente ofereceram-me hospedagens durante dias de pesquisa em campo aos assentamentos Santa Rosa e Guaçu. Enfim, às mulheres e aos homens que permitiram que eu as/os conhecessem. Agradeço pelo compartilhar de nossas experiências. E saibam que são enriquecedoras essas páginas, não porque as escrevi, mas porque vocês fazem parte delas.

Finalizo os agradecimentos reconhecendo que das pessoas que participaram do início dessa caminhada, há algumas que não permanecem mais comigo, pois sabemos que o percurso é incerto. Mas, de maneira única, agradeço também a essas pessoas os esforços compreensivos, os quais dedicaram a mim, quando assim faziam parte, pois certamente suportaram momentos de tensões, ocasionados por minhas “chatices” advindas do meu estado de espírito. Igualmente, as lembranças dessas pessoas são ressignificadas, uma vez que vivenciamos alegrias, renúncias, incertezas, e de alguma forma sempre estarão presentes na minha memória.

A Sorte De Um Final Tranquilo

Quero a sorte de um final tranquilo
Onde tudo possa acontecer
Onde não haja medo
Nem perda de tempo...

Quero sorte de um final tranquilo
Que nem final de filme de cinema
E que amor cure uma vida inteira

Quero a sorte de um final tranquilo
Com o saber de fruta proibida
Quero uma vida de aventuras
E nenhuma escolhidas

Quero a surpresa, a indignação
Quero a revolta e a pacificação
Quero o novo e inalterável
Quero alterável e o inexplicável
Quero os meus problemas todos na gaveta
Quero viver muito e não me arrepender
Quero um espelho pra me compreender
Quero dançar chula...

Quero reboição, agitação
Carinho e compreensão
Quero o silêncio e a solidão
Estar despercebido numa multidão

Quero esquecer tudo
Apagar o futuro

Quero um carro, um camelo
Quero uma casa, um novo conceito
Quero amizade e compaixão
Quero ver tudo e não saber de nada

Quero um copo, um prato cheio
Quero o louco e o desprezo
Quero o certo e o duvidoso
Quero gostar de tudo e de só um pouco
Quero ser louco, quero ser poeta
Quero criar um novo... acorde
Quero escrever todos os meus poemas
Quero que meus projetos dêem certo
Quero plantar qualquer coisa
Quero a caneta e o corretivo
Quero escrever um bom livro
Quero paz, mas não a estagnação
Quero alteração, visão
Quero rever tudo, mudar junto
Quero ver em mim crescer um novo país

Eu quero apenas uma garantia que tudo vai dar certo!

E ter a sorte de um final tranqüilo.

(MELINA GUTERRES)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar as análises sobre as concepções e representações sociais construídas pelas juventudes do campo, acerca do cotidiano nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu, ambos localizados no município de Itaquiraí, Estado de Mato Grosso do Sul. A principal problemática da pesquisa se direcionou a refletir sobre as relações sociais e os projetos familiares que envolvem processos de autorreconhecimento dessas/desses jovens no direcionamento de tais projetos. Procurou-se registrar as dificuldades e dilemas vividos por mulheres-jovens e homens-jovens, ao definirem suas escolhas e planos para o futuro. Diante disso, pretendeu-se compreender como são vivenciadas e/ou ressignificadas às relações estabelecidas entre mães, pais, filhas e filhos, no que tange às relações de poder, gênero e geração. Para tanto, a metodologia de trabalho pautou-se, principalmente, na produção e análise de fontes orais, por meio da pesquisa com a História Oral, que consistiu em entrevistas gravadas e transcritas, orientadas por um roteiro estruturado previamente. Outras fontes foram igualmente importantes, tais como: os arquivos digitais e impressos contendo documentos relativos aos assentamentos rurais pesquisados, formulários aplicados durante as pesquisas em campo, a produção do diário de campo, as observações atentas ao cotidiano, e a participação em momentos de encontros, reuniões, comemorações e rodas de conversas que envolveram as famílias. Por meio da análise de diversas fontes, construiu-se um estudo acerca das juventudes do campo nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu, até então inédito no Estado de MS. Espera-se com esse estudo, contribuir para a análise das relações sociais vividas entre famílias assentadas, filhas e filhos, sob a perspectiva de gênero e de geração nesses espaços, onde mulheres e homens estão envolvidos por sonhos, expectativas, esperanças, mas também conflituosidades e indecisões.

Palavras-chave: Projetos Familiares. Identidade. Representação.

ABSTRACT

This work aims to present the analysis about the conceptions and social representations constructed by the youth on the field, about the daily life of the Santa Rosa and Guaçu rural settlements, both located in Itaquiraí, state of Mato Grosso do Sul. The main problem of the research was considering the social relationships and family projects that involve self-recognition procedures of these youths in the direction of such projects. It was registered the difficulties and dilemmas lived by young men and women, when defining their choices and plans for the future. Before addition, we intended to comprehend how relationships between mothers, fathers, sons and daughters are experienced, when it comes to relationships of power, gender and generation. Therefore, the work methodology was guided, mainly, on the production and analysis of oral sources by means of research with Oral History, which constituted in written and recorded interviews, guided by a previously structured itinerary. Other sources were equally important, such as digital and printed files, containing documents relating to surveyed rural settlements, production of field journal, observations attentive to daily life, and participation in moments of meeting, celebrations and chat groups involving the families. By means of analysis of several sources, a study about youth on the field of the Santa Rosa and Guaçu rural settlements, so far unpublished in the state of Mato Grosso do Sul, was made. We hope, with this study, to contribute with the analysis of the social relationships experienced between settled families, daughters and sons, under the gender and generation perspectives in these areas, where men and women are filled with dreams, expectations, hopes, but also conflicts and indecisions.

Keywords: family projects, identity, representation.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Assentamentos Rurais do Município de Itaquiraí-MS.....	53
Tabela 2 – População Residente Rural do Estado de Mato Grosso do Sul-MS.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDR – Centro de Documentação Regional

CECIAL - Centro de Estudos de Cultura e Imagem na América Latina

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CONJUVE – Conselho Nacional de Juventude

DOF – Departamento de Operações de Fronteira

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

FCH – Faculdade de Ciências Humanas

FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos

FUNDECT – Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ITESS - Incubadora de Tecnologias Sociais e Solidárias

LEF – Laboratório de Estudos de Fronteiras

MDS - Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome

MEC-SESU - Ministério da Educação-Secretaria de Educação Superior

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

ONU – Organização das Nações Unidas

PA – Projeto de Assentamento

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PNAD - Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios

PNCF - Programa Nacional de Crédito Fundiário

PROJOVEM – Programa Nacional de Inclusão de Jovens

PRONACAMPO – Programa Nacional de Educação no Campo

SNJ – Secretaria Nacional da Juventude

SR – Superintendência Regional

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UNESCO – Organização das Nações Unidas Para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

Lista de Tabelas.....	12
Lista de Abreviaturas e Siglas.....	13
INTRODUÇÃO	15
Relatos Do Delinear da Pesquisa.....	15
Escolhas, Fontes e os Percalços da Pesquisa.....	19
Estrutura da Dissertação.....	28
CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DA CATEGORIA JUVENTUDES	30
1.1. Juventudes: Análises de Diferentes Definições	31
1.2. Juventude e/ou Juventudes: Pluralidade Sociocultural	40
1.3. Ser Jovem Para As/Os Jovens	44
CAPÍTULO II: JUVENTUDES QUE VIVEM NOS ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA SANTA ROSA E GUAÇU	51
2.1. Dois Projetos de Assentamentos (P. As): Um Conjunto de Grupos.....	52
2.2. O Cotidiano e as Gerações de Mães, Pais, Filhas e Filhos	61
2.3. O Autorreconhecimento das Juventudes: Jovens do Campo.....	74
CAPÍTULO III: MULHERES-JOVENS E HOMENS-JOVENS: OS MODOS DE SER E DE ESTAR NO CAMPO	87
3. 1. Ser Jovem: Representações no Cotidiano dos Assentamentos Santa Rosa e Guaçu.....	88
3.2. Representações de Gênero e Identidades Entre Jovens do Campo e Famílias Assentadas	91
3.3. Lazer e Sociabilidades em Construção	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
RELAÇÃO DE FONTES	117
APÊNDICE A - Foto de Localização dos Assentamentos Rurais do Município de Itaquiraí-MS.....	120
APÊNDICE B – Modelo de Formulário de Pesquisa.....	121
APÊNDICE C – Modelo de Roteiro de Entrevista.....	124

INTRODUÇÃO

Relatos do delinear da pesquisa

Esta dissertação parte das análises e reflexões realizadas por meio do projeto de pesquisa intitulado *Juventudes do Campo: Cotidiano e Representações Sociais nos Assentamentos Rurais Santa Rosa e Guaçu*¹, inserido na Linha de Pesquisa Movimentos Sociais e Instituições, o qual está veiculado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em História da Faculdade de Ciências Humanas (FCH)² da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

A pesquisa se insere no campo da História Social, em um enfoque que não exclui o econômico, o político e o cultural, já que esses aspectos da vida social se entrelaçam. Como analisa Barros (2004, p. 115), a História Social envolve a sociedade e engloba todas as outras especialidades da História, pois “não existem fatos políticos, econômicos ou sociais isolados”.

Igualmente, a pesquisa encontra-se envolvida no campo da história do tempo presente. Sabemos que, por um longo período, a história do tempo presente, assim como as fontes orais, foi caracterizada por concepções dominantes que levavam à desconfiança e à desqualificação de ambas. Somente a partir do século XX a história do tempo presente emergiu com um novo estatuto de afirmação dos depoimentos orais, aliados à revalorização do papel do sujeito como social e político.

Essas transformações ocorridas no campo da história do século XX geraram novas maneiras de conceber os campos de ensino, como também ampliaram as discussões sobre fontes históricas, o que mais tarde permitiu à história oral novos espaços de debates historiográficos. (FERREIRA, 2002).

Nesse sentido, as análises de Chauveau e Tétart (1999) amparam-se no pressuposto metodológico de que a história não é somente o estudo do passado, mas um estudo com menor recuo no tempo e com métodos particulares.

Assim, o estudo sobre a história do tempo presente emergiu com preocupação crescente em refletir o passado próximo ou o imediato, em consideração à compreensão

¹ Este projeto desenvolveu-se com bolsa, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (CAPES/DS).

² Utilizaremos o parêntese para indicar uma pausa, complemento, explicação de texto e/ou frase.

“sobre a natureza dessa *presença física* do historiador *em seu tempo e no seu tema*”³. (CHAUVEAU e TÉTART, 1999, p. 16).

Este estudo se desenvolveu, inicialmente, por meio de reflexões realizadas ainda como graduanda do curso de História da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), mediante duas experiências de pesquisa. A primeira durante a participação em um projeto de pesquisa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).⁴

Ao desenvolver esta pesquisa, compreendeu-se a “trajetória de luta”⁵ do assentamento Sul Bonito, localizado no município de Itaquiraí-MS, por meio de uma reflexão acerca das dificuldades e perspectivas enfrentadas pelas juventudes para permanência nos assentamentos rurais, diante das problemáticas com relação ao mercado de trabalho, educação, lazer e participação nos diversos âmbitos sociais e políticos de jovens.

A segunda experiência refere-se à elaboração e ao desenvolvimento parcial de outro projeto de pesquisa (PIBIC), apoiado pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Esse projeto objetivava compreender a construção das relações familiares, assim como os desafios cotidianos presentes nas discussões que envolvem relações de gênero e sexualidades no assentamento rural Santa Rosa em Itaquiraí-MS⁶. A participação nesses dois projetos configurou-se como oportunidades importantes e geradoras das inquietudes propostas no anteprojeto de mestrado.

O interesse pelo tema e a minha⁷ trajetória de pesquisa – ainda a ser ampliada significativamente – iniciaram-se no ano de 2006, quando ingressei na universidade e fui pela primeira vez conhecer um assentamento. Os contatos com as primeiras famílias assentadas e as experiências possibilitadas em pesquisas em campo geraram a compreensão de temáticas

³ Grifos do autor.

⁴ Projeto de pesquisa intitulado “Juventude do Assentamento Sul Bonito em Itaquiraí-MS: Dificuldades e Perspectivas”, financiado pelo CNPq, orientado pela Prof^a. Dr^a. Marisa de Fátima Lomba de Farias, e desenvolvido de agosto de 2007 a julho de 2008.

⁵ Sempre que nos referirmos à palavra “pedaço de terra” e “luta”, utilizá-las-emos entre aspas no objetivo de indicar que esta é uma expressão percebida na fala de acampadas/os, assentadas/os e de movimentos sociais. Esta referência parte do estudo realizado por Dulce C. A. Whitaker (2002). Consultar referências bibliográficas.

⁶ Projeto de pesquisa intitulado “Desafios Cotidianos e a Relação na Vida Familiar das Mulheres-Jovens Moradoras do Assentamento Santa Rosa em Itaquiraí-MS”, financiado pela UFGD, orientado pela Prof^a. Dr^a. Marisa de Fátima Lomba de Farias, e desenvolvido de agosto de 2008 a fevereiro de 2009. Por motivos pessoais, a bolsista interrompeu a execução da pesquisa, o que ficou a cargo de outra pessoa. No entanto, o relatório parcial já havia sido apresentado, e tínhamos em mãos resultados significativos até aquele momento. Portanto, a referida pesquisa foi concluída no tempo previsto, ou seja, em julho de 2009.

⁷ Durante a escrita desta dissertação, utilizaremos a primeira pessoa do singular quando o texto indicar observação, reflexão e/ou intervenções próprias da mestranda/pesquisadora, tendo em vista constituir uma influência na própria subjetividade da mesma. Ao mesmo tempo, se constitui como estratégia de redação que

que até então fugiam ao meu cotidiano, mas que sempre me inquietavam diante dos noticiários, os quais transmitiam e transmitem discussões sobre a reforma agrária sem um viés crítico ou analítico, diferentemente do que ocorre nas instituições de ensino e organizações sociais.

Lembro-me de várias vezes, ao assistir pela televisão, reportagens sobre a ocupação que mulheres e homens com suas filhas e filhos faziam em terras de reforma agrária. Nestes momentos, pensava em como seria a vida dessas famílias envolvidas em conflitos com a polícia, com a sociedade, com a falta de recursos que possibilitassem os direitos básicos de habitação, educação, saúde, segurança.

Refletia, ainda, sobre as dificuldades que mulheres e homens enfrentavam não somente por estarem naquele momento conflituoso, mas pelos enfrentamentos futuros que encontrariam ao longo da caminhada pela qual trilhavam seus sonhos e esperanças.

Dessa forma, comecei a envolver-me em leituras referenciadas pelas/pelos⁸ professoras/professores, nas quais buscava compreender os movimentos sociais e a “luta” pela terra. Os espaços que encontrei na participação como estudante/colaboradora em outros projetos de pesquisa, desenvolvidos pelas/pelos pesquisadoras/pesquisadores da Faculdade de Ciências Humanas (FCH/UFGD), foram de suma importância para.

Nesses momentos, tive a oportunidade de conhecer diversos assentamentos rurais para além de um único município do Estado de Mato Grosso do Sul⁹, em contribuição para o entendimento da vida nos assentamentos, das dificuldades enfrentadas pelas/os assentadas/os

pretendemos seguir ao articular, quando necessário, a primeira pessoa do plural, momento em que pretendemos incluir a concordância sobre as decisões e escolhas feitas em conjunto pela mestranda e professora/orientadora.

⁸ Em suas análises, Beauvoir (1970) destaca: “É de maneira formal, nos registros dos cartórios ou nas declarações de identidade que as rubricas, masculino, feminino, aparecem como simétricas. A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois pólos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar os seres humanos” (BEAUVOIR, 1970, p. 09). Ao defender a ideia de que também nas falas e expressões o feminino não deve aparecer supostamente subtendido à categoria masculina, optamos em trabalhar na escrita o destaque às relações de gênero – em contraposição às regras gramaticais da língua portuguesa. Por isso, primeiro faremos menção à palavra no feminino, seguida da expressão *o*, ao contrário do que constantemente verificamos em textos. Esta também se caracteriza como uma estratégia de redação.

⁹ As reflexões da mestranda/pesquisadora pautam-se nas experiências possibilitadas pelas pesquisas em campo realizadas em pelo menos seis assentamentos do Estado de Mato Grosso do Sul: Assentamento Colorado (município de Iguatemi-MS), assentamento Corona (Ponta-Porã-MS), São Judas (município de Rio Brillhante-MS), São Sebastião (município de Ivinhema-MS), e assentamentos Tamakavi e Sul Bonito (localizados no município de Itaquiraí-MS). A experiência envolvendo esses assentamentos foram possíveis em decorrência da participação em dois projetos de pesquisa: “Assentamentos Rurais no Sul de Mato Grosso do Sul: Estudos Econômicos e Sociais das Mudanças no Meio Rural”, financiado pelo CNPq e Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT); e o projeto de pesquisa intitulado “Mulheres: Relações de Gênero e de Trabalho nos Assentamentos de Reforma Agrária Guaçu e Santa Rosa no Município de Itaquiraí-MS”, financiado pelo CNPq. Ambos os projetos de pesquisa foram coordenados pela Prof^a. Dr^a. Marisa de Fátima Lomba de Farias.

e da diversidade de realidade dos espaços rurais, em compreensão às representações sociais construídas no cotidiano dos assentamentos.

As experiências relatadas, proporcionadas pelos trabalhos em campo, aliadas à participação no universo científico da universidade – projetos de pesquisa e extensão, eventos científicos, trabalhos de organização e arquivamento de fontes no Centro de Documentação Regional (CDR) e no Laboratório de Estudos de Fronteiras (LEF)¹⁰, primeiras transcrições, ainda em fitas, realizadas para professoras/professores da universidade – despertaram a intenção em continuar o estudo com as juventudes moradoras em assentamentos rurais. Como “jovem” sonhava em vivenciar a realidade que vislumbrava mais próxima, ingressar no curso de Pós-Graduação Mestrado em História da UFGD e seguir carreira docente na universidade.

No ano de 2009, a UFGD, em parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), realizou o II Encontro de Iniciação Científica UFGD/UEMS e I Encontro de Pós-Graduação. Nesta oportunidade, alunas/os graduandas/os e mestrandas/os, vinculados ao PIBIC, apresentaram seus trabalhos que se somaram à escrita de artigos para publicação em CD ROM específico do evento.

No decorrer do processo, foi selecionado o melhor trabalho de cada grande área, entre elas Humanas e Sociais Aplicadas, Exatas e da Terra, Linguística, Artes e Letras, Biológicas e da Saúde e Agrárias. O prêmio de melhor trabalho de Iniciação Científica da UFGD, na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas foi concedido à mestranda/pesquisadora¹¹, com o projeto de pesquisa “Juventude do Assentamento Sul Bonito em Itaquiraí-MS: Dificuldades e Perspectivas”. (PIBIC/CNPq).

Como reconhecimento e incentivo ao trabalho, a universidade concedeu a certificação, entrega de placa; e, para o melhor trabalho de cada grande área, disponibilizou passagem em território nacional para a/o ganhadora/o, a fim de participar e apresentar seu trabalho em evento científico de sua escolha.

Com a premiação, a mestranda/pesquisadora participou do III Seminário Internacional Sobre Cultura, Imaginário e Memória da América-Latina – Imaginários Juvenis Latinoamericanos: Participação, Cultura e Sociabilidade, realizado pelo Centro de Estudos de

¹⁰ Estes são alguns dos laboratórios, salas de pesquisa e estudos da FCH. Há uma gama de materiais e fontes coletados e arquivados nestes laboratórios sobre a vida nos assentamentos rurais do Estado de MS.

¹¹ UFGD Premia os Melhores Trabalhos de Iniciação Científica 2007/2008. Disponível em *Folha do MS: A Informação ao Alcance de Todos*:

<http://www.folhadoms.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=815:ufgd-premia-os-melhores-trabalhos-de-iniciacao-cientifica-20072008-&catid=47:educacao> Consultar referência ao final.

Cultura e Imagem na América Latina (CECIAL), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em outubro de 2009, na cidade de Curitiba-PR.

Vale ressaltarmos que foi durante a participação neste evento que a preocupação com a temática de estudo sobre juventudes intensificou-se, pois, em diversas palestras e discussões, pesquisadoras/pesquisadores pautaram suas análises na necessidade de avanço em pesquisas sobre as juventudes no âmbito dos assentamentos rurais.

Dentre os estudos apresentados, divulgou-se um levantamento que apontava para o fato de que de 100 pesquisas realizadas no Brasil somente 4% envolviam a “juventude rural”¹². Nesse levantamento, também se constatou que a região Centro-Oeste é a que mais carece de estudos nessa temática¹³.

Em reflexão, ao final do ano de 2009, diante do término do curso de graduação, elaboramos a proposta do anteprojeto de pesquisa sobre a juventude¹⁴ dos assentamentos Santa Rosa, Guaçu e Tamakavi¹⁵, seguindo com as provas de seleção do mestrado.

Após aprovação, ocorreu o ingresso na Turma de 2010 do curso de Pós-Graduação Mestrado em História da UFGD. A partir daí, construía-se um novo caminho, a realização das disciplinas e o cumprimento dos créditos, as leituras bibliográficas específicas, os fichamentos de livros e dissertações, as reflexões teórico-metodológicas, bem como o desenvolvimento de pesquisas em campo e a elaboração de artigos científicos para publicação.

Escolhas, Fontes e os Percalços da Pesquisa

Até a escrita da dissertação, percorremos vários caminhos e dedicamos esforços teóricos com o objetivo de realizar levantamento, sistematização e análise necessária para

¹² Termo utilizado por Marília Pontes Sposito (2009) durante a divulgação dos resultados do seu trabalho de pesquisa no III Seminário Internacional Sobre Cultura, Imaginário e Memória na América-Latina.

¹³ Com base nas referências dos dados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios, e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD/IBGE, 2007). Os resultados foram apresentados pela conferencista Prof^a. Dr^a. Marília Pontes Sposito, referente ao trabalho “Estado da Arte Sobre a Juventude”, durante o mesmo evento na UFPR.

¹⁴ Nos caminhos de pesquisa, as reflexões nos possibilitaram alterar a compreensão de juventude rural para juventudes do campo, dada a pluralidade da pesquisa, bem como as abordagens e os referenciais teóricos. Esta escolha será discutida nas páginas seguintes.

¹⁵ Inicialmente a proposta do projeto definia esses três assentamentos para a pesquisa. No decorrer da pesquisa fez-se necessária a delimitação para dois assentamentos Santa Rosa e Guaçu, considerando a amplitude dos

compreensão da realidade observada sobre o cotidiano e a vida juvenil nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu, localizados em Itaquiraí-MS.

A proposta investigativa surgiu no intuito de analisar as identidades das juventudes do campo nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu, a fim de refletir sobre as concepções e representações sociais que orientam a vida e o cotidiano das/os jovens desses assentamentos.

A principal problemática consiste em compreender as relações sociais e os projetos familiares e o autorreconhecimento das juventudes como partícipes da vida no campo, com ênfase para as dificuldades e os dilemas vividos ao definirem suas escolhas e planos para o futuro. Para tanto, pautamo-nos no estudo sobre o cotidiano e as representações construídas nesses espaços sociais permeados por sonhos, desejos, conquistas, mas também dificuldades e desilusões, em que as vivências e trajetórias apresentam semelhanças de “luta”, todavia diferenciações.

As variadas preocupações acerca das juventudes são de longa data. Contudo, somente recentemente tem-se ampliado este campo de pesquisa em que sociólogas/os, antropólogas/os e historiadoras/historiadores, passaram a trabalhar na perspectiva de compreensão desta temática como categoria de análise.

Por esse motivo, acreditamos ser necessário atentar para as perspectivas de estudos e os múltiplos olhares que se têm destinado às/aos jovens, não unicamente como categoria de análise, mas as juventudes do campo devem ser entendidas em sua multiplicidade e diversidade, em observação ao lugar no qual as/os jovens estão inseridas/os e as relações sociais que as/os envolvem.

Nesse sentido, é preciso direcionar um olhar específico para mulheres-jovens e homens-jovens¹⁶ dos assentamentos rurais. Da proposta inicial do anteprojeto de pesquisa de mestrado à reorganização final da dissertação, algumas dificuldades foram encontradas, assim como ocorreram mudanças e/ou adaptações necessárias. Tais alterações foram geradas pela própria dinamicidade do conhecimento, cujos caminhos de sua construção não são lineares.

dados e o tempo determinado para a conclusão do mestrado, dentre outros argumentos que serão apresentados a seguir.

¹⁶ Nos caminhos de pesquisa, alteramos a forma de tratamento de moças e rapazes para mulheres e homens, por considerar que para a reflexão teórica, tais expressões poderiam parecer pejorativas. Assim, com base nas leituras e análises bibliográficas, optamos por referenciar o grupo envolvido na pesquisa como mulheres-jovens e homens-jovens. Portanto, trata-se de uma concepção que será utilizada no decorrer de toda a escrita da dissertação.

Ainda como graduanda, os trabalhos e os textos produzidos se pautavam nas análises da pesquisadora Elisa Guaraná de Castro, com base em sua tese de doutorado intitulada *Entre Ficar e Sair: Uma Etnografia da Construção Social da Categoria Juventude Rural*¹⁷, tratando-se de um referencial teórico para o estudo de jovens. Também embasavam a pesquisa os estudos realizados por Valmir Luiz Stropasolas, em especial, as análises apresentadas em seu livro *O Mundo Rural no Horizonte dos Jovens*¹⁸.

As apreciações apresentadas, segundo esses dois autores/as¹⁹, pautam-se no conceito de juventude rural como categoria de análise, e os seus estudos se direcionam a compreender a permanência e/ou a recusa de jovens na vida nos assentamentos. Esses referenciais são fontes importantíssimas para a pesquisa e não serão descartados, já que há concordância com as preocupações e análises elaboradas por esses/as estudiosos/as e a realidade observada nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu.

No entanto, acreditamos que o conceito de rural é amplo e possui vários significados para assentadas/os e jovens, de acordo com suas experiências e/ou como classificam as condições sociais em que vivem. Por isso, o presente estudo compreende o termo juventudes do campo. E o campo, nesta análise, será abordado como categoria que perpassa representações sociais construídas no cotidiano das/os jovens moradoras/moradores nesses espaços – e se difere, portanto, do conceito juventude rural apresentado por Castro (2005) e Stropasolas (2006), e jovens sem-terra, categoria de estudo de Branco (2003).

Esta categoria implicou-nos uma análise ampla para o estudo das juventudes, ao passo em que a atenção direcionou-se para a compreensão do autorreconhecimento, bem como para as possíveis aproximações vividas entre as gerações de mães, pais, filhas e filhos, seguidas dos desafios produzidos no cotidiano de mulheres-jovens e homens-jovens nesses assentamentos.

Dessa forma, a escolha pela compreensão do termo “juventudes” no plural se efetiva devido às especificidades e multiplicidades desta categoria. Por meio da análise das pesquisas em campo, constatamos a existência de diferentes juventudes experimentando espaços e tempos com distintas realidades, formas de inserção e objetivos.

Nesse sentido, nos amparamos como o pressuposto teórico elaborado por estudiosas/estudiosos, como Esteves e Abramovay (2007), ao analisarem que “não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo,

¹⁷ Consultar referências bibliográficas ao final.

¹⁸ Consultar referências.

¹⁹ Uma análise mais ampla desses estudos será realizada no capítulo I desta dissertação.

com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades”. (ESTEVEES e ABRAMOVAY, 2007, p. 21).

Assim, ao investigarmos as juventudes, buscamos compreender a pluralidade de possibilidades de *ser* e de *viver*²⁰ nos assentamentos e reconhecer as diferentes culturas e identidades juvenis. Contudo, sabemos ser impossível considerar todas as especificidades de grupos e/ou pessoas, principalmente, por se tratar de uma realidade dinâmica e de uma história em andamento.

Daí a preocupação com a vida das juventudes no âmbito dos assentamentos rurais, como também com as dificuldades de permanência na terra, suas vivências, a participação e organização das relações sociais construídas nesses espaços, que, muitas vezes, vêm acompanhadas dos desencantamentos frente à vida no campo²¹.

No que se refere às alterações, a pesquisa sofreu modificações quanto ao número de assentamentos rurais e ao grupo inserido na pesquisa. A proposta inicial envolvia três assentamentos²², e seria desenvolvida com quarenta e seis famílias. Todavia, foi restringida aos assentamentos Santa Rosa e Guaçu, e passou a ser realizada com um grupo de vinte indivíduos.

Em decorrência dessa alteração, foi necessária uma nova delimitação para o estudo das juventudes nesses assentamentos rurais. Neles, as relações sociais construídas entre indivíduos e famílias²³ estão imbricadas por identificações e reconhecimentos entre grupos e pessoas, fortalecidas por uma organização composta por quatorze grupos²⁴. Portanto, esta delimitação da pesquisa se efetivou diante da organização dos grupos dos dois assentamentos, resultado da história de “luta” no acampamento – conquista da terra – e permanece até os dias atuais, com reflexos no cotidiano das juventudes e famílias assentadas de tal forma que a análise não poderia deixar de incluir todos os grupos.

Além disso, a proximidade, o contato e o conhecimento que se tinha desses assentamentos, devido ao desenvolvimento de outros projetos de pesquisas já citados,

²⁰ Esta reflexão tem como referência a análise elaborada por Teresinha D’Aquino (1996), sobre os modos de vida e modos de ser no assentamento. A autora concebe “os modos de *ser* e de *viver* nos assentamentos como construções coletivas, a partir de experiências passadas (lembranças) e dos projetos de futuro (sonhos), numa dada conjuntura”. (D’AQUINO, 1996, p. 05). Ver referências bibliográficas.

²¹ Em seus estudos, Farias (2006) analisa que o encantamento pela vida calma e tranquila no campo, algumas vezes, também vem acompanhado do desencantamento frente às dificuldades de sobrevivência na terra, já que os assentamentos rurais são espaços imprecisos e envolvidos por desafios.

²² Como dito, esses três assentamentos eram Santa Rosa, Guaçu e Tamakavi.

²³ Ao nos referirmos à família, reconhecemo-la não como um grupo nuclear, mas como arranjos diversificados, formada por filhas e pais, mães e irmãos, netos e avôs.

²⁴ Uma reflexão mais profunda no que diz respeito à divisão em grupos dos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu será desenvolvida no capítulo II desta dissertação.

possibilitaram maior acesso aos grupos sociais constituídos nesses espaços. Por haver uma aproximação e um reconhecimento entre pesquisadora e pesquisadas/os, encontramos interesse por parte dos grupos em participar da pesquisa, o que possibilitou o estabelecimento das redes de relações sociais.

Ao mesmo tempo, reconhecemos que o período de pesquisa é delimitado, de modo que dois anos para conclusão do mestrado são relativamente curtos em consideração às demais atividades que devem ser realizadas. Isso, especialmente, porque, ao se trabalhar com pesquisa qualitativa – primando pela análise das relações sociais e pela metodologia da História Oral – se requer atenção e tempo para compreender as subjetividades, além dos devidos cuidados na realização dos procedimentos necessários às entrevistas e transcrições.

A esse respeito, Neves (2000) afirma que a História Oral se constitui como produção intelectual e histórica e, por isso, demanda um esforço duplo da/o pesquisadora/o:

O esforço do historiador quando utiliza a metodologia da história oral é, no mínimo, duplo: deve voltar-se tanto para o estímulo ao afloramento aberto e dialético do ato de rememorar do depoente, quanto para a realização de uma operação intelectual que demanda crítica e análise, especialmente na fase de preparação dos roteiros das entrevistas e na de análise e interpretação do documento produzido. (NEVES, 2000, p. 112).

Por isso, consideramos que a análise do assentamento Tamakavi será oportuna para uma etapa futura de formação profissional, pois, além do tempo disponível, o deslocamento para os assentamentos não é fácil – e para este ainda mais – em decorrência das distâncias e condições das estradas. Avaliamos que é preferível uma compreensão rigorosa e cuidadosa, a uma análise ampla e superficial que poderia incorrer em equívocos.

Como proposto no anteprojeto de mestrado, a pesquisa foi realizada com as duas gerações indicadas, ou seja, com a geração de assentadas/os mães e pais e a geração de filhas e filhos que permanecem nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu, este último grupo o principal colaborador da pesquisa.

Para iniciarmos a realização da pesquisa (a permanência nos assentamentos, as entrevistas e a aplicação dos formulários semiestruturados), houve o estabelecimento de um diálogo conduzido pela responsabilidade social (AMADO, 1997), direcionado às/aos jovens para sabermos sobre o interesse em participarem da pesquisa, o que permite e aproxima a observação em campo da compreensão das formas de falar de si e a livre escolha para fazer parte do processo.

Com isso, procuramos desenvolver uma análise sobre as concepções e as representações produzidas pelas juventudes do campo, sem perder de vista a perspectiva de

gênero, os desejos e as aspirações que transcorrem às gerações de mães, pais e jovens que vivem nos assentamentos por almejarem projetos com qualidade de vida.

Diante de momentos distintos, realizamos a pesquisa em campo levando em consideração alguns critérios previamente estabelecidos, como entrevistar:

- Mulheres-jovens e homens-jovens moradoras/moradores dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu com diferentes faixas etárias;
- Algumas famílias, ou seja, mães e pais das/os mesmas/os jovens;
- Famílias com filhas e filhos que já saíram dos assentamentos para outros lugares, cujas/os mães e pais permanecem na terra;
- Assentadas/os que participaram da “luta” pela terra e da constituição do acampamento.

No que diz respeito aos grupos jovens e famílias da pesquisa, as escolhas foram feitas aleatoriamente, ou seja, sem nenhum critério prévio para determinar quais jovens seriam entrevistadas/os. A atenção se voltou a investigar a multiplicidade de significações que caracterizam o que é ser “jovem” para uma/um e outra/outro pessoa/indivíduo, assim como representações, construções e relações que orientam os desejos das juventudes para além de uma definição etária.

Assim, nos dois assentamentos inseridos na pesquisa – o assentamento Santa Rosa, constituído por sete grupos, e o assentamento Guaçu composto por outros sete –, realizou-se um total de doze entrevistas no primeiro, e oito entrevistas no segundo. Ao mesmo tempo, foram aplicados quinze formulários aleatoriamente para conhecimento das juventudes e famílias assentadas, coletou-se os relatos e conversas informais de que se têm registros no caderno de campo, proporcionados pela observação direta da mestrand/pesquisadora.

Ademais, a pesquisa desenvolveu-se com fontes distintas, como documentos e arquivos de Conselhos e órgãos referentes às juventudes, arquivos digitais de pesquisas, aplicação de formulários semiestruturados, observações com anotações de impressões em caderno de campo e fontes orais. Para a análise apresentada neste momento, contemplou-se o conteúdo das entrevistas e dos formulários semiestruturados aplicados em campo, além das impressões anotadas em diário de campo²⁵, possibilitadas pela observação. Essas técnicas fazem parte da construção de uma pesquisa que não é linear ou estática, mas se constitui em orientações para os caminhos a serem percorridos.

²⁵ O diário de campo é um recurso de pesquisa especialmente utilizado pela etnografia que, nas reflexões de Andrade (1997), define o esforço intelectual da/o pesquisadora/o que objetiva uma descrição densa.

As fontes orais consistem, sobretudo, de entrevistas gravadas com mulheres-jovens e homens-jovens durante pesquisas em campo aos assentamentos Santa Rosa e Guaçu, de modo que as falas das/os entrevistadas/os possibilitaram compreender uma série de questões, como, por exemplo, a vida nos assentamentos, o cotidiano das juventudes, além de aspectos que envolvem o lazer, o trabalho, os direitos humanos, os meios de comunicação, a cultura, bem como as relações de gênero e geração, e ainda as dificuldades de permanência nos assentamentos de reforma agrária.

As entrevistas tiveram como base um roteiro construído pela mestranda/pesquisadora, no qual se contemplaram as problemáticas de pesquisa²⁶. Estes roteiros orientaram o melhor direcionamento das conversas, vistos os objetivos da pesquisa. As perguntas apresentaram flexibilidade a diversos temas e as entrevistas não se encerraram em perguntas fechadas, o que possibilitou a ampliação da análise de acordo com as necessidades surgidas nos caminhos de pesquisa.

Ainda no tocante às fontes orais, as entrevistas foram produzidas ora individual ora coletivamente, tanto com mulheres-jovens e homens-jovens quanto com suas famílias, quando estas se disponibilizaram a participar. Ou seja, em alguns momentos da pesquisa, construímos entrevistas com grupos coletivos, assim como, simultaneamente, com jovens, mães e pais.

Ademais, as conversas informais, realizadas com jovens no cotidiano dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu, possibilitaram compartilhar suas experiências, vivências, assim como compreender suas trajetórias e as de suas famílias. Por isso, essas fontes constituem-se de importância para o trabalho, inclusive para as reflexões que envolvem as relações de gênero, como a divisão sexual do trabalho, o posicionamento para atividades, e as decisões familiares.

Ao mesmo tempo, as observações durante as pesquisas, assim como as anotações produzidas em diário de campo, auxiliaram na compreensão sobre a vida das juventudes do campo e se constituíram como fonte relevante para registrar o cotidiano da pesquisa e o convívio que está representado no registro efetivado do próprio espaço e das relações sociais. (WHITAKER, 2002).

Isto é, além de um instrumento pessoal para a coleta de dados, o diário de campo nos proporcionou ainda expressarmos as diversas preocupações que nos guiaram nos caminhos da pesquisa, além de refletir a subjetividade da mestranda/pesquisadora, pois, como analisa

²⁶ O roteiro elaborado para as entrevistas segue os apêndices ao final desta dissertação.

Lima (2002), se caracteriza como um exercício de espontaneidade por parte da/o investigadora/o.

Contudo, desenvolvemos uma pesquisa atenta aos métodos trabalho, com prioridade para a análise das fontes escritas e orais, ao indagar o dito e o não dito, numa leitura que ultrapassou a escrita, as entrelinhas e as margens dos textos (CARDOSO, 2005). Daí a importância da análise das fontes para a escrita da história.

Por isso, na investigação, compreendemos a pesquisa como dupla construção que envolve atitude e prática teórica, com o objetivo de contribuir para o processo de interpretação e de análise histórico-social das juventudes. Como afirma Rüsen (2007, p. 139), “é preciso compreender os agentes, se se deseja saber o que realmente aconteceu por causa de suas ações.”

Diante da intensidade das relações expressas no cotidiano das juventudes, optamos pela observação passiva das diferentes dificuldades apresentadas pelas mulheres-jovens e homens-jovens. Mas, quando necessário, adotamos a intervenção programada (D'INCAO e ROY, 1995), em momentos, nos quais, por meio da pesquisa participativa, encaminhamos o desenvolvimento dos diálogos, a fim de maior objetividade nas conversas.

Mesmo assim, os cuidados teóricos e técnicos no trabalho com as fontes orais foram respeitados, bem como a compreensão da relação que se deve estabelecer entre entrevistada/o e entrevistadora/o, orientada pelos princípios de cooperação e respeito para o desenvolvimento de uma pesquisa com responsabilidade, ética e seriedade. (GARRIDO, 1993).

Da mesma forma, atentamos para a exigência a uma série de cuidados metodológicos, aliados à preocupação com a temporalidade, já que a pesquisa ocorre num tempo presente e reflete a história vivida pelas juventudes, e a história construída pelas/os mães, pais e assentadas/os. (PRIETO, 1995).

Com relação ao trabalho de realização das transcrições, mantivemos a originalidade das entrevistas, porém, quando preciso, foram feitas correções gramaticais, assim como a supressão de repetições, para melhor compreensão da/o leitora/o. Para tanto, pautamos o estudo nas análises apresentadas por Dulce Whitaker (2002), quando esta autora reconhece que “respeitar o entrevistado implica, portanto, reproduzir apenas os *erros* de sintaxe, isto é, as formas peculiares de articulação do discurso. Escrever corretamente o léxico (sem erros ortográficos) nos parece fundamental para reforçar este respeito”²⁷. (WHITAKER, 2002, p. 117).

²⁷ Grifos da autora.

Assim, considerando o “profundo sentimento de responsabilidade” da/o pesquisadora/o (AMADO, 1997, p. 149), as correções não alteraram o sentido das falas das/os entrevistadas/os, já que foram priorizadas as características expressas, principalmente, pelos dizeres, entoações, formas próprias de expressões, atitudes durante a realização das entrevistas e pausas, em respeito às diversas formas de participação e manifestação dos indivíduos. Quanto à identificação das/os entrevistadas/os, os nomes reproduzidos nas entrevistas são reais.

Enfim, as pesquisas em campo nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu realizaram-se durante os meses de novembro de 2010, dezembro de 2010, fevereiro de 2011, julho de 2011, agosto de 2011, novembro de 2011 e fevereiro de 2012²⁸. As entrevistas completas estão gravadas em formato tipo Wave, e somam um total de dezesseis arquivos, além de outros quatro arquivos tipo clipe de filme, que foram produzidas nos momentos das reuniões, e de rodas de conversas em grupo coletivo com as/os jovens. Todas as entrevistas encontram-se transcritas e cada uma possui duração que varia em torno de 26 minutos a 1h50 min.

Para cada entrevista gravada, respectivamente há as autorizações elaboradas anteriormente às idas em campo. Desse modo, nas visitas, já estávamos com as cartas de cessão de direitos impressas para serem devidamente autorizadas e assinadas pelas/os entrevistadas/os.

Assim, muitas fontes foram produzidas por meio das pesquisas em campo, como as filmagens em momentos das reuniões e/ou em conversas com jovens, bem como as fotos registradas do cotidiano das juventudes²⁹. Estas se encontram organizadas no arquivo pessoal da mestranda/pesquisadora. Ainda, há os formulários que foram aplicados nas pesquisas em campo.

No que diz respeito aos arquivos das transcrições, as fontes de pesquisa serão disponibilizadas para consulta pela mestranda/pesquisadora. Esses materiais estarão no LEF da UFGD. Acreditamos que as entrevistas transcritas se constituirão em fontes para futuras pesquisas sobre as juventudes do/no campo, considerada a amplitude das questões elaboradas no momento de realização das entrevistas, que certamente poderão despertar a investigação em outras/os estudiosas/os.

²⁸ Esta última visita a campo se pautou apenas no exercício de observações, ocasião em que a mestranda/pesquisadora, por ter realizado todas as entrevistas necessárias, optou por examinar atentamente o cotidiano das juventudes.

²⁹ Optamos por não utilizar as fotografias, devido ao pouco tempo para realização do trabalho com estas fontes - uma vez que a pesquisa envolve o estudo minucioso de fontes orais - bem como para a análise iconográfica, que requer outros cuidados metodológicos. Por isso, as fotografias registradas sobre o cotidiano das juventudes foram arquivadas pela mestranda/pesquisadora.

Estrutura da Dissertação

Esta dissertação encontra-se dividida em três capítulos. Atentas aos objetivos da pesquisa, procuramos trabalhar nos capítulos aspectos relacionados ao cotidiano dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu com ênfase para as representações construídas pelas juventudes nesses espaços sociais. Por isso, as análises envolvem trabalho, educação, relações de gênero, gerações e desejos de construção dos projetos de mulheres e homens de maneira relacional; e os temas são apresentados simultaneamente durante toda a escrita da dissertação.

Ao mesmo tempo, diante da natureza da pesquisa, priorizamos o trabalho com as fontes orais, como também com as observações produzidas em campo, uma vez que estas se constituem fonte essencial para a pesquisa. Assim, procuramos envolver, desde o início do Capítulo I, as/os entrevistadas com atenção especial para a relação prática e teoria. As entrevistas produzidas em campo enriquecem a pesquisa – mas não a esgotam³⁰ –, porque buscaram relatar, representar, indicar e ressignificar o cotidiano, os lugares e os tempos, nas palavras de Le Goff (1990, p. 474) “os lugares da História”, isto é, os lugares dos assentamentos onde se constroem as experiências históricas dessas juventudes.

No Capítulo I, intitulado “Contextualização Histórico-Social da Categoria Juventudes”, apresentamos as análises e definições referentes a estudos e pesquisas realizados sobre as juventudes. Durante o levantamento bibliográfico, verificamos a carência de pesquisas realizadas sobre mulheres-jovens e homens-jovens em assentamentos rurais, sobretudo, no que tange à perspectiva histórica, já que, em sua maioria, os estudos são desenvolvidos na área da Sociologia.

Na discussão teórica iniciada neste primeiro capítulo, posicionamo-nos na compreensão das juventudes em sua pluralidade, atitude que defendemos não somente neste capítulo, mas nos outros dois seguintes. Além disso, não definimos um conceito para o estudo das juventudes, momento em que analisamos as juventudes como uma categoria construída histórica e socialmente. A esse respeito, desenvolvemos algumas análises.

³⁰ No momento em que realizamos o trabalho com as fontes orais, reconhecemos que estas se constituem fontes inesgotáveis para a pesquisa. De acordo com Portelli (1997, p. 37), “o trabalho histórico que se utiliza de fontes

O Capítulo II, “Juventudes Que Vivem Nos Assentamentos Rurais Santa Rosa e Guaçu”, evidencia o estudo em torno do cotidiano vivido pelas mulheres e homens nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu. Desenvolvemos a reflexão no que se refere às gerações de mães, pais, filhas e filhos nesses assentamentos, ao mesmo tempo, em que buscamos contemplar as dificuldades e os desafios vividos pela geração de filhas e filhos para a permanência na terra. Ainda nesse capítulo, contemplamos a análise sobre campo e cidade, oportunidade em que destacamos os processos de autorreconhecimento das juventudes e as aspirações de mães e pais diante da vida nos assentamentos.

No Capítulo III, “Mulheres-Jovens e Homens-Jovens: Os Modos de Ser e de Estar no Campo”, é ampliada a compreensão acerca do cotidiano das juventudes, momento em que destacamos o vivido e as representações sociais construídas por mulheres e homens sobre a vida nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu. Nesse capítulo, voltamos à análise para as relações de gênero, ocasião na qual relatamos algumas experiências vividas pelas juventudes nos espaços desses assentamentos rurais. Analisamos também a construção das relações de sociabilidades entre as juventudes do campo e as famílias assentadas, oportunidade em que apresentamos uma reflexão sobre os espaços que as juventudes (re) criam nos assentamentos para suas práticas de lazer. Por fim, serão apresentadas as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos.

orais é infundável, dada a natureza das fontes: o trabalho histórico que exclui fontes orais (quando válidas) é incompleto por definição”.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DA CATEGORIA JUVENTUDES

Tem terra?

Não sem-terra! Baderneiro, vagabundo tem latifúndio.

Tem terra pra produzir?

Não sem-terra! Tem terra pra vender, cercar, produzir, comercializar aumentando cada vez mais meu capital.

Tem terra pra viver com filhos, filhas, netos e netas?

Não sem-terra! Tem terá pra quem tem dinheiro, têm terra para os futuros grandes fazendeiros.

Tem terra pra minha companheira, minha esposa?

Não sem-terra! Tem serviço doméstico, prostituição, violência, preconceito e discriminação. Para as mulheres não tem lugar.

Então não tem terra para o camponês?

Não sem-terra! Tem monocultura, tem transgênicos, agrotóxicos. Tem muito sangue derramado, tem Dorcelina, tem brasiguaios e muitos outros/as companheiros/as derrubados.

Mais então não tem espaço na terra para minha família?

Tem meu companheiro! Tem a Reforma Agrária, tem a sobrevivência pela agroecologia, tem a luta por uma sociedade mais igualitária e justa, tem a esperança pela sustentabilidade do homem no campo.

Viva a Reforma Agrária!

(Adaptado da poesia Genocíndio, do autor Emanuel Marinho)³¹

³¹ Produzido por: Daiane, Nilce, Sara, Jonathan, Ana Paula, Kátia, e apresentado em forma de música durante a festa de aniversário dos doze anos dos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu, em 04 de dezembro de 2010.

1.1. Juventudes: análise de diferentes definições

O que significa esta palavra quão difícil e/ou quase indecifrável? Um conceito ou uma categoria? Uma etapa da vida, um estado de espírito ou um fato social? Muito mais que uma palavra. Já dizia o filósofo e educador Pierre Furter (1967, p. 13), o estudo da juventude “se constitui tema envolvente, que preocupa e fascina ao mesmo tempo”.

Após diversos estudos e reflexões realizados ao longo desses anos de pesquisa, analisamos que há diversos significados construídos em torno das juventudes³². Da mesma forma, verificamos que a análise apresenta diferentes vertentes para estudiosas/os, sociólogas/os, antropólogas/os e historiadores/as. A esse respeito, Gilselena Garcia Guimarães (2008) afirma:

Para a Sociologia - [...] ³³, - a juventude que transita entre 15 e 24 anos, focaliza a figura do jovem inseguro dentro do contexto contemporâneo de futuro. Os estudos antropológicos [...], - defendem a juventude como uma nova visão dos elementos culturais. Considera uma fase enriquecedora e apresenta a criação de uma “Cultura Juvenil”. Para a História [...], - a juventude não pode ser definida porque depende de fatores temporais, espaciais e culturais, dentro do período que a sociedade está sendo estudada. Já para a Psicologia [...], - a juventude apresenta-se como uma fase natural, quase obrigatória, do desenvolvimento humano. (GUIMARÃES, 2008, p. 03-04).

Ao traçar um panorama das diferentes abordagens para o estudo, Guimarães (2008) destaca como, durante anos, diversas áreas se apropriaram da categoria de análise de juventudes. Reflete a autora que, concomitantemente, convencionou-se distinguir a adolescência da juventude, isso porque preferencialmente o termo adolescência é utilizado pela Psicologia – ciência que naturaliza a adolescência como uma fase de vida – sem considerar os fatores sociais que envolvem indivíduos, aspecto que torna as juventudes um campo privilegiado das Ciências Sociais, da Sociologia, da Antropologia, da História e da Educação.

³² O substantivo juventudes designa a categoria histórico-social estudada, sem distinção de classe social, sexo ou faixa etária. Será utilizado para refletir sobre as representações construídas pelos próprios sujeitos sociais sob sua condição juvenil. A fim de não sobrecarregar a escrita, a palavra juventudes será substituída também por jovens, mulheres-jovens e homens-jovens.

³³ O colchete seguido da reticência será utilizado para indicar supressão de palavras na mesma frase, sem provocar sentido de alteração na ideia elaborada.

As observações proporcionadas por meio das pesquisas em campo constituem-se importantes para esta reflexão, tendo em vista que nos momentos em que afloraram as impressões das mulheres e homens sobre sua condição geracional nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu, verificamos que os sujeitos sociais, preferencialmente, utilizam ou reconhecem o termo juventudes e/ou jovens para o seu tratamento, diferentemente de adolescentes.

Essas impressões foram possíveis por meio do olhar atento da/o pesquisadora/o ao trabalho de campo, que consiste “em levar a sério migalhas de informações e em tentar compreender de que maneira este detalhe individual, aqueles retalhos de experiências dão acesso a lógicas sociais e simbólicas que são as lógicas do grupo, ou mesmo de conjuntos muito maiores”. (REVEL, 1998, p. 13).

Ainda no tocante às diferenciações no reconhecimento da condição entre jovens e/ou adolescentes, avaliamos que essas distinções apresentam-se no campo teórico das análises, mas não banalizam tais categorias como rígidas e fixas. Os estudos de Pierre Furter (1967, p. 234) indicam que a adolescência e a juventude não se distinguem por nenhum início ou término marcado por qualquer “ritual, cerimônia ou sinal”.

Em seu livro, reconhecido internacionalmente, Furter (1967)³⁴ afirma que não há nenhuma definição legal para a maioridade juvenil. Ou seja, para o autor, a juventude não se define por nenhum marcador, ou pela existência de uma “idade da adolescência”, mas se trata de um período particular da vida humana, que pode alongar-se ou abreviar-se, conforme os indivíduos, as classes sociais, e as condições políticas e sociais. (FURTER, 1967, p. 235).

Essa análise vem ao encontro das pesquisas em campo, pois, no cotidiano dos assentamentos rurais, encontramos mulheres e homens que se autorreconheciam como jovens – e se destacavam por suas experiências de vida –, mas que apresentavam idades variadas.

Ao tratar dos períodos particulares da vida humana, a historiadora italiana Luisa Passerini (1996) reflete que, até o século XX, o debate sobre a adolescência estava inteiramente relacionado aos problemas sociais, no qual a concepção de juventude permeava a metáfora de mudança social.

Para esta autora, até a década de 1960, especialmente nos Estados Unidos, a juventude podia ser definida por uma metáfora social de um discurso que a sociedade conduzia sobre si mesma e sobre as próprias inquietudes. (PASSERINI, 1996).

³⁴ Trata-se do livro “Juventude e o Tempo Presente”. Ver referências bibliográficas.

Vale destacarmos que anterior a esse período, segundo análises de algumas/alguns estudiosas/os da vida cotidiana, não existiam concepções explícitas acerca da infância, da adolescência ou da juventude, sobretudo, durante o período compreendido pela Idade Média.

Nesse contexto, o historiador medievalista francês Philippes Airès (1981) declara que, somente a partir do final do século XIX e início do século XX, o conceito de adolescência adquiriu contornos específicos, ao mesmo tempo, em que as preocupações sobre como instruir as crianças para o mundo dos adultos passaram a alterar o modo de vida dos indivíduos e, conseqüentemente, alavancaram os estudos sobre jovens³⁵.

Com isso, historicamente, o ideal de juventude apenas foi institucionalizado no século XX, ocasião em que a juventude passou a ser estudada como fato social ou fenômeno coletivo, e adquiriu um caráter mais dinâmico e construído historicamente. (NOVALLI, 2009). Até então, os estudos tendiam a ser desenvolvidos especificamente nas áreas da Sociologia e da Psicologia, em Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais, em Extensão Rural ou em Educação.

Esses estudos, em sua maioria, apresentavam, especificamente, mais uma abordagem sociológica da questão, na busca por compreender a juventude como fase de vida envolvida no universo dos problemas sociais, do que de fato histórico e contextualizado das problemáticas que envolviam a sociedade.

A esse respeito, no trabalho sobre a Tematização Social da Juventude no Brasil, Helena Wendel Abramo (1997) tece importantes considerações sobre como, em vários momentos da história, as juventudes foram compreendidas de maneiras distintas. A autora pauta sua análise na compreensão das juventudes como uma categoria social e culturalmente construída, no que se refere à tematização dos estudos já realizados.

A abordagem da autora privilegia a investigação e considera as diferenças presentes entre as juventudes, as disparidades dos espaços vividos, e as mudanças que marcam a imersão na vida social e no mundo do trabalho, como a independência financeira.

As análises instigantes desta autora aproximam-se dos estudos realizados por outros/as pesquisadores/as como Marília Pontes Sposito (2009), Mirian Abramoway (2007), Celecina de Maria Veras Sales (2006), Valmir Luis Stropasolas (2006) e José Machado Pais

³⁵ Sobre os estudos referentes à juventude, Kátia Cibelle Machado Pirotta (2006) afirma que foi nos anos 1990 que se iniciaram os primeiros debates entre pesquisadoras/pesquisadores, movimentos e organizações acerca das juventudes, os quais buscaram enfatizar as singularidades das experiências de jovens e sua vulnerabilidade.

(1990). Essas/esses estudiosas/os apresentam em comum reflexões que orientam para a compreensão da categoria juventudes como histórica, social e culturalmente construída³⁶.

Ainda com relação à compreensão da categoria juventudes, Abramo (1997) demonstra que a preocupação com essa temática apresentou mudanças significativas ao longo dos anos. Destaca que conceitualmente, até os anos 50, a juventude era abordada como um problema social, e que com isso as/os jovens eram identificadas/os como sujeitos delinquentes e irresponsáveis por sua condição etária.

De acordo com esta autora, nas décadas de 1960 e 1970 constroem-se certos estereótipos sobre esta juventude, vista como ameaçadora da ordem social. Vale destacarmos que o Brasil nessas décadas vivenciava um momento de explosão de movimentos estudantis e ações de organizações não-governamentais, das quais as/os jovens participavam ativamente. Talvez daí resulte o sentimento de jovens ameaçadoras/ameaçadores da ordem social, que marcaram esses anos por uma geração idealista. (ABRAMO, 1997).

Em consequência, nos anos seguintes, acompanhamos ao que Abramo (1997) considerou a reviravolta das gerações. A autora aponta que, nos anos de 1980, vivemos a existência de uma juventude patológica, contudo indiferente, individualista e oposta à juventude da geração da década de 1960. A essa geração, Abramo (1997) analisa que eclodiu a geração atual dos anos de 1990, a juventude caracterizada como “semi-invisível” e negadora da própria identidade juvenil³⁷. (ABRAMO, 1997, p. 32).

Nas pesquisas em campo, investigamos como mães e pais caracterizam as juventudes dos assentamentos pesquisados – as considerações e definições sobre sua participação – a fim de compreender as identidades construídas nesses espaços sociais. Diante das análises das entrevistas realizadas, afirmamos que, em alguns momentos, também mães e pais caracterizam as juventudes dos assentamentos rurais como “semi-invisível”, dada a falta de participação social e atuação das/os jovens no cotidiano dos assentamentos rurais, fato observado nas falas de algumas/alguns entrevistadas/os. Segundo a mãe Marli:

Só que eu já falo e não deixo pra trás. Tem muito jovem que nega a sua própria identidade. Então eu acho que tem que sentar, organizar pra que eles concordem que os pais vivem aqui não ter vergonha de falar onde os pais vivem, do que vivem, sabe? [...] Eu vejo que eles não se incentivam, eles se recusam. Não é muito a favor de, de viver no sítio e também porque

³⁶ Estes são alguns dos aportes essenciais na análise das juventudes que embasam esta pesquisa.

³⁷ Ao considerar isso, Abramo (1997) tem o objetivo de questionar a construção que durante anos se fez da categoria juventudes, e por meio da provocação que inaugura em seu texto, busca atentar para a necessidade de valorizar nos trabalhos a própria experiência das/os jovens.

assentamento, né? Acampamento no...³⁸ Para os olhos, em pessoas que não entende, ele é muito discriminado e isso, a discriminação dali afeta os/as jovens. Eles se sentem intimidados, né? Tem vergonha. (Marli Santos da Cruz, 40 anos, 2011)³⁹.

Igualmente, na entrevista concedida por Paulo – homem envolvido com o movimento, líder de uma das associações⁴⁰ nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu, e atuante na organização da igreja –, é possível verificar a preocupação que o entrevistado demonstra com o distanciamento da participação e atuação juvenil.

Suas considerações pautam-se na comparação entre as gerações das juventudes anteriores e a da geração atual. Destaca que, anos anteriores, as/os jovens se organizavam muito mais, participavam ativamente dos movimentos, da coordenação de grupos, de catequese, de encontros e reuniões de jovens. Da maneira como fosse, mas as/os jovens estavam envolvidas/os.

O entrevistado afirma que essa característica participativa passa a diminuir e perde forças a partir dos anos de 1990, 2000 e 2010, e relata ainda que, atualmente, a participação das juventudes nos movimentos é muito frágil se comparada às organizações anteriores dos acampamentos e assentamentos. Em suas palavras, essa dificuldade se concretiza porque “hoje a juventude não tem essa mesma empolgação, mas e na época tinha. Eu me pergunto todo dia sobre isso”. (Paulo Dóe da Silva, 37 anos, 2011).

As observações do entrevistado apresentam importantes orientações teóricas para compreensão das representações que se construíram ao longo dos anos em torno das concepções sobre as diferentes juventudes, assim como para o entendimento dessa categoria como construída historicamente.

Da mesma forma, direcionam para o entendimento de duas correntes de estudos da sociologia da juventude utilizadas por Abramo (1997). A corrente geracional – em que a juventude é analisada como retrato projetivo da sociedade, observada pela ótica do problema social –; e a juventude analisada segundo a corrente da sociologia funcionalista, a qual

³⁸ A reticência será utilizada para indicar interrupção de frase e/ou pensamento.

³⁹ As entrevistas serão referenciadas/os pelo nome completo e sobrenome, seguido da idade e do ano de produção da entrevista. As demais informações como relação ao número do lote, do grupo, e assentamento serão apresentadas ao final no item, relação de fontes.

⁴⁰ Constatamos a existência de duas associações nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu, a associação Oito de Março e a associação Diamante Verde. O homem Paulo é líder da associação Oito de Março, e o representante de liderança da associação Diamante Verde foi identificado como Avarildo. Destacamos que a associação Oito de Março está mais diretamente envolvida em projetos e tem apoiado as ações de incubação da UFGD nesses assentamentos. Do grupo envolvido na pesquisa, os formulários indicam que apenas duas pessoas se reconheceram sócias/os da associação Diamante Verde, e o restante se identificou sócias/sócios participantes da associação Oito de Março.

compreende a juventude como um momento de transição no ciclo de vida e de integração dos indivíduos.

A reflexão atenta aos estudos possibilita-nos afirmar como essas correntes de análise, várias vezes, compreenderam as juventudes como um problema social à medida que o processo de desenvolvimento social e pessoal das/os jovens apresentaria falhas e necessidades de novos ajustes – ajustes esses, sempre que necessários feitos pelas/os adultas/os –, no momento de interação com a sociedade.

Nesse contexto, os trabalhos publicados no Brasil nos últimos 20 anos somam-se em grande parte à produção de relatórios, periódicos, livros e pesquisas de organizações não-governamentais que formam um conjunto de estudos, geralmente, voltados à preocupação com a situação das/os jovens urbanos⁴¹ e de camadas populares, versando sobre a situação atual de vida.

Em geral, também as pesquisas realizadas com as juventudes estão relacionadas às práticas e mais recentemente à compreensão das identidades coletivas e das culturas juvenis⁴². Contudo, analisamos que, essencialmente, essas pesquisas devem ser desenvolvidas a fim de desvendar as singularidades que envolvem as diferentes juventudes e de valorizar as experiências produzidas pelas/os próprias/os jovens, em consolidação a um campo de estudos que se amplia significativamente, mas que, ainda, necessita de avanços na compreensão das relações sociais construídas entre os sujeitos sociais e, sobretudo, entre suas gerações.

Os estudos de Helena Abramo (1997) também apontam para a necessidade de uma reflexão da categoria juventudes, segundo sujeitos protagonistas dos modos de experimentar e interpretar as situações problemáticas. Ao considerar essa necessidade, a autora busca inseri-los/as na participação dos processos de construção, invenção e negociação da cidadania e dos direitos sociais.

Esses estudos permitem-nos refletir sobre a maneira como as juventudes têm sido problematizadas na sociedade atual, e como as ideias do senso comum, ora vitimizam as/os jovens, ora colocam-nas/os como protagonistas dos problemas da sociedade atual.

Ao concordarmos com Pierre Furter (1967), entendemos que é por isso o gosto pelo secreto na/o jovem, que a/o distingue e a/o diferencia das/os outras/os pessoas/indivíduos.

⁴¹ Em seu texto sobre juventude rural, sexualidade e gênero, Maria de Assunção Lima de Paulo (2010) destaca como até a década de 90 os estudos e pesquisas pouco se referiam à juventude rural, e ao universo camponês. Ver referências bibliográficas.

⁴² Como expoente desses estudos, podemos destacar o importante historiador do século XX Eric J. Hobsbawm com seu livro *A Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)*, que essencialmente inaugurou a compreensão da cultura jovem como matriz da revolução cultural. Ver referências bibliográficas.

Para este educador, a juventude deve ser caracterizada como protagonista não dos problemas sociais, mas da vida, e encontra-se imbricada pelos diferentes encontros com outrem, encontro em que permanece associada à unidade dinâmica em transformação. Como unidade para Furter (1967, p. 210), a característica dinâmica e transformadora do gosto “pelo novo e pelo secreto”, é o que distinguiria jovens umas/uns das/os outras/os.

De acordo com a afirmação de Furter, não existe nenhuma idade biológica determinada por um tempo cronológico capaz o suficiente de delimitar o que são as juventudes. Com isso, em sua investigação, considera não somente a unidade dinâmica de transformação, mas o curso de vida e o processo de formação experimentado pelos indivíduos.

As contribuições de Furter (1967) se aproximam dos estudos realizados por Pierre Bourdieu (1983), uma vez que este último estudioso também não reconhece a existência de uma idade biológica para as juventudes. Segundo este autor,

A idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. (BOURDIEU, 1983, p. 02).

Nessa perspectiva, as reflexões de Bourdieu (1983) são válidas para este estudo à medida que o autor não delimita faixa etária para esses sujeitos sociais. Assim, ampliamos as representações sociais acerca das juventudes, em contraposição às concepções construídas dessa categoria, como uma unidade social. Para tanto, amparamo-nos no pressuposto teórico apresentado por Bourdieu (1983) de que somos sempre o jovem ou o velho de alguém – se comparado às faixas etárias – e de que a juventude e a velhice não são dados estatísticos, mas construções sociais.

Essas reflexões rendem importantes orientações para esta pesquisa, pois, em vários momentos, mulheres e homens associaram sua condição, ou seja, se de jovens ou não, à idade de outras/os pessoas/indivíduos. Ou seja, se comparadas as faixa etária de mães e pais, as filhas e filhos são jovens, porém se comparadas as faixa etária de irmãs/irmãos de menor idade, essas/esses mesmas/os filhas/os são velhas/os.

Além disso, em pesquisas em campo, muitas mulheres-jovens e homens-jovens relacionaram a condição juvenil ao estado de espírito e às características sociais que representam a audácia pelo viver e pelas “lutas” cotidianas. Como salienta o entrevistado,

“essas questões estimula envolve e motiva as juventudes a fazer a frente”. (Paulo Doé da Silva, 37 anos, 2011).

As apreciações, segundo Furter (1967) e Bourdieu (1983) – de que não existe uma idade biológica definida para o início e o término das juventudes, bem como nenhuma determinação exata deste curso social da vida humana –, exercem importantes concordâncias com este estudo, haja vista que as juventudes são experimentadas pelos indivíduos de formas diferenciadas⁴³.

No entanto, de acordo com o levantamento bibliográfico realizado sobre as pesquisas produzidas no Brasil, percebemos que, em diferentes situações, ainda é utilizada a definição etária para a caracterização das juventudes. Isso, principalmente, para órgãos do governo e do Estado e para o direcionamento de políticas públicas. A classificação etária serve ainda como parâmetro social para o reconhecimento da condição juvenil e se torna referência imprescindível para a elaboração de políticas destinadas a esse grupo. Para o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE),⁴⁴ é considerado:

No aspecto da categoria etária, ainda que se incorra em imprecisões, - pois em algum nível toda categorização é, obrigatoriamente, imprecisa e injusta - é considerado jovem no Brasil o cidadão ou cidadã com idade compreendida entre os 15 e os 29 anos. (CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE, 2006, p. 05).

A definição é norteadas pelos princípios sociais que regem a Política Nacional de Juventude, instituída por meio da Medida Provisória n° 238, assinada e aprovada em lei pelo Presidente da República em 1° de fevereiro de 2005.

De acordo com essa definição, as/os jovens seriam compreendidas/os em três subdivisões etárias: de adolescentes-jovens, de jovens-jovens e de jovens-adultos: “adolescentes-jovens (cidadãs e cidadãos com idade entre os 15 e 17 anos), jovens-jovens (com idade entre os 18 e 24 anos) e jovens adultos. (cidadãos e cidadãs que se encontram na faixa-etária dos 25 aos 29 anos”. (CONJUVE, 2006, p. 05).

A Política Nacional de Juventude é o resultado da primeira etapa de trabalho e de construção democrática realizada pela Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) e pelo CONJUVE. A criação dessas instâncias proporcionou reforçar a dimensão das políticas juvenis

⁴³ Ao fazer esta afirmação, defendemos a ideia de que não existe apenas uma, mas diferentes juventudes. Esta análise será contemplada no próximo subitem deste capítulo.

⁴⁴ Criado pela Lei n° 11.129/2005, e regulamentado pelo Decreto Presidencial n° 5.490, de 14 de julho de 2005, o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) tem a finalidade de formular e propor diretrizes de ação governamental voltadas à promoção de políticas públicas de juventudes.

e permitiu incluir na agenda do Brasil políticas públicas voltadas, especificamente, às/aos jovens, experiência até então inédita no país⁴⁵.

Por meio desses dois importantes órgãos, iniciou-se o lançamento de programas com o objetivo de incluir as juventudes na agenda política e proporcionar sua formação integral, como o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM)⁴⁶, e mais recentemente o Programa Nacional de Educação no Campo (PRONACAMPO)⁴⁷.

Além desses programas, desde o ano de 2005, da criação do CONJUVE, acompanharam-se algumas conquistas para a juventude brasileira. Importantes medidas foram tomadas para o estabelecimento de diretrizes para a Política Nacional de Juventude, e, a diante, afirmativas do Conjuve contribuíram para a aprovação do projeto de lei que regulamentou o Estatuto da Juventude⁴⁸ pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado Federal.

Percebemos que se antes tínhamos no Estatuto da Criança e do Adolescente o Artigo 2º, que amparava como adolescente “aquela entre doze e dezoito anos de idade” (ECA, 1990, p. 01), com a Política Nacional de Juventude, as/os jovens passam, de fato, à defesa da ampliação das possibilidades de participação social e de conquista de seus direitos.

Essas reflexões influenciam para o conhecimento que se tem construído acerca do significado de ser jovem, bem como para o direcionamento de políticas de inclusão deste grupo na agenda pública. Contudo, reconhecemos as implicações que a caracterização etária

⁴⁵ Em seu estudo, Helena Abramo (1997) analisou que diferentemente de outros países como na Europa e nos Estados Unidos, no Brasil até a década de 90 não haviam políticas públicas destinadas em específico às/aos jovens.

⁴⁶ De acordo com a Secretaria Nacional da Juventude e o Conselho Nacional da Juventude (2010), o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM) visa a proporcionar a formação integral das/os jovens por meio da associação entre a formação básica, qualificação profissional e participação cidadã. O programa compreende quatro modalidades: PROJOVEM Adolescente, PROJOVEM Urbano, PROJOVEM Campo e PROJOVEM Trabalhador.

⁴⁷ No ano de 2012, da escrita da dissertação, a presidente da república Dilma Rousseff lançou o Programa Nacional de Educação no Campo (PRONACAMPO). Pela ementa do programa, o objetivo consistia em formar professoras/professores, educar jovens e adultos, e garantir práticas pedagógicas, a fim de reduzir as distorções educacionais do campo brasileiro. Além disso, o programa visava a atender escolas do campo e quilombolas em quatro eixos: gestão e práticas pedagógicas, formação de professoras/professores, educação de jovens e adultos, e educação profissional e tecnológica. Essa iniciativa também prevê eixos estratégicos para tornar o campo um lugar valorizado e com qualidade para agricultoras/agricultores criarem filhas/os. O programa foi lançado no dia 20 de Março de 2012. A matéria encontra-se disponível no noticiário “Programa Implementa Educação no Campo”, no link abaixo:

http://www.sed.ms.gov.br/index.php?templat=vis&site=98&id_comp=213&id_reg=170104&voltar=lista&site_r eg=98&id_comp_orig=213 Acesso em: 21/03/2012.

⁴⁸ O Estatuto da Juventude é um Projeto de Lei de nº 569/01, que teve sua iniciativa apontada pelo vereador Carlos Alberto Bezerra Junior (PSDB) na Câmara Municipal de São Paulo. Para fins de análise, este Estatuto objetiva não conflitar com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e segue a metodologia utilizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), para caracterização das juventudes (jovens até os 25 anos de idade). É mencionado na dissertação para apreciação da/o leitora/o, quanto ao direcionamento das juventudes nas

reproduz para o estudo das juventudes, e por isso, no desenvolvimento da pesquisa, abrimos mãos de todo o determinismo, ao qual o estudo das juventudes esteve ligado⁴⁹. Isso ocorre por acreditarmos que essa classificação (por idade) impõe limites e produz uma ordem fixa para a delimitação das juventudes.

Desse modo, a questão etária foi destacada somente na escrita final da dissertação, já que no momento da realização das pesquisas em campo não nos limitamos à idade das/os entrevistados/as como um dado naturalizado, mas buscamos compreender as juventudes pelo próprio reconhecimento de cada pessoa/indivíduo. Agora, esses dados nos servem como característicos para a análise histórica e socialmente situada das juventudes.

Diante disso, analisamos que o curso da vida das/os pessoas/indivíduos não é estável, fixo, e não se constitui de maneira linear, mas são experimentados por mulheres e homens de diferentes maneiras, e por isso são construídos historicamente.

1.2. Juventude e/ou juventudes: pluralidade sociocultural

De acordo com a Política Nacional de Juventude, “ser jovem é uma condição social com qualidades específicas e que se manifesta de diferentes maneiras, segundo características históricas e sociais”. (CONJUVE, 2006, p. 05). Essas diferentes maneiras de ser jovem são marcadas por uma multiplicidade de experiências, de identidades, e de posições de relacionar-se e de viver a vida.

Em seus estudos, Marília Pontes Sposito (1993, p. 162) analisa que o “termo juventude é revestido de um caráter histórico-social”. É caracterizado como um momento de vida, por isso é histórico, e pode ser traçado sob o ponto de vista relacional, ou seja, a partir das relações que a/o jovem mantém com o mundo a sua volta.

Nessa perspectiva, temos um desafio no estudo: analisar as relações intergeracionais, isto é, as construções sociais entre diferentes sujeitos, mulheres e homens. Refletir tais relações pressupõe analisar, no âmbito histórico e social, as diversidades presentes entre jovens, o que permite a visibilidade desses sujeitos, em contraposição aos estereótipos pré-

diferentes instâncias do poder público. Semelhante ao Código Civil de 2002, este Estatuto também incorpora que a menoridade se encerra aos 18 anos de idade, quando as/os jovens assumem os atos da vida civil.

⁴⁹ Autoras/autores como Helena Abramo (1997), José Machado Pais (1990) e Heloísa Helena Teixeira de Souza Martins (2005) discutem essa questão.

construídos sobre as juventudes, que, na maioria das vezes, dificultam e/ou impedem sua participação social.

Dessa forma, investigamos as juventudes não somente como objeto de estudo, mas consideramos esse grupo como sujeitos histórico-sociais inseridos em um contexto social, econômico, histórico e cultural e em constante interação.

Verificamos que há uma ampla e vasta bibliografia produzida sobre o tema, assim como diversas pesquisas desenvolvidas no Brasil, que cada vez mais apresentam variações. Essas variações, segundo relatório apresentado sobre o trabalho referente à juventude pela Organização das Nações Unidas Para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), se concretizam pelo fato de:

O conceito de juventude, insiste-se, varia de acordo com a ciência que o utiliza e a corrente de pensamento em pauta. Além disso, há que se considerar que o contexto social, histórico e econômico influencia diretamente a construção do conceito, bem como critérios de diversidade como raça, gênero e localidade geográfica. (UNESCO, 2004, p. 93).

Orientadas por questões relacionadas a essa noção, reconhecemos a relevância que as contribuições de diferentes pesquisadoras/pesquisadores, sociólogos/os, antropólogos/os e educadoras/educadores exercem para a pesquisa, motivo pelo qual fizemos uso de toda compreensão possível dos trabalhos já realizados em diversas áreas do conhecimento.

Aliados a esse fato, reconhecemos que o trabalho com fontes orais requer um diálogo e uma “relação dialética” entre vários registros e/ou diferentes fontes, o que permite a interdisciplinaridade e a interligação dos saberes. (GARRIDO, 1993, p. 40).

A partir das reflexões realizadas por meio do levantamento bibliográfico, constatamos que a maior dificuldade na análise está no que tangencia a compreensão das juventudes em sua pluralidade, tomada pelo critério sociocultural desprendido dos embates quanto ao caráter etário da sociologia funcionalista.

Amparadas nos pressupostos teóricos apresentados pela sociologia da juventude⁵⁰ e pautadas nas análises realizadas por José Machado Pais (1990), que versam que a juventude é

⁵⁰ A questão central que se coloca na sociologia da juventude é o fato de analisar não somente as possíveis similaridades entre grupos sociais de jovens, mas explorar as diferenças sociais presentes entre elas/eles. No entanto, em análise, José Machado Pais (1990) afirma que a própria sociologia da juventude tem vacilado entre as duas tendências que a seguem: a da juventude - como pertencente a uma dada fase da vida, com aspectos uniformes, homogêneos, e que fariam parte de uma cultura juvenil específica, definida em termos etários-, e a da juventude como um conjunto social diferente, diversificado produzido por diferentes culturas juvenis, mas que apresentariam universos sociais que não teriam nada em comum. Para o autor, a primeira sociologia apresentaria um caráter simplista, e a segunda uma linha mais difusa e generalista. Daí o desafio colocado pela necessidade de “desconstrução sociológica de alguns aspectos da construção social (ideológica) da juventude, que nos é dada como entidade homogênea”. (PAIS, 1990, p. 146).

uma construção social, têm sentidos completamente diferentes e por isso deve ser refletida em seus diversos contextos, vivências e cotidianos, concordamos com o emprego do termo juventudes no plural. Isso por acreditarmos na enorme gama de possibilidades presentes no estudo⁵¹.

Ademais, o embasamento da categoria juventudes para este estudo foi buscado nos fundamentos apresentados por diversas/os pesquisadoras/pesquisadores e pelo reconhecimento das próprias mulheres-jovens e homens-jovens dos assentamentos pesquisados. Entre as referências centrais, destacam-se José Machado Pais (1990), Helena Wendel Abramo (1997), Regina Novaes (2010), Marília Pontes Sposito (2009), e Luís Antonio Groppo (2000).

Um elemento comum e central na análise dessas/desses pesquisadoras/pesquisadores é o compartilhamento da existência de diversas juventudes. Também analisam que as identidades juvenis se mostram cada vez mais complexas nas sociedades atuais devido aos múltiplos processos de construção e experimentação das trajetórias das/os pessoas/indivíduos.

Destacamos os estudos do sociólogo Luís Antonio Groppo (2000), à medida que, ao propor o termo juvenilização⁵², analisa a multiplicidade de juventudes, e salienta que pelas juventudes estende-se a compreensão para a diversidade, assim como para as possibilidades de contradições presentes. Por sua análise, afirma:

Na verdade, reconhecer a diversidade das juventudes não significa desistir do objetivo de entender por que a modernidade criou e recria a própria possibilidade da juventude. A criação das juventudes é um dos fundamentos da modernidade, e a existência da multiplicidade quase que incontrolável de juventudes é um sinal de que este fundamento, assim como outros fundamentos da modernidade, possui suas contradições. (GROPPO, 2000, p.18 *apud* NOVALLI, 2009, p. 42).

Em seus estudos, Groppo compreende várias entidades ou o que chama de categorias sociais – o estado, a escola, o trabalho – como atributos construídos da modernidade. Defende ainda que tais categorias sociais modificam-se de acordo com a época e o contexto social, histórico e cultural em que estão envolvidas. Assim também se constitui as juventudes, como representação sócio-cultural, e situação social. (GROPPO, 2000).

⁵¹ Todavia, como demonstrado por Luiz Carlos Gil Esteves e Miriam Abramovay (2007), isso não quer dizer que daremos conta de todas as especificidades presentes nesta categoria.

⁵² Termo utilizado por Groppo (2000, p.43) para “expressar a juventude como categoria social determinante para a consagração e a efetivação de mudanças ocorridas principalmente a partir da segunda metade do século XX que acabaram contribuindo para o estabelecimento de uma nova lógica de consumo nas sociedades ocidentais”. Ver Referências Bibliográficas.

Ao encontro dessa reflexão, Pais (1990) propõe a análise das juventudes segundo dois eixos semânticos: de unidade e de diversidade. “Como aparente unidade (quando referida a uma fase de vida) e como diversidade (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros)”. (PAIS, 1990, p. 149).

As contribuições deste pesquisador estão acerca das considerações sobre a necessidade de uma atenção epistemológica “que nos obriga a partir do pressuposto metodológico de que, em certo sentido, as juventudes não são, com efeito, socialmente homogênea”, mas socialmente divididas dado seus interesses, suas origens e perspectivas. (PAIS, 1990, p. 149).

Os estudos de Pais (1990) apresentam importantes orientações teóricas ao passo que, diversificada e heterogênea, as juventudes apresentam diferentes características, anseios, assim como distintas formas de organização e participação nas sociedades, pois, como afirma Castro (2005), compreender a juventude constitui-se uma “aventura antropológica” em analisar os processos de construção dessa categoria. (CASTRO, 2005, p. 12).

De acordo com os estudos realizados por Luiz Carlos Gil Esteves e Miriam Abramovay (2007), “não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades”. (ESTEVES e ABRAMOVAY, 2007, p. 21). Para essa/esse autora/autor, as juventudes são compreendidas como construção social e, que ao serem produzidas pela sociedade, apresentam múltiplas formas, referências e diversidades.

Essas análises se completam nas experiências em campo e nos possibilitam compreender que os grupos – dos quatorze que compõem os assentamentos Santa Rosa e Guaçu – são constituídos por juventudes heterogêneas. Ou seja, as/os jovens que compõem esses grupos se relacionam de maneiras distintas e se envolvem em atividades diferenciadas, de acordo com os objetivos e as relações sociais construídas por cada mulher-jovem e homem-jovem.

Ao retomar as análises de Pais (1990), como em Esteves e Abramovay (2007), igualmente observamos a multiplicidade de juventudes, em decorrência da existência de grupos juvenis diferenciados. Em Pais (1990), percebemos ainda que no momento em que o autor afirma as diferentes culturas juvenis, como conjunto de significados compartilhados, reconhece igualmente que os grupos juvenis apresentam características particulares, específicas e que sofrem influências multiculturais.

Por esse motivo, ratificamos que não podemos considerar as juventudes um grupo homogêneo, nem tão pouco acreditar que é vivida da mesma forma por todas/os as/os jovens, visto que apresenta significados diferenciados para mulheres e homens.

Nesse sentido, pesquisas atuais têm trabalhado, em especial, a necessidade de compreensão das diferentes juventudes. Ao mesmo tempo, as pesquisas indicam que hoje as juventudes são a maioria, de modo que somente no Brasil estima-se que há 50 milhões de jovens, o que representaria 26% da população brasileira. Essa maioria apresenta-se cada vez diversificada, principalmente, se comparada anos atrás⁵³.

Analisar as juventudes permite-nos compreender a multiplicidade de sujeitos, mulheres e homens, mas também nos possibilita afirmar as diferenças presentes entre cada uma/um delas/deles, bem como suas distintas trajetórias. Respeitar as diversidades implica reconhecer as juventudes e as gerações, construídas de diferentes maneiras, em diferentes contextos, com distintas possibilidades, oportunidades, dificuldades e perspectivas de vida.

1.3. Ser jovem para as/os jovens

Em pesquisa divulgada no livro *Políticas Públicas de/para/com as Juventudes*, a UNESCO (2004)⁵⁴ indica que no caso das áreas rurais ou de extrema pobreza, as juventudes, do ponto de vista etário, abrangem não somente indivíduos de 15 a 24 anos⁵⁵, mas o limite se desloca para baixo, compreendendo o grupo de cidadão ou cidadã de 10 a 14 anos de idade.

Isso ocorre sobretudo porque, nesses contextos e com estas idades, muitas/os jovens apresentam inserções diferentes na sociedade, e vivenciam responsabilidades diversificadas, como a formação de sua própria família, o cuidar de filhas e filhos, e ao mesmo tempo trabalham e estudam. Além disso, sabemos que as experiências vividas nesses espaços sociais

⁵³ Estas reflexões têm como referência os estudos realizados por duas importantes pesquisas na área das juventudes: “Juventude, Juventudes: O Que Une e o Que Separa”, e “Juventudes Sul-Americanas Diálogos Para a Construção da Democracia Regional”. Respectivamente, o resultado dessas pesquisas foi publicado nos livros *Juventudes: Outros Olhares Sobre a Diversidade*, de organização de Abramovay, Andrade e Esteves (2007), e *Juventudes Sul-Americanas*, de organização de Regina Reyes Novaes e Eliane Ribeiro (2010). Ver Referências Bibliográficas.

⁵⁴ Para a efetivação dessa pesquisa, consideraram-se as características sociais e o contexto de vida das/os jovens envolvidas/os.

⁵⁵ Essa definição é utilizada pela UNESCO para realização da pesquisa. Como destacado, sabemos que no Brasil a faixa se estende, e abrange indivíduos até os 29 anos de idade.

possibilitam a mulheres e homens realidades distintas tendo em vista contextos e configurações.

Nos caminhos da pesquisa, tivemos a oportunidade de encontrar jovens que, apesar de não apresentarem muita idade, se destacaram pelas experiências de vida. Um exemplo pode ser citado, o de Geovani, um homem-jovem, pai de uma menina de dois anos. Segundo ele, a partir do nascimento de sua filha, constituiu-se sua família, entretanto, devido a motivos pessoais, o casal se separou, e ele assumiu a guarda judicial da filha, e com ela toda a responsabilidade pela criança⁵⁶.

Outra experiência que pode ser relatada refere-se ao precoce compromisso assumido por jovens em relação às responsabilidades diversificadas. Durante a pesquisa, encontramos Nayara, mulher-jovem, mãe de um menino de menos de um ano de idade, que, mesmo jovem, tomou para si a responsabilidade de trabalhar, estudar e cuidar sozinha de uma criança. Ela demonstrou inteira inclinação afetuosa na afirmação: “vivo pro meu filho”. (Nayara Ingrid de Souza, 18 anos, 2011).

Diante de experiências como essas, e no âmbito dos estudos sobre gênero e geração em contextos rurais, estudiosas/os apontam para o fato de que a idade das juventudes está socialmente circunscrita em dois aspectos: na valorização da maternidade, e na formação da própria família. (SCOTT, CORDEIRO, MENEZES, 2010).

Verificamos que, em alguns casos, para as mulheres-jovens, a gravidez aparece como marcador de passagem para a vida adulta e possibilita seu reconhecimento como pessoa adulta, e/ou permite o desligamento do vínculo familiar. Em outros, a formação da família e/ou a junção pelo casamento representam uma estratégia para jovens buscarem inserção social, independência e/ou autonomia pessoal e financeira⁵⁷.

Já analisamos a existência de várias lacunas para a compreensão sobre a transição das juventudes para a vida adulta. A esse respeito, embora Furter (1967), em seus estudos, afirme não haver definição da idade juvenil, este autor considera que há alguns aspectos que circunscrevem as juventudes. Para o autor, há três fatores que coincidem para o “ponto final da adolescência e, portanto, como sinal de maturidade: a entrada na prática profissional, o casamento, e o estabelecimento de um lar autônomo”. (FURTER, 1967, p. 235).

⁵⁶ Em sua entrevista, Geovani informou-nos que a “mãe (da criança) dela, saía para festa e deixava num sei com quem ela, deixava a menina”. (Geovani Pereira da Silva Correia, 23 anos, 2011). Esse é apresentado pelo entrevistado, como um dos motivos que permearam os conflitos de sua separação.

⁵⁷ Estas reflexões apresentam um importante viés de gênero. Análises de gênero serão apresentadas ao longo da escrita da dissertação, contudo no capítulo III será realizado um estudo maior no que tange às relações de gênero vivenciadas nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu.

O ponto mais importante entre as reflexões proporcionadas por essas/esses estudiosas/os versa sobre a ascensão das juventudes ocorridas pelas necessidades de conquista da independência financeira e da inserção no mundo do trabalho. Nesse meio termo, como analisa Furter (1967, p. 235), “quanto a esses *fatores* é confusa a situação contemporânea”⁵⁸.

A análise do autor vem ao encontro da realidade observada quando, nas pesquisas em campo, encontramos mulheres-jovens e homens-jovens que almejam desenvolvimento profissional e buscam inserção no mercado de trabalho, mas não apresentam o desejo de construção de um lar e não falam sobre a possível constituição de uma família. Da mesma forma, nem sempre a gravidez das mulheres-jovens inaugura a formação de uma família e/ou a conquista do desenvolvimento profissional devido às responsabilidades vindas com a maternidade.

Com isso, as formas como as juventudes se reconhecem são distintas diante de diferentes aspectos e contextos das realidades e experiências vividas. Mais adiante, compreenderemos também que as juventudes dos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu apresentam uma multiplicidade de aspectos que demarcam a construção de suas identidades, envolvidas pelas alternativas e possibilidades de socialização nesses espaços sociais.

Até o momento desta dissertação, várias/os autoras/autores estudados/as foram apresentadas/os e para analisar os assentamentos dialogamos também com o pressuposto teórico apresentado por Esteves e Abramovay (2007). Eles afirmam que as/os jovens nos assentamentos rurais definem suas juventudes a partir de alguns valores considerados importantes para sua vida. Assim, é significativo para estas/estes identificar se há aspectos relativos à alegria, ao viver, à participação em festas, às atividades de lazer, e à prática de relacionar-se com amigas/os.

Em alguns momentos, durante as pesquisas em campo, ao serem indagadas sobre o que consideram mulheres-jovens, algumas pessoas relacionaram sua condição juvenil ao gosto pelo socializar-se: “Eu me considero jovem, porque assim, pelo menos sou uma adolescente que gosta de brincar com os amigos, gosto de estudar, gosto de ir pra escola, fazer farra com os amigos, bagunçar, entende”? (Natali Dominga da Silva, 17 anos, 2011).

A socialização representa as diversas atividades desenvolvidas, bem como as relações estabelecidas entre jovens e possibilita diferentes construções no cotidiano, pois está associada às diversas formas de participação, mas pode apresentar práticas comuns para

⁵⁸ Os fatores dizem respeito, em específico, ao casamento e ao estabelecimento de um lar autônomo. Grifos da mestranda/pesquisadora.

jovens, como, por exemplo, a importância de construir e cultivar amizades. Esta análise é contemplada em vários momentos durante a realização das pesquisas em campo, quando jovens manifestaram suas juventudes por meio do “poder fazer amizades, se divertir”. (Helen Souza da Silva, 15 anos, 2011).

A valorização da participação juvenil e as possibilidades advindas de manifestação nos diferentes âmbitos sociais também são indicadas pelas juventudes como atributos para caracterizar sua condição. Percebemos esse fato quando a mulher-jovem Marieli configura sua afirmativa no “poder participar um pouco assim das coisas, e sair” (Marieli Santos da Cruz, 17 anos, 2011) como a principal característica enaltecida das juventudes.

Em comum, as/os vinte pessoas/indivíduos inseridas/os na pesquisa representaram sua condição juvenil envolvidas/os pelas possibilidades de diversão, e em outros momentos de socialização, em vista dos espaços em que residem, e dos contextos em que estão inseridas/os, assim como das alternativas propiciadas por suas práticas cotidianas.

Dessa forma, analisamos que os significados das juventudes se constroem de forma diferente para uma e para outra pessoa. Ademais, para vivenciar a condição de jovens, mulheres-jovens e homens-jovens adéquam-se à realidade de vida proporcionada nos espaços os quais habitam.

Assim, se para Natali, o brincar e ir para escola caracterizam-se como atributos que a fazem sentir-se jovem, para o homem-jovem Geovani, sua juventude pode associar-se à participação nas festas da comunidade, bem como na animação que exerce quando da realização de rodeios⁵⁹. (Geovani Pereira da Silva Correia, 23 anos, 2011).

Ainda, para algumas mulheres-jovens, como Kamila, “ser jovem é uma condição que se aproxima da necessidade de “aproveitar a vida”, em relação ao fato de “sair”, se “divertir”, “praticar esportes”, e “namorar”, ou seja, condições associadas às alternativas de socialização encontradas pela jovem em seu cotidiano. (Kamila Tiburcio Freire, 15 anos, 2011).

Enfim, as análises das fontes orais auxiliaram-nos na compreensão sobre as adequações efetivadas pelas/os jovens em seu cotidiano e a sua influência nas construções sobre os significados de suas juventudes. Verificamos que mulheres-jovens e homens-jovens convivem com diferentes dificuldades na vida, porém também ressignificam tais dificuldades

⁵⁹ Atividade de lazer típica em espaços rurais. A prática do rodeio foi destacada durante a entrevista com Geovani, como sua atividade preferida. Mais adiante no capítulo III, analisaremos a representação para as juventudes dos espaços de lazer nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu.

nos espaços em que estão inseridas/os, conforme suas necessidades e aproximações umas/uns com as/os outras/os.

Da mesma forma, os estudos das fontes orais possibilitaram-nos ainda a compreensão de que não são somente distintas as vertentes de estudos da categoria juventudes, mas também diversas as representações sociais e os significados que mulheres-jovens e homens-jovens atribuem para esse momento de vida. Assim, as fontes orais contribuem para a compreensão da vida cotidiana à medida que “não surpreende a história acadêmica somente por sua fonte, mas também por seu objeto e suas problemáticas”. (JOUTARD, 1995, p. 52).

Por esse motivo, o estudo com fontes orais auxilia-nos na compreensão sobre as identidades juvenis e orientam novas possibilidades de interpretações da história, por meio de fontes distintas e diversas. Além disso, as fontes orais contribuem para ampliar a gama de estudos referentes às gerações em contextos rurais.

Ao defendermos a ideia de que, alargando a questão da faixa etária à compreensão da condição juvenil, verificaremos que a juventude está relacionada à autorrepresentação que os próprios sujeitos sociais fazem de si mesmos. Em busca de afirmativas que contemplem esta reflexão, entrevistamos a mãe de Marieli, a qual foi questionada se esta se considera jovem. A resposta foi a seguinte: “Bom no momento de, falando sobre espírito, de vontade de vencer sim, eu me considero jovem”. (Marli Santos da Cruz, 40 anos, 2011).

Esta mulher é mãe de duas filhas⁶⁰, e no momento de produção da entrevista morava no assentamento Santa Rosa, juntamente com a filha mais nova e o esposo/companheiro⁶¹. A entrevistada demonstra esperança por uma vida melhor, o que se evidencia na crença no estudo e no trabalho como as alternativas para a conquista de dias melhores. Daí o incentivo a impulsionar suas filhas para buscarem por melhores condições de vida, que se conquista, ao mesmo tempo, pela “força de vontade pra estudar, e no mesmo instante, é o incentivo pra trabalhar” (Marli Santos da Cruz, 40 anos, 2011).

Ainda nos caminhos de pesquisa, deparamo-nos com um homem que nos surpreendeu com seu espírito e autoestima. Trata-se de uma pessoa de idade mais avançada do grupo envolvido na pesquisa; o qual demonstrou força de vontade para “viver a vida”. Essa

⁶⁰ As duas filhas de Marli e de seu esposo/companheiro Antônio são Marieli e Francieli. A filha mais velha do casal, Francieli não integra mais o assentamento, uma vez, que migrou para a cidade de Jateí-MS, onde atualmente trabalha num posto de saúde, e cursa faculdade de enfermagem na cidade próxima de Fátima do Sul-MS.

⁶¹ Durante a escrita incluímos a condição de companheira/o, pois com base na aplicação dos formulários em campo, observamos que nem sempre mulheres e homens se encontram legalmente casadas/os.

força o impulsiona no anseio por estudar e trabalhar, a fim de conquistar o sonho de cursar uma faculdade e formar-se professor. Ao ser questionado sobre sua condição, ele disse:

Bom eu me considero na idade velha, mas como uma pessoa, meu espírito é de jovem. Eu faço tudo quanto é coisa que um jovem faz, eu faço também. É a gente tem observado no mundo, tem muita gente assim, né? Que não tem o espírito que a gente tem, tem muita gente que se sente mais, mais velho do que eu se for comparar. Não tem o pique de luta que a gente tem. (Celso Aparecido Taraco, 55 anos, 2011).

Percebemos que tanto nas atividades que este homem desenvolve, na função que exerce como zelador na escola do assentamento Santa Rosa e Guaçu⁶², e ainda como estudante do segundo ano do Ensino Médio, quanto nas práticas cotidianas do cuidar sozinho de sua casa, lavar, passar e cozinhar, o entrevistado demonstra desejo pela vida e “luta” em busca de conseguir cursar a faculdade de Educação Física.

Na certeza de que podemos manter o “espírito jovem” (Celso Aparecido Taraco, 55 anos, 2011), independente de qualquer que seja a idade, analisamos que as juventudes são vividas de diversas maneiras, em diferentes períodos, contextos e momentos da vida, pois, como reflete Sara, “ser jovem é ter uma renovação de espírito, é estar de bem com a vida”. (Sara Souza Batista, 24 anos, 2011).

Por tudo isso, as juventudes não devem ser delimitadas, nem tampouco enquadradas em termos etários. Na entrevista concedida por Andressa, ratifica-se esta compreensão:

Ah, jovem? Não é só a idade, né? Mais acho que jovem todo mundo é, mesmo sendo velho ou não. Eu acho que é. Imagino que tem que ser da gente, a gente nunca pode desanimar, né? Que nem aqueles velhos, né? Ta aí, todo mundo aí, nem liga, né? Pra se divertir, nem nada, né?⁶³ (Andressa Denitte Runa, 20 anos, 2011).

Nesta fala, percebemos que, ao mesmo tempo em que a mulher-jovem caracteriza a condição juvenil para além da faixa etária, também demonstra que a juventude para ela é significada pelo desejo, vontade e pelo não desanimar de cada pessoa.

As diversas análises das entrevistas, assim como os relatos das conversas informais realizadas com mulheres-jovens e homens-jovens sobre como definem as juventudes,

⁶² A escola localizada nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu é uma extensão da Escola Municipal Jair Alves da Costa no município de Itaquiraí-MS.

⁶³ Por se destacar como característica vocálica, durante toda a fala da entrevistada, optamos por manter a expressão “né” na escrita do texto.

constituem-se fontes de conhecimento para a realidade observada nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu⁶⁴.

Da mesma forma, colaboram para ampliar a compreensão sobre a multiplicidade de juventudes vivenciadas nesse mesmo espaço social e/ou nos grupos, e de representações sociais construídas em torno da definição *ser* jovem do campo ou *estar* no campo.

Ao final deste capítulo, salientamos que os “cursos de vida”⁶⁵, expressão utilizada por Pais (2009), são experimentados pelos sujeitos de diferentes maneiras, e que podem ou não aproximar-se de determinadas etapas da vida humana de umas/uns de uma forma, que a de outras/os não.

Com isso, ratificamos a análise de que a idade biológica não é definidora para a compreensão das juventudes. Esta se constitui numa característica, mas não é atributo principal da condição juvenil. Por isso, esse dado não é suficientemente possível para definir o que são as juventudes. Parafraseando a mulher-jovem Helen, “tem pessoas que é uma/ um eterna/o adolescente, e outras/os que amadurecem mais rápido”. (Helen Souza Batista, 15 anos, 2011). Com base nessa afirmação, podemos verificar que são as situações vividas por mulheres-jovens e homens-jovens e suas experiências construídas no cotidiano, que conceberão os modos de ser e de viver das juventudes.

⁶⁴ As mulheres-jovens e os homens desses assentamentos rurais, em muitos momentos, convivem com a carência de políticas públicas voltadas ao campo, que lhes possibilitem assegurar alternativas de permanência na terra, já que o Estado, por sua vez, mantém uma política única e linear para todos os assentamentos de reforma agrária, sem contemplar as especificidades e diversidades de realidades que envolvem estes espaços sociais.

⁶⁵ Temos em vista os estudos realizados por Pais (2009), que entende o curso de vida como o reconhecimento de indivíduos que possuem papéis mais ativos na construção de suas trajetórias. Para a análise das juventudes, optamos pelo trabalho com o termo curso de vida, a expressão fases de vida. Esta escolha se faz também pelo fato de discordância com a corrente geracional, em que a juventude é tomada como fase de vida que enfatiza apenas o aspecto unitário de uma cultura juvenil.

CAPÍTULO II

JUVENTUDES QUE VIVEM NOS ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA SANTA ROSA E GUAÇU

EU DEVERIA SER...

Eu poderia ser uma adolescente normal
Senão tivesse uma família formada por onze pessoas,
Eu deveria ter sido uma criança normal
Senão fosse as responsabilidades que eu cumpria.
Eu deveria gostar do que faço
Senão fosse obrigada a fazer.
Eu deveria frequentar ambientes de lazer
Senão tivesse que trabalhar.
Eu deveria reclamar quando dizem algo que não gosto
Senão tivesse inspiração para descrever cada situação.
Eu poderia reivindicar quando sou julgada injustamente
Mais calma e a humildade prevalece.
Eu deveria ter uma péssima impressão da vida
Senão fosse a paixão que tenho pela arte de viver.

(Valéria 16 anos, Manari Sertão de Pernambuco)⁶⁶

⁶⁶ Fonte: Filme Pro Dia Nascer Feliz. Direção: João Jardim. Produção: Tambelini Filmes. 05/05/2007.

2.1. Dois projetos de assentamentos (P. As): um conjunto de grupos

A ida as famílias para os assentamentos de reforma agrária⁶⁷, algumas vezes, acontece incentivada, como reflete o assentado Antônio, tendo em vista o desejo de “viver bem” (Antônio Pinheiro da Cruz, 48 anos, 2011) e/ou as tentativas que possibilitem alcançar uma vida de melhor qualidade, se comparada à vida na cidade, devido à tranquilidade, ao sossego e às maneiras de viver a vida no campo⁶⁸.

Um dos debates que acirram a questão da reforma agrária são as diversas formas de conquista do “pedaço de terra”. Esta representa diferentes significados e se constrói por distintas experiências, ora pelo processo de “luta” num acampamento, calcado nos ideais da reforma agrária, ora pela compra pelas/os trabalhadoras/trabalhadores rurais sem terra e/ou com pouca terra, de imóvel rural por meio de financiamento às famílias⁶⁹. Além de outras maneiras também utilizadas, essas, infelizmente, para o acesso ilegal às terras, como os arrendamentos e a venda de lotes a terceiros.

Não raras às vezes, o pai e/ou esposo/companheiro vai sozinho para o acampamento⁷⁰, de forma que a esposa/companheira, filhas e filhos permanecem na cidade, momento em que enfrenta as dificuldades de acampado e convive com as adversidades dos caminhos de “luta”. Da mesma maneira, há experiências de muitas esposas/companheiras, mulheres e mães, que com filhas e filhos ainda crianças, acompanham o esposo/companheiro na empreitada pelo acampamento.

O município de Itaquiraí⁷¹ apresenta-se assim, como palco de disputas e conquistas por terras no Estado de Mato Grosso do Sul. Itaquiraí está localizado na região sul de Mato Grosso do Sul, em divisa com o Estado do Paraná e na fronteira com o Paraguai. Essa região

⁶⁷ Entendemos os assentamentos, segundo D' Incao e Roy (1995, p. 270), como “implementação pelo governo do Estado, de grupos de famílias de origem rural ou urbana que demandam terras para viver da agricultura sobre áreas desapropriadas com esse objetivo específico”.

⁶⁸ Esta análise tem como referência as diversas pesquisas realizadas em campo, bem como a aplicação dos formulários às famílias envolvidas na pesquisa.

⁶⁹ O Ministério do Desenvolvimento Agrário, por meio da Secretaria de Reordenamento Agrário, desenvolve o Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF), o qual permite concessão de créditos às famílias. O provimento de recursos financeiros pode ser concedido por meio do Crédito Instalação, que possui as seguintes modalidades: Apoio Inicial, Apoio Mulher, Aquisição de Materiais de Construção, Fomento, Adicional Fomento, Semiárido, Recuperação/Materiais de Construção e Crédito Ambiental. Estas informações estão disponíveis no site do INCRA: <http://www.incra.gov.br/>

⁷⁰ Compreendemos por acampamento o momento anterior à conquista do assentamento, quando as famílias estão alocadas e/ou organizadas internamente, e vinculadas a uma organização social, e reivindicam terra pela reforma agrária.

⁷¹ Elevado à categoria de município com a denominação de Itaquiraí, pela Lei Estadual nº. 76 de 12 de Maio de 1980.

também é conhecida por pesquisadoras/pesquisadores⁷² como cone-sul, e dentre outras características destaca-se pelas intensas mobilizações de “luta” pela terra.

De acordo com levantamento realizado pela Superintendência Regional de Mato Grosso do Sul⁷³ - SR (16), no município de Itaquiraí-MS, há doze assentamentos rurais:

TABELA 1. Assentamentos rurais de Itaquiraí-MS.

ASSENTAMENTO	ANO DE CRIAÇÃO	ÁREA (HÁ)	NÚMERO DE FAMÍLIAS
Santa Rosa	1997	4.048,1606	200
Guaçu	1997	2.678,9794	134
Tamakavi	1998	3.383,5670	120
Indaiá	1989	7.340,6719	633
Sul Bonito	1996	6.375,9385	421
Boa Sorte	1998	1.498,0306	65
Aliança	2000	1.101,6902	38
Lua Branca	2001	2.425,3962	124
Santo Antonio	2007	9.627,8274	607
Itaquiraí	2007	3.232,9883	255
Caburey	2007	1.848,2303	127
Foz do Rio Amambaí	2007	2.210,0210	199

Fonte: Superintendência Regional de Mato Grosso do Sul - SR (16).

Destacamos que a denominação dos projetos de assentamentos Santo Antonio, Itaquiraí, Caburey e Foz do Rio Amambaí, abrangem o “Complexo do Santo Antonio, com cerca de 16 mil hectares de terras, formados respectivamente, pelas fazendas Santo Antônio, fazenda Caburey parte I, fazenda Caburey parte III e fazenda Caburey parte II, foram compradas pelo INCRA por mais de R\$ 120 milhões”⁷⁴. (ZARDO, 2009).

⁷² Dentre outros, Fabrini (1995) e Farias (1997 e 2002). Consultar referências.

⁷³ As Superintendências Regionais (SRs) são órgãos descentralizados, responsáveis pela coordenação e execução das ações do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) nos Estados. Cada unidade das superintendências coordena e garante manutenção, atualização e disseminação de dados do cadastro de imóveis rurais e sistemas de informações do INCRA. Ao total são 30 Superintendências Regionais, além de 45 Unidades Avançadas, estas subordinadas às superintendências. As informações quanto ao número atual de assentamentos rurais no município de Itaquiraí-MS, área e número de famílias, têm como referência os projetos de assentamentos criados e/ou recriados pelo INCRA, que foram atualizados em 11/10/2010 pela Divisão de Obtenção de Terras/SIPRA.

⁷⁴ Estes dados foram publicados pela jornalista Maria Irene Zardo, no dia 21 de abril de 2009, e disponibilizados no site da Prefeitura Municipal de Itaquiraí – MS. Disponível em: <http://www.itaquirai.ms.gov.br> Acesso em: 06/06/2012. As informações também partem de referências da professora/orientadora desta dissertação. Consultar Referências Bibliográficas.

O município possui uma área territorial de 2.063,785 Km². É reconhecido ainda pelas/os trabalhadoras/trabalhadores rurais e famílias que ali vivem como “bacia leiteira”⁷⁵ por causa da produção de leite, principal fonte de renda para as famílias assentadas. Segundo informações, somente a produção de leite de dois dos doze assentamentos rurais da região ultrapassa os “quinze mil litros de leite ao dia”⁷⁶. Também se sobressaem a pecuária, e, em menor grau de produtividade, a agricultura como atividades econômicas que impulsionam as demais.

Dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que a população de Itaquiraí-MS está estimada em 18.614 habitantes. Desse total, 11.014 pessoas consistem da população rural, que compõem os grupos de agricultoras/agricultores familiares da região. Com esse número, o município de Itaquiraí apresenta-se como o quinto do Estado de Mato Grosso do Sul, que tem, em sua maioria, a população residente rural, abaixo de Ponta Porã, Dourados, Sidrolândia e Amambaí. (IBGE, 2010)⁷⁷.

TABELA 2. População residente rural do Estado de Mato Grosso do Sul-MS.

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO RESIDENTE RURAL
Ponta Porã	15.805
Dourados	15.030
Sidrolândia	14.349
Amambaí	12.355
Itaquiraí	11.014

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (IBGE, 2010).

Para esta pesquisa, dentre os doze assentamentos rurais do município de Itaquiraí-MS, serão campos de estudo os assentamentos Santa Rosa e Guaçu. O Projeto de Assentamento Santa Rosa⁷⁸ e o Projeto de Assentamento Guaçu⁷⁹ foram resultados de uma “luta” empreendida pelas famílias e trabalhadoras/trabalhadores sem-terra oriundas/os de várias

⁷⁵ Expressão utilizada pelo assentado Pedro Aparecido da Silva, 54 anos, 2011.

⁷⁶ Os dois assentamentos rurais referidos são o Santa Rosa e o assentamento Guaçu. Esta referência parte da entrevista realizada com a assentada Leonice Tiburcio Freire, 48 anos, 2011.

⁷⁷ Estas informações estão disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em: 06/06/2012. Consultar Referências Bibliográficas.

⁷⁸ Ato de criação Portaria nº 077 de 29 de dezembro de 1997.

⁷⁹ Ato de criação Portaria nº 075 de 29 de dezembro de 1997.

regiões do Estado de Mato Grosso do Sul, que, no início da ocupação do acampamento, reuniu em torno de 1.300 famílias⁸⁰.

A primeira ocupação foi feita pelas/os trabalhadoras/trabalhadores rurais no espaço da então Fazenda Santo Antônio, localizada no município de Itaquiraí-MS, especificamente, na rodovia da BR-487, e constituída por cerca de 25.560 ha, de propriedade do grupo Bertin, com Sede em Lins/São Paulo⁸¹.

As pesquisas em campo apontam que a primeira ocupação do acampamento Oito de Março realizou-se no dia 08 de março de 1996. Daí surgiu o nome do acampamento, Oito de Março, o qual marca o primeiro dia em que as/os trabalhadoras/trabalhadores sem-terra adentraram a área improdutiva da Fazenda Santo Antônio⁸². Mais tarde, as famílias do acampamento Oito de Março sofreram ação de despejo por causa de uma limiar judicial, o que provocou a retirada de pessoas, sendo estas levadas para as proximidades da BR-163⁸³.

As famílias que compunham o acampamento Oito de Março eram oriundas de várias regiões do Estado de Mato Grosso do Sul, como das cidades vizinhas de Juti, Caarapó, Itaquiraí, Naviraí, Eldorado, Iguatemi, Mundo Novo, Japorã, Dourados. Também compunham aquele grupo de acampadas/os várias/os brasiguaias/os, além de famílias que vinham do Estado do Paraná. (FALCHI, 2007).

A conquista da terra pelas famílias acampadas aconteceu, efetivamente, em dezembro de 1996, com cerca de 1.000 famílias que foram assentadas em diversos assentamentos, localizados na região Sul do Estado.

Porém, antes da conquista, muitas foram as dificuldades e os desafios que as famílias enfrentaram, que se configurava desde o local no qual se localizava o acampamento, próximo a BR, fator que gerava problemáticas, devido aos riscos de acidentes que poderiam ocorrer naquele espaço, até a falta de condições necessárias à alimentação, se levada em

⁸⁰ Em sua pesquisa, Falchi (2007) destaca que no início da ocupação eram cerca de 1.300 famílias, mas logo na primeira semana de acampamento, com a chegada de novos grupos para a mobilização, o número elevou-se para mais de 2.100 famílias acampadas. Consultar Referências Bibliográficas.

⁸¹ Esses dados foram coletados em pesquisas no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), localizado na cidade de Dourados-MS, no dia 04 de fevereiro de 2011. Têm como referência a Pasta n. 16 – Projeto de Assentamento Santa Rosa e Projeto de Assentamento Guaçu.

⁸² Destacamos, inclusive, que atualmente nesses assentamentos a data 08 de março é lembrada como o Dia Internacional da Mulher, comemorada pelas/os assentadas/os, e articulada com a data de ocupação do acampamento.

⁸³ Sabemos que desde o início do acampamento Oito de Março até os dias atuais, a “luta” pela terra é organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). Vale destacar que não somente este Movimento integra a “luta”, mas também outros. Contudo, ao considerarmos a abrangência da pesquisa, bem como os objetivos propostos no trabalho, não será discutido o Movimento durante esta escrita, já que não se trata do foco de pesquisa.

consideração o número expressivo de famílias que compunham o acampamento Oito de Março.

Assim, durante o período de acampamento, diversas famílias passaram por várias dificuldades não somente econômicas, mas também sociais, como falta de moradia digna, alimentação adequada, segurança e respeito aos seus direitos. Os enfrentamentos eram constantes, por vezes, sofriam com a polícia e/ou autoridades do poder local. Entre as reivindicações estava um lugar para morar e criar filhas e filhos.

Essas famílias conviviam com diversos enfrentamentos frente à “luta” por um “pedaço de terra”. Passavam dias em barracos de lona sob sol, chuvas e tempestades, e nutridos, algumas vezes, por uma única refeição ao dia, ou seja, “o almoço que quando tinha, era no máximo um arroz e feijão.” (Pedro Aparecido da Silva, 54 anos, 2011).

Por tudo isso, a vinda das famílias trabalhadoras sem-terra é confrontada ora pela esperança de dias melhores do que aqueles que tinham em outros tempos, ora por desafios, já que esses espaços sociais se constituíam por continuidades e (des) continuidades, marcados por um cotidiano de situações adversas e repleto de conflituosidades, em que os caminhos se configuram diferentemente para cada família.

A experiência de “luta” do acampamento Oito de Março foi construída num período curto de tempo se comparada a outras experiências. Porém, envolvida em um período dolorido e repleto de conflitos, assim registrado pelas famílias e jovens, os quais na época eram crianças, mas que relatam ainda com lembranças vivas em suas memórias as trajetórias vividas.

Muitos desses registros sobre as experiências sociais das famílias ainda no período do acampamento e depois no assentamento foram produzidos durante as pesquisas em campo⁸⁴. Essas informações, as quais dizem respeito às experiências e vivências de grupos de mulheres, homens, jovens e crianças, não se encontram nos autos dos arquivos correspondentes do INCRA. Estes não referenciam tais informações, pois sabemos que vários conselhos e órgãos federais preocupam-se em apenas apontar dados estatísticos com total segurança e objetividade, sem, no entanto, atentarem para as preocupações que atravessam as construções sociais.

⁸⁴ Estas referências fazem parte do diário de campo da mestranda/pesquisadora.

O resultado da “luta” pela terra empreendida no acampamento Oito de Março concretizou-se em quatro projetos de assentamentos rurais: o P.A.⁸⁵ Santa Rosa, o P.A Guaçu, o P.A Tamakavi e o P.A Boa Sorte. Além desses, também há outros assentamentos que foram formados em parte por acampadas/acampados do Oito de Março, como destaca Falchi (2007, p. 155), sendo eles o “assentamento São Judas Tadeu (1998), em Rio Brillhante; Santa Catarina (1998), em Aral Moreira; Savana (1998), em Japorã; Dorcelina Folador (2000), em Ponta Porã, e outros”.

Campos deste estudo, os assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu constituem dois projetos distintos. Apesar de dividido em dois P. As, constatamos a grande proximidade geográfica existente entre esses assentamentos, o que constitui um conjunto⁸⁶. Isso se efetiva também pela forma de organização que inclui grupos de um e de outro assentamento. Dessa forma, a semelhança é compartilhada no reconhecimento construído pelas famílias, por não considerarem grandes diferenciações entre os P. As, já que se referem aos grupos e aos assentamentos Santa Rosa e Guaçu como um todo, uma mesma “luta”.

Compartilhamos das análises de Bourdieu (1996, p. 160), quando ressalta que “os agentes sociais que são constituídos como tais, em e pela relação com um espaço social”. Entendemos que há uma relação coletiva com esse espaço, fortalecida pela proximidade dos assentamentos, como também pela justaposição dos lotes no interior dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu. Por isso, é maior o reconhecimento das famílias assentadas como um conjunto, tendo em vista as relações sociais estabelecidas entre assentadas/os, e a organização em grupos⁸⁷. O espaço físico dos assentamentos é separado apenas por uma represa construída em seu interior, mas estão próximos cultural e socialmente.

Durante as pesquisas em campo, uma mulher-jovem, assentada e liderança do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu, relatou a forma como ocorreu a organização e divisão dos grupos. Obtivemos a seguinte informação:

⁸⁵ De acordo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), P.A refere-se à Projeto de Assentamento.

⁸⁶ Consultar apêndice A: Foto de localização dos assentamentos rurais do município de Itaquiraí-MS.

⁸⁷ De acordo com informações de entrevistadas/os, os assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu foram divididos em quatorze grupos, ainda na época do acampamento Oito de Março, por meio de sorteio realizado pelo INCRA e pelo MS. Os grupos ficaram divididos em: 01, 02, 03, 04, 05, 06, e 07, pertencentes ao assentamento Santa Rosa; e os grupos de número 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14, pertencentes ao assentamento Guaçu. Estes dados integram os trabalhos realizados em campo, e partem das referências de duas mulheres assentadas, cada uma em um P.A: Lucinéia Dominga Julião da Silva, assentada no grupo 08, assentamento Guaçu, e Leonice Tiburcio Freire, assentada no grupo 01, assentamento Santa Rosa.

É porque no início foi feito o, o... Era a forma da organicidade dentro do acampamento já. Então era do grupo 01, e até vários grupos, mas aqui, aqui só foi do grupo 01 ao grupo 14. Então da Santa Rosa, o grupo da Santa Rosa, porque aí saiu no, cada grupo era de vinte, trinta família, aí o que que acontece? Trinta e cinco... Aí o que que acontece? Acontecia que cada grupo desses tinha um coordenador desse grupo, aí os coordenadores é que viam a, a responsabilidade naquele momento dos outros, dos outros pessoais. (Leonice Tiburcio Freire, 48 anos, 2011).

Em sua entrevista, Leonice relata que, além da/o coordenadora/o, cada grupo contava com uma/um vice-coordenadora/o. Essas/esses assumiam a responsabilidade de transmitir as discussões nas reuniões, bem como apresentar as reivindicações e negociações diárias que envolviam as “lutas” cotidianas. A/o coordenadora/o, no momento de divisão dos grupos, participava do sorteio, de maneira que, ao sortear um número, o grupo todo seria representado por este, ou seja, aquela/aquele que “tirasse o (número) 07, o seu grupo tudo era o 07”. (Leonice Tiburcio Freire, 48 anos, 2011) ⁸⁸.

Por isso, a composição dos grupos não foi definida por uma sequência numérica e geográfica, como, por exemplo, grupo 01, grupo 02, grupo 03 e assim sucessivamente. Esse fato foi constatado nas visitas em campos nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu, quando do deslocamento de um grupo para o outro.

Expliquemos melhor. Para encontrarmos as famílias – estas poderiam estar no 01 e no 02 – tínhamos, às vezes, que caminhar longas distâncias, pois, como destaca a assentada Leonice, “talvez para você chegar, você está no (grupo) 01, quer chegar no (grupo) 02, você atravessa quatro, cinco grupos para chegar no grupo que você quer, no grupo 02”. (Leonice Tiburcio Freire, 48 anos, 2011).

Ainda no que tangencia à organização dos grupos, Leonice indica detalhes que envolvem a investigação. A mesma entrevistada relata que depois de sorteados os números dos grupos, cada coordenadora/o efetuaria no interior de seu grupo um sorteio interno, dessa vez para a divisão dos lotes entre assentadas/os. Segundo ela:

Aí vamos supor, eu peguei o (grupo) 01. Aqui foi sorteado e o meu coordenador pegou o grupo 01. Eu vim pro grupo 01, aí qual a questão? Aqui dentro foi feito um sorteio de lote. Então era do lote 01 até o 100, 122. Até o 122, entendeu? O grupo 01. Então aí foi sorteado, entendeu? [...] Aí o coordenador e o vice fez o sorteio do pessoal que estava dentro do grupo, entendeu? (Leonice Tiburcio Freire, 48 anos, 2011).

⁸⁸ Sabemos que no passado a divisão dos grupos foi estabelecida pelo sorteio, e hoje as famílias assentadas ainda utilizam essa mesma divisão para organização interna dos grupos.

Pela pesquisa realizada nos documentos analisados do INCRA, não encontramos informações referentes à maneira como foram realizadas as divisões dos grupos. Estas informações somente foram possíveis devido aos trabalhos em campo e à análise atenta à pesquisa com a História Oral, “calcada não em interpretações de documentos, mas em relações humanas” (AMADO, 1997, p. 149).

Feitas essas considerações, compreendemos que as famílias nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu encontram-se organizadas em quatorze grupos, constituem um total de 334 famílias⁸⁹ e sempre se referem aos assentamentos Santa Rosa e Guaçu como projetos em conjunto⁹⁰.

No que diz respeito ao restante das famílias acampadas no Oito de Março, e que não foram beneficiadas pelo P. A Santa Rosa nem pelo P. A Guaçu, em seus estudos Falchi (2007, p. 155) atesta que até o ano de 2006 “cerca de 30 famílias remanescentes desse período (do acampamento), permaneciam acampadas às margens da estrada que faz limite com a fazenda Santo Antônio”. Mais tarde, essas famílias seriam assentadas em diferentes áreas.

Novamente ratifica-se a afirmação de que a região sul do Estado de Mato Grosso do Sul apresenta importantes mobilizações via reforma agrária. Esta região é fortemente marcada por especificidades e diversidades sociais que impulsionam as reivindicações e as disputas por terras.

Estas características configuram esse espaço social investigado na pesquisa, como também a necessidade pela compreensão das diferentes formas de atuação dos sujeitos sociais e, ainda, estimulam as inquietudes da pesquisadora, devido à ação requerer, como reflete Bourdieu (1996), uma amplitude de reflexão e análise cara, mas necessária a investigação.

Dessa forma, a ação dos sujeitos sociais pode ser percebida em diversos momentos da pesquisa não somente pela presença masculina, mas, sobretudo, pela participação feminina permeada nesses espaços sociais. Ou seja, as mulheres participam de maneira expressiva na tomada de decisão e reivindicação pelos direitos no interior dos grupos nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu.

As pesquisas em campo possibilitaram vivenciar experiências de “lutas” de mulheres construídas desde o período do acampamento, do momento em que participavam e

⁸⁹ Conforme demonstrado na tabela 1, são 200 famílias no assentamento Santa Rosa, e 134 famílias no assentamento Guaçu.

⁹⁰ Na relação de fontes, ao indicar as/os entrevistadas/os, optamos em trabalhar com o número dos grupos seguido do nome dos assentamentos, já que, durante as pesquisas em campo, os entrevistadas/os reconheceram ambas as formas de identificação desses espaços, ou seja, pelo número do grupo e/ou pelo nome do assentamento.

atuavam nas reivindicações por terras, inclusive no que compunham grupos de liderança⁹¹ até os desafios de permanência que se estendem na empreitada dos assentamentos.

Além disso, pudemos compartilhar de vários momentos em que a participação feminina originou-se igualmente em outros espaços, exteriormente aos assentamentos, como o empenho de mulheres na aprendizagem de atividades de produção e/ou em cursos oferecidos em outros municípios, como os frequentes encontros e projetos de incubação realizados pela UFGD⁹², dos quais muitas fazem parte, e/ou na execução da produção de enfeites natalinos para a cidade de Itaquiraí-MS, trabalho esse realizado por muitas assentadas dos grupos da Santa Rosa, que na época dos festejos são contratadas pela Prefeitura.⁹³

Por tudo isso, analisamos que o acampamento Oito de Março foi vivido como uma etapa da “luta” que se concretizou na conquista pela terra dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu. E hoje essa conquista é relembraada pelas famílias como um período “bastante difícil, mais que graças a Deus a gente venceu. E estamos aí na luta.” (Pedro Aparecido da Silva, 54 anos, 2011).

As análises das fontes orais permitem-nos acrescentar que aquele momento difícil de “luta” pela terra foi vencido, porém as conquistas não se encerraram e se intensificam por outros objetivos e desafios, fruto das dificuldades de permanência das famílias nos lotes, em especial das filhas e filhos⁹⁴. Por esse motivo, concordamos com Farias (2005), quando esta autora afirma:

Os assentamentos rurais significam, então, um período novo, porém difícil na vida das famílias, que vivem entre o encantamento e o desencantamento, entre o conhecido e o desconhecido, entre o existente e o que está por vir, como se esperassem chegar setembro para a boa nova entrar nos campos. (FARIAS, 2005, p. 02).

⁹¹ Para citarmos apenas uma liderança das mulheres no interior dos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu, destacamos a participação empenhada da assentada Leonice Tiburcio Freire, no Movimento e na associação Oito de Março.

⁹² A UFGD desenvolve vários projetos nesses dois assentamentos envolvendo mulheres e homens através da ação da Incubadora de Tecnologias Sociais e Solidárias (ITESS). A ITESS recebe financiamentos da própria universidade, além do CNPq, Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Ministério da Educação-Secretaria de Educação Superior (MEC-SESU), e Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). As ações são pautadas na metodologia de incubação e nos princípios da Economia Solidária e objetivam a inclusão produtiva, a geração de trabalho e renda e a melhora da qualidade de vida.

⁹³ No que diz respeito a essas experiências, há uma gama de fontes arquivadas no LEF da UFGD, como fotografias de mulheres nesses momentos de participação e/ou atuação.

⁹⁴ Essas dificuldades serão analisadas ao longo de toda a dissertação.

Dessa forma, para algumas famílias assentadas, a vida nos assentamentos adquire um significado de conquista da terra desejada, assim como de tranquilidade em contraposição aos tempos passados vividos em meio às turbulências e expropriações. Por isso, o encantamento diante do sossego e da vida calma no campo – de fartura quando é possível desfrutar de uma variedade de frutas e verduras produzidas no quintal pelas famílias, aliadas às possibilidades de consumo de produtos produzidos pelo próprio trabalho de plantação e colheita da agricultura familiar⁹⁵ –, dão um colorido ao universo de significações e ao cotidiano das famílias. (BRANCO, 2003).

Todavia, verificamos nos assentamentos rurais pesquisados que esse mesmo universo de significações é representado por mulheres e homens pela perplexidade perante às novas necessidades vivenciadas no cotidiano da vida nos assentamentos. Como analisa Branco (2003, p. 37), “o lugar conquistado se transforma em espaço de construção de uma nova identidade coletiva, onde muitos sonhos individuais passam a ser coletivos, cheios de meandros, esperanças, e conflitos, mas pautados, agora na luta pela permanência na terra.”

2.2. O Cotidiano e as gerações de mães, pais, filhas e filhos

Para investigar as representações sociais e o cotidiano das juventudes do campo, foi preciso conhecer os espaços em que essas/esses jovens circulam, bem como as relações que se constroem entre as gerações. Já destacamos os dois assentamentos rurais, Santa Rosa e Guaçu, agora faremos algumas considerações sobre o cotidiano das juventudes que vivem nesses espaços.

Esses assentamentos são compostos por famílias, em sua maioria formada de mães, pais, filhas e filhos com experiências distintas e, de certo modo, circularam e circulam entre os espaços rurais e urbanos em suas trajetórias de vida. Como bem destaca Barros (2006, p. 18): “viver na cidade e viver a cidade são experiências existenciais distintas para as diferentes gerações.” Parafrazeando esta autora, viver no campo e viver o campo são experiências existenciais distintas para essas pessoas envolvidas na pesquisa.

⁹⁵ Em seus estudos, Battestin (2009) destaca a agricultura familiar como a forma de organização do trabalho relacionado às famílias. Constitui, ao mesmo tempo, experiências de trabalho e de vida, por isso reflete uma perspectiva social. Além disso, se inscreve como forma de organização social, e/ou alternativa de educar filhas e filhos por meio da técnica do trabalho familiar.

Não é possível afirmar, com precisão, o número de filhas/os por casal, mas, por meio dos dados coletados com a aplicação dos formulários em campo, verificamos que cada família tem no mínimo uma/um ou duas/dois filhas/os.

Em geral, as famílias vivem com uma renda entre R\$300.00 a R\$2.000.00, obtida, em grande parte, pela produção de leite. A agricultura é pouco desenvolvida, ocorre apenas para a subsistência das famílias, com a produção de hortifrutos e verduras para consumo próprio.⁹⁶

Além da renda obtida pelo trabalho com a produção do leite, há também filhas e filhos de assentadas/os que exercem atividades remuneradas nos assentamentos⁹⁷, como exemplos, podemos citar: as mulheres-jovens Sara, professora na escola do assentamento Santa Rosa, e Andressa que trabalha no resfriador de leite do assentamento Guaçu, além do homem-jovem Geovani, o qual trabalha no assentamento Guaçu no lote de seus avôs, no qual reside, e ainda realiza trabalhos em sítios arrendatários.

A essa renda dos trabalhos, somam-se ainda a participação das famílias em programas sociais, como o Bolsa Família e, em alguns casos, o benefício da aposentadoria. São esses complementos à renda familiar. Ainda, há jovens que participam do programa Pro Jovem, o qual não oferece remuneração.

Os lotes das famílias assentadas possuem em média 15 hectares ou o equivalente a 6 alqueires. As observações em campo possibilitam destacar algumas considerações quanto à estrutura dos assentamentos. Embora organizado em grupos, os assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu apresentam singularidades pela divisão dos grupos.

As casas no assentamento Santa Rosa são construídas mais distantes uma das outras, diferentemente do assentamento Guaçu, que possui uma característica de justaposição dos lotes. Fizemos uma avaliação interessante também no que diz respeito à aparência geográfica dos assentamentos, e notamos que o assentamento Santa Rosa apresenta um aspecto menos arborizado, já no assentamento Guaçu há maiores plantações de árvore e paisagens verdes.

Para as famílias, as casas adquirem uma representação significativa por constituir o resultado de suas “lutas”, espaço no qual se constroem as relações, e se vive o sentimento de conquista da terra. Muito mais do que a aquisição de móveis para decorar essa casa, a representação em torno do quintal e da varanda evocam sentidos importantes para as famílias,

⁹⁶ Algumas famílias estão desenvolvendo processos produtivos, com o apoio e acompanhamento da ITESS, que visam a rediscutir a agricultura familiar e a diversificação da produção.

⁹⁷ Mas os casos de jovens que possuem alguma atividade remunerada dentro dos assentamentos são isolados, já que ainda são poucas as oportunidades que buscam inserir jovens na produtividade, devido à ausência de oportunidades e incentivo para a produção.

sendo estes os espaços mais comuns entre as famílias; local no qual se vive, se senta para conversar e, geralmente, onde famílias nos recebem nas visitas. O quintal, na maioria dos lotes, aparece sempre limpo e decorado pelas flores que embelezam os jardins e emite um significado de leveza da vida no campo.

O grupo da pesquisa se constitui de mulheres-jovens e homens-jovens com idades diferenciadas. Em momentos de contatos, entrevistamos mulheres e homens de idades que variavam dos 12 a 55 anos. As mulheres-jovens e homens-jovens também apresentam níveis de escolaridade distintos.

Dos quinze formulários aplicados às juventudes, constatamos que sete das/os jovens do grupo cursam o Ensino Médio, sete estão em fase de conclusão do Ensino Fundamental, uma jovem tem o Ensino Médio completo, e com formação em curso superior encontramos somente uma jovem. Quanto à escolaridade de mães e pais das juventudes entrevistadas, observamos que poucas/os foram aquelas/aqueles que tiveram oportunidades de concluir os estudos, e quando muito fizeram o Ensino Médio.

Ao investigar as juventudes dos assentamentos rurais, percebemos que mulheres e homens constroem suas relações pautadas nos processos e nas situações de vida. Por isso, as juventudes ressignificam cotidianamente as representações de vida no assentamento, assim como criam novas formas de se relacionar, recriam padrões sociais, compartilham e reelaboram experiências.

As experiências construídas no cotidiano dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu influenciam nas subjetividades das/os pessoas/indivíduos, e muito embora possam ser vivenciadas pelas/os jovens em tempos iguais, duas/dois jovens podem ou não, em um mesmo tempo, experimentar experiências semelhantes, apresentam formas distintas.

Dizia Pierre Furter (1967, p. 28), “a experiência com os outros é também a experiência da dimensão do outro”. As experiências possibilitam, por isso, espaços de sociabilidades e de construções entre indivíduos. Ao falar sobre suas experiências de vida, sujeitos atribuem significados diversos a elas, de acordo com vivências próprias; e as juventudes, inclusive, ressignificam valores a partir destas. Estas construções conduzem a ressignificação das relações vividas e permitem, portanto, o reconhecimento dos indivíduos.

Estas reflexões proporcionadas se aproximam das análises apresentadas por Thompson (1981). Para este autor, a experiência está relacionada a fatores culturais, uma vez que ela é vivida tanto no âmbito do pensamento e dos acontecimentos, como no âmbito dos sentimentos, já que permeia o vivido de cada pessoa/indivíduo. Segundo Thompson (1981), a experiência é definida:

Como uma categoria que, por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um grupo social, acontecimentos inter-relacionados ou muitas repetições de um mesmo tipo de acontecimento. (THOMPSON, 1981 *apud* CRUZ, 2005, p. 51).

Por estar relacionada a fatores culturais, a experiência influencia na construção das identidades, ao mesmo tempo, em que conduz para o estabelecimento das relações sociais, e é fundamental para a compreensão dos processos de ressignificação, pois cada nova experiência é significada de maneira diferente. (CRUZ, 2005).

As contribuições de Thompson (1998) se ampliam na escrita da dissertação, na atenção que o autor destaca para o controle do tempo. Em seus estudos, o autor é enfático ao salientar que entre os povos primitivos o controle do tempo está diretamente associado às atividades e aos processos familiares. Para o autor, isso ocorre entre povos primitivos, já que muito, diferentemente, no capitalismo industrial o controle do tempo é concebido inversamente não pelos processos familiares, mas pelas necessidades impostas pelo mercado, que são determinadas por pressões internas que impõem disciplina e rigor a um ritmo de trabalho irreverente.

A esse respeito, os estudos realizados em campo, diante dos assentamentos rurais pesquisados⁹⁸, possibilitam o entendimento de que o cotidiano das famílias e juventudes está essencialmente relacionado não somente às experiências vividas, mas ao controle social exercido sobre o seu tempo.

Em todas as entrevistas, mulheres-jovens e homens-jovens destacaram o controle que exercem sobre o seu tempo como a característica principal da vida nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu. E avaliam que, de acordo com o seu tempo, desenvolvem as atividades e trabalhos necessários, e ainda exercem com autonomia a vivência dos processos familiares. Nesse sentido, mulheres-jovens e homens-jovens significam o seu tempo a sua maneira, conforme as situações vividas. O depoimento do assentado Pedro ratifica essa compreensão:

As crianças são felizes, porque a gente sabe assim num tem hora pra levantar, num tem hora pra deitar, num tem que estar batendo cartão. Considerar, por exemplo, assim, não tenho nada contra quem é empregado, mas também a gente se sente bem, porque num tem aquela coisa assim que:

⁹⁸ As experiências como pesquisadora foram construídas ao longo de vários anos por meio da trajetória de pesquisa desde a graduação, isso possibilitou à mestranda/pesquisadora conhecer realidades distintas para além do município de Itaquiraí-MS e dos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu.

vai lá tem que cumprir o horário, bater o cartão, vai lá é hora de parar, de pegar, é hora de largar. (Pedro Aparecido da Silva, 54 anos, 2011).

É variável o significado que mulheres e homens atribuem à vida no campo. Por isso, a maneira como são produzidas as relações no cotidiano e orientadas as atividades no trabalho, de certo modo, definem as representações que essas pessoas têm da vida no campo. Pela entrevista de Leonice, é possível perceber o destaque atribuído ao controle do tempo, exercido pela própria família, intensificado nas relações vividas:

No sítio não, no sítio eu e minha família nós trabalhamos em média de três, quatro horas por dia, entendeu? E só algumas vezes tem que rasta um pasto, carpi uma rocinha, mais é coisinha mínima. E se você puder trabalhar hoje você levanta bem cedo, trabalha na hora fresca, na hora do sol quente você pode vir pra dentro de casa, ficar fazendo alguma atividade na casa, ou talvez pode até ficar tomando um tereré, ficar de boa. (Leonice Tiburcio Freire, 48 anos, 2011).⁹⁹

Entendemos que com isso “a vida nos assentamentos vai acontecendo” (FARIAS, 2006, p. 10) como espaço onde se desenvolvem as relações e cenário onde se vive a vida. Essa vida no campo é vivida em contraposição ao tempo estabelecido nas cidades, tendo em vista as necessidades básicas de levantar-se cedo, da divisão e supervisão de trabalhos, do cumprimento de horário determinado pelo patrão e da regularização de hábitos que impõem disciplina de tempo. (THOMPSON, 1998).

Da mesma forma, a compreensão elaborada por D’ Aquino (1996) sobre os modos de ser e de viver nos assentamentos rurais, orientam este estudo para o entendimento das representações das juventudes entre *ser* jovem do campo e de *estar* no campo¹⁰⁰.

Dessa forma, as dificuldades presentes na vida das famílias não se limitam ao espaço e/ou conquista da terra. Muito pelo contrário, as concretudes e conflituosidades marcadas pelas dificuldades de permanência nos assentamentos se afluam no cotidiano das famílias, no

⁹⁹ Ao utilizar a palavra “rasta”, a entrevistada refere-se ao trabalho de capinar o pasto.

¹⁰⁰ A análise elaborada pela mestrand/pesquisadora sobre *ser* jovem do campo e *estar* no campo parte dos estudos realizados por Teresinha D’Aquino (1996), no que diz respeito aos modos de *ser* e de *viver* nos assentamentos. Além dessa pesquisadora, também Sales (2011) já realizou pesquisas que valorizam o discurso e a definição que as/os próprias/os jovens têm sobre sua realidade, e Branco (2003) desenvolveu estudos que visaram a analisar como jovens “estavam sendo” em seu cotidiano (BRANCO, 2003, p. 27). Essas referências servem de aportes teóricos, pois, neste estudo, pretendemos construir a análise de acordo com as concepções e representações produzidas pelas juventudes, contudo atenta para não generalizar a representação das identidades. Dessa forma, arriscamos apreender a riqueza do momento vivido pelas mulheres-jovens e pelos homens-jovens no cotidiano dos assentamentos rurais. Vale destacar que esta reflexão isolada pode parecer objetiva demais, mas, se analisada como processo de produção da pesquisa, contribui para a compreensão das representações identitárias segundo as juventudes. Uma reflexão desta abrangência somente é possível devido à metodologia de trabalho pautar-se na análise das fontes orais.

tempo em que filhas e filhos não encontram possibilidades e/ou oportunidades que lhes possibilitem alcançar o futuro desejado.

Com base no estudo, percebemos que, quando isso ocorre, algumas mulheres-jovens e homens-jovens projetam em outros espaços, como, por exemplo, nas cidades mais próximas, referenciais que proporcionem melhores condições de vida, capazes de suprir suas necessidades.

Envolvidos por essa realidade, tem sido cada vez mais comum o “dilema” enfrentado pelas juventudes entre o “ficar ou sair do assentamento” (CASTRO, 2005). Em seu estudo sobre jovens agricultoras/agricultores, Battestin (2009) destaca que as problemáticas com relação ao difícil acesso às políticas públicas básicas como a educação, o lazer e a cultura, tem dificultado a permanência das juventudes nos assentamentos rurais, e levado grande número de jovens a evadirem-se para outros lugares, na tentativa de encontrar oportunidades que possibilitem o desenvolvimento almejado.

Não distante, analisamos que também as juventudes dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu convivem com esse dilema. As dificuldades de permanência nos assentamentos rurais, permeadas principalmente pela ausência de necessidades e direitos básicos, como acesso à educação, formação profissional, e renda não são condizentes com a necessidade pessoal e da família.

Buscamos informações junto ao INCRA sobre o possível número que referenciasse a permanência e/ou renúncia de filhas e filhos nos lotes, desde o início de constituição dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu, da entrega dos lotes às famílias, quando mães e pais conquistaram a terra, até os dias atuais, na tentativa de avaliar o “dilema” nesses assentamentos.

Todavia, não obtivemos sucesso nesta investigação, uma vez que não há nenhum levantamento detalhado específico dessa situação. Assim, não sabemos o número de filhas e filhos que permanecem com suas famílias desde a origem dos assentamentos. Isso dificulta o conhecimento sobre a realidade dessas/desses jovens: se migraram para outros espaços; se constituíram sua própria família¹⁰¹; e/ou se como suas/seus mães e pais adentraram a “luta” pela terra em outros acampamentos.

¹⁰¹ Observamos realidades distintas vivenciadas pelas juventudes nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu, pois nem sempre filhas e filhos integram as casas de mães e pais totalmente solteiras/os, e/ou legalmente descompromissadas/os. Em momentos de pesquisa, encontramos jovens que permanecem nos lotes de mães e pais, mas com famílias próprias, como o caso de Nayara mãe-jovem que reside com sua filha no lote de sua/seu avó/avô, e ainda e o pai-jovem Geovani, que integra o lote de sua família com sua filha pequena. Estas realidades se configuram devido a fatores econômicos como a falta de trabalho e/ou a insuficiência para a

Nesse caso, as fontes orais foram essenciais e ratificaram a sua relevância e característica enriquecedora de trabalho para a/o pesquisadora/o, pois, ao investigamos em campo, estas fontes proporcionaram considerar relatos das gerações de mães e pais sobre a permanência e/ou renúncia das juventudes nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu.

Todas as mães e pais entrevistadas/os afirmaram que das 334 famílias assentadas na época, atualmente, grande parcela da geração de filhas e filhos destas/destes assentadas/os não estão mais no lote de suas famílias, pois migraram para outros espaços. O assentado Pedro, que assim como sua filha também faz parte do grupo investigado, avalia a saída das juventudes: “é que nesses treze anos a gente percebeu assim que muitos jovens que naquela época eram crianças e nesse período se tornou jovem a... Eles já deixaram o assentamento. Uma boa parte, eu diria assim que em torno mais ou menos de 15%”. (Pedro Aparecido da Silva, 54 anos, 2011).

Nem sempre a saída de filhas e filhos dos assentamentos acontece envolvida por uma escolha; em alguns casos, se concretiza pela necessidade de afirmação econômica, mas é afirmada pela falta de oportunidades profissionais que interfere nas projeções de um futuro melhor. (BATTESTIN, 2009).

Assim, as aspirações e os desejos de vida melhor são entendidos como a realização pessoal diante das dificuldades de permanência que demarcam a vida das juventudes. Por isso, a maioria das/os jovens deseja sair dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu em busca de mercado de trabalho. Elas/eles indicaram as dificuldades para permanecerem nesses lugares, que perpassam o fato de não encontrarem oportunidades para o trabalho e para a realização de seus sonhos profissionais.

Essa constatação demonstra que a reforma agrária, não é uma política pública estática, por alguns motivos: a porção de terra não condiz com a necessidade de produção para suprir todas as necessidades das famílias e promover a permanência de jovens nos lotes; essa terra é improdutiva (na maioria dos assentamentos); os financiamentos são insuficientes para impulsionar a produção agropecuária considerando as condições da terra, o clima e o mercado; e o Estado não considera o modo de vida e a cultura dessas famílias assentadas.

Enfim, por esses motivos, as juventudes não consideram a terra o lugar para o/do trabalho como as gerações passadas, vislumbram trabalho gerador de uma renda mensal para satisfazer suas necessidades básicas, e também de outros consumos relacionados ao fetiche da mercadoria, tão propalados na mídia. Sem contar a ausência, para esse grupo, de atendimento

sobrevivência. Consequentemente, obriga filhas e filhos a permanecerem como agregados no sítio de mães e pais.

à saúde e educação, como, por exemplo, os obstáculos para o acesso ao Ensino Superior, e em alguns assentamentos também para o Ensino Médio. E essas alternativas lhes parecem mais concretas no espaço urbano.

Como bem demonstra Kamila, estas aspirações de busca por condições de vida melhor não encontradas nos assentamentos envolvem desejos de jovens, pois “no assentamento não tem como fazer a faculdade e ter a minha renda” (Kamila Tiburcio Freire, 15 anos, 2011).

Em vários momentos, igualmente mães e pais reconheceram dificuldades para filhas e filhos, dentre elas: acesso ao ensino básico voltado à realidade social dos assentamentos (não ocorre na escola dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu)¹⁰², continuidade dos estudos¹⁰³, falta de emprego com direitos assegurados (inclusive a carteira assinada), desafios relacionadas à falta de manutenção e adequação dos transportes escolares¹⁰⁴, carência de acesso aos espaços de lazer, às práticas de esporte, e construção de sociabilidades que possibilitem a convivência de filhas e filhos.

Por tudo isso, os projetos almejados por filhas e filhos também se inscrevem como projetos de mães e pais. Em geral, as famílias demonstraram apoio e confiança à geração de filhas e filhos, a fim de impulsioná-las/os a seguirem outros caminhos, quando estas/estes jovens assim decidirem, já que aspiram para suas/seus (filhas/os) possibilidades diferentes.

A entrevista realizada com a mulher-jovem Helen reflete realização de um desejo através do curso de informática, e do apoio oferecido pela sua mãe, que a matriculou nesse curso. Durante sua entrevista, Helen demonstra entusiasmo sobre o início do curso de informática e salienta o desejo de sua mãe de concretização de tal intuito, visto a necessidade de aperfeiçoamento profissional.

Olha aqui é difícil que nem a minha mãe quer que eu entre no curso de informática, ela me matriculou semana passada. Eu vou ter que ir uma vez por semana em Naviraí, toda semana pra poder fazer, porque aqui por perto é o lugar mais próximo que tem. (Helen Souza Batista, 15 anos, 2011).

¹⁰² Durante conversas informais, mães e pais teceram importantes considerações no que tange ao ensino da escola que atende os dois assentamentos. Mães e pais consideram que o ensino poderia ser voltado para a inserção e valorização das/os jovens no campo. Ressaltam que o espaço da escola, muitas vezes, o único lugar de reflexão para estas/estes jovens, deveria desprender maior apoio e incentivo às juventudes, de maneira a despertar a participação social. Esta dificuldade pode estar relacionada à outra questão: formação dos professores que atuam na escola. Em momentos de pesquisa, uma mulher-jovem destacou que o ensino oferecido as/os jovens “não é adaptado de acordo com as necessidades, a começar pela maioria dos professores que atuam no campo e que não tem uma formação voltada ao campo”. (Sara de Souza Batista, 24 anos, 2011).

¹⁰³ Para aquelas/aqueles que almejam cursar a universidade, e/ou realizar cursos profissionalizantes.

¹⁰⁴ Visto que a grande maioria das/os jovens que estudam na escola do assentamento Santa Rosa e Guaçu utilizam o ônibus escolar para o transporte e/ou deslocamento dos grupos até a escola.

Avançamos na análise desta fonte, quando interrogamos o significado atribuído por esta mulher-jovem para além das dificuldades destacadas para seu deslocamento até a cidade de Naviraí-MS. A constatação maior está na demonstração do sentimento de ansiedade evocado pela entrevistada, por começar seu curso de informática – esse não é somente seu desejo, mas principalmente de sua mãe.

Ou seja, as duas gerações, de filhas e filhos de assentadas/os, e de suas mães e seus pais, nutrem sonhos comuns. A partir das observações em campo, importa verificarmos como jovens e gerações de mães e pais constroem valores “que valem pelo que são e pelo que representam” (PAIS, 1998, p. 30), mesmo que as distintas gerações necessitem de caminhos diferentes. Em entrevista com a assentada Marli, observamos como esta tece considerações em relação aos valores e projetos para o futuro de suas filhas:

Bom eu espero que esteja melhor, né? As filhas tudo estudando, trabalhando, que estejam aqui no sítio ainda, né? Mais se acaso o destino não favorecer mesmo a nosso favor, né? Que a gente luta, trabalha e espera num... Talvez eu penso que posso estar aqui, posso não estar. Mais no meu caso, eu penso assim que eu ficaria aqui um bom tempo ainda. (Marli Santos da Cruz, 40 anos, 2011).

Neste trecho, os sonhos da mulher assentada estão relacionados aos projetos para o futuro de suas filhas, já que anseia uma vida diferente para elas. Por isso, avalia: “se acaso o destino não favorecer”, podem estar no assentamento ou não estar, pois os seus desejos vão depender dos caminhos que suas filhas seguirem, isso pode significar “o ficar ou o sair do assentamento” (CASTRO, 2005).

Na mesma entrevista, o esposo/companheiro de Marli remete a ponderações importantes acerca das escolhas da filha mais velha do casal, principalmente a de sair do assentamento, já que não conseguiria concretizar o seu sonho de estudar enfermagem. “É para esses meninos mais novos aí, vão ter que ir embora, porque não tem estudo, né? E como eles vão trabalhar pra estudar? Vão ter que trabalhar pra manter o serviço deles pra estudar”. (Antônio Pinheiro da Cruz, 48 anos, 2011).

Ainda durante a entrevista, o assentado reitera a crença no estudo e no trabalho, como as forças impulsionadoras para a saída de suas filhas do assentamento. Questionado se apoiará sua filha mais nova, caso esta também decida migrar para a cidade, o pai responde:

Vai ter que ficar (na cidade) porque aqui não tem condição, num funciona, quem quer crescer. Porque aqui, é primeiro num tem um ônibus pra

transporte, pra levar os alunos pra estudar na cidade, né? Então tem que ir embora, vai fazer o que? Tem que estudar. Acabou, né? (Antônio Pinheiro da Cruz, 48 anos, 2011).

Considerada esta fonte, não se trata apenas da saída das/os jovens dos assentamentos, mas as condições de vida nos assentamentos como as precariedades estruturais do transporte escolar¹⁰⁵. Ao utilizar a palavra “acabou” para finalizar suas considerações, o entrevistado chama a atenção para a falta de incentivo à continuidade dos estudos – tanto em nível Superior quanto profissionalizante –, uma vez que, ao concluírem o Ensino Médio, muitas/os jovens são obrigadas/os a procurarem a continuidade dos estudos nas cidades próximas¹⁰⁶.

Envolvemos a mulher-jovem filha mais nova do casal na pesquisa, ela foi perguntada sobre seus desejos para o futuro e a opção em permanecer ou sair do assentamento. A mesma nos respondeu: “Eu vou sair pra fora (do assentamento) procurar um emprego pra pagar a minha faculdade”. (Marieli Souza da Cruz, 17 anos, 2011). Portanto, a mulher-jovem reafirma as aspirações evocadas, também, pela mãe e pelo pai, e o anseio em obter um emprego que oportunize um salário para investir em sua faculdade. Marieli enfatizou a aspiração de alcançar um futuro promissor como “bióloga”, e tem o exemplo próximo de sua irmã que, ao sair do assentamento, conseguiu um emprego na cidade e deu início ao seu curso de enfermagem¹⁰⁷.

Contudo, por mais que sejam semelhantes as aspirações e desejos entre gerações de mães, pais, filhas e filhos, as representações sociais que conduzem os modos de *ser* e de *estar*, se constituem diferenciadas para cada membro da família. Segundo Pais (1998, p. 30), isso ocorre porque “de uma geração a outra há saberes e posições que se herdam e se transmitem, mas há também lugar para a transformação dos valores.”

A esse respeito, as gerações não somente partilham valores, como também são portadoras de novos valores. A transformação desses constitui um importante fator que surge da articulação entre os projetos coletivos e os projetos individuais.

Durante suas vidas, as gerações podem vivenciar situações adversas, como as configurações dos projetos de vida almejados por jovens, e aqueles projetos construídos por

¹⁰⁵ As experiências em campo possibilitam afirmar que o transporte escolar carece de qualidade para o deslocamento de alunas/os. Do grupo envolvido na aplicação dos formulários, quatro caracterizaram esse transporte como regular, e onze como ruim.

¹⁰⁶ O que os assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu proporcionam à formação de jovens que concluem o Ensino Médio é apenas o curso de técnico agrícola.

¹⁰⁷ Da escrita final da dissertação, a filha mais velha do casal e irmã de Marieli, já estava no quinto semestre do curso de enfermagem.

suas famílias, mas essas situações não são determinantes para originarem rupturas significativas entre mães, pais, filhas e filhos. Dessa forma, Pais (1998) ressalta que

A existência de conflitos entre pais e filhos é de natureza mais *esporádica* do que *permanente*. As situações geradoras de conflitos são pontuais e, na maioria dos casos, parecem ser relativamente ultrapassáveis ou, pelo menos, tacitamente geridas. Os problemas que muitas vezes surgem entre pais e filhos derivam de pequenas ninharias quotidianas e não tanto de um conflito exacerbado de valores dispares que separam as gerações mais novas das mais velhas. (PAIS, 1998, p. 40)¹⁰⁸.

Podemos perceber que as “pequenas ninharias quotidianas” cercam os meandros da vida das juventudes nos assentamentos de reforma agrária e, impulsionam essas/esses jovens a lançarem-se com igual fervor na urdidura da vida. (PAIS, 1998).

Os assentamentos rurais são compreendidos como espaços sociais imprecisos, nos quais são produzidas representações sociais (FARIAS, 2008). Como analisa Gomes (1995), a vida no assentamento está, por isso, relacionada ao fato de:

Se a chegada ao assentamento pode estar envolvida num clima de alegria pela conquista da terra – objetivo de meses e as vezes até de anos de luta -, o cotidiano do assentamento transforma-se num desafio a criatividade, a persistência, e a construção de uma nova relação, vem como a redefinição de outras”. (GOMES, 1995, p. 193).

A vida nos assentamentos proporciona a mulheres e homens desafios para a construção das relações que se definirão no recente lugar. A análise apontada por Gomes (1995) evidencia como a conquista da terra e as novas relações se definem por meio de construções e ressignificações no momento de chegada aos assentamentos, e posteriormente permeiam o cotidiano dessa nova vida.

A fim de compreender a construção dessa nova relação, interrogamos gerações de mães e pais assentadas/os que conquistaram seus lotes durante a “luta” pela terra. Numa escuta especial a essas/esses, mas instigadas pela observação das vivências do cotidiano, constatamos as diferenciações nas formas de “lutas” que orientam a vida das famílias, bem como as concepções produzidas no período anterior e posterior ao assentamento. Sobre como são conduzidas essas “lutas” e como vivenciam as novas relações, o assentado expõe:

Então muda um pouco, muda. Assim relação questão assim, se você perguntar pra mim assim: como que é a vivência no acampamento, barraco de lona e dentro do assentamento? Muda. Muda em termos assim, por

¹⁰⁸ Grifos do autor.

exemplo, assim em relação questão assim as lutas, quando... A gente percebe assim, que quando a gente está no acampamento ela parece ser assim mais afetiva. Tem mais uma união. É mais comunitária. (Pedro Aparecido da Silva, 48 anos, 2011).

Na entrevista do assentado, constatamos que ele ressignifica as relações sociais bem como as experiências de “lutas” vivenciadas no período do acampamento, envolvidas nos barracos de lona, distintas da vida no assentamento.

As “lutas”, assim como os processos de definição de estratégias das famílias, se modificam, seguidas às novas necessidades de mães, pais, filhas e filhos. Nesse sentido, as “lutas” adquirirão outras conotações, e as representações sociais de *ser* assentada/o ou de *estar* no assentamento, mostram-se distintas para uma e outra pessoa.

Ainda por meio da entrevista realizada com Pedro, observamos que não somente as relações sociais se ressignificam, mas igualmente o cotidiano e a forma de organização da vida no assentamento, como, por exemplo, quando o entrevistado reconhece: “se você pegar hoje assim, é fazer assim, por exemplo, assim é nós temos que lutar por um objetivo, se torna um pouco mais difícil, né?”. (Pedro Aparecido da Silva, 48 anos, 2011).

Essa dificuldade de organização das “lutas” no interior dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu apresentada pelo entrevistado se afirma, principalmente, quando após a conquista da terra, alguns grupos e/ou assentadas/os se distanciam, como esclarece Pedro, a pessoa tornar-se “um pouco mais individualista”.¹⁰⁹ (Pedro Aparecido da Silva, 48 anos, 2011). As construções de sentidos com conotações de aproximações e distanciamentos estão relacionadas aos problemas vividos cotidianamente, às especificidades formadoras das diferentes gerações e à maneira como cada uma destas se comprometem com as situações de vida, ou seja, com as “situações de vida concretas”. (BRANCO, 2003).

Nos caminhos de pesquisa, vivenciamos duas experiências de comprometimentos distintos entre gerações da mesma família. A assentada Leonice, envolvida nas atividades de “luta” do assentamento, e as considerações elaboradas por sua filha Kamila acerca da participação exercida pela mãe nesse espaço. Kamila não avalia a participação da mãe como um exemplo a ser seguido por ela, e salienta que não pretende participar de tal forma. O compromisso de Leonice, no entanto, se estende para além do seu lote, como é possível perceber no trecho de entrevista abaixo:

¹⁰⁹ Entendemos impossível generalizar essas posições, pois, durante as pesquisas, compartilhamos experiências de grupos familiares dentro dos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu construindo suas relações sociais pautadas em laços de união e solidariedade. Uma análise ampla, no que diz respeito às sociabilidades produzidas nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu será apresentada no capítulo III da dissertação.

Hoje se for possível, ainda como de fato eu faço isso ainda, eu deixo a minha propriedade... Talvez não direto, entendeu? Com as minhas meninas, e ainda vou fazer, vou ajudar os outros acampamentos, fazer algumas mobilizações se precisar. E vem aqui me chamar eu vou, fico dois, três dias, entendeu? Quatro dias pra lá, volto pra casa, faço as atividades que tem que fazer. Se precisar... Se precisar voltar, a gente volta. (Leonice Tiburcio Freire, 48 anos, 2011).

O comprometimento da assentada está relacionado às atividades exercidas na participação do MST e na associação Oito de Março. A assentada envolve-se ativamente nas mobilizações, inclusive, diretamente junto às reivindicações em outros acampamentos, como destacou em alto tom sua entrevista: “[...] aquele acampamento no trevo ali, eu ajudei a fazer a ocupação dentro da fazenda, entendeu? Fiquei lá oito dias.” (Leonice Tiburcio Freire, 48 anos, 2011).

A participação ativa de Leonice no Movimento que integra os assentamentos Santa Rosa e Guaçu influencia a maneira como esta se envolve diante das “pequenas ninharias cotidiana”, e mesmo no compartilhar da experiência de “luta” em outros acampamentos. (PAIS, 1998).

Verificamos, assim, que a assentada demonstra comprometimento social com outras famílias, e por isso busca contribuir com mulheres e homens na “luta” pela reforma agrária: “A minha questão não, a minha questão é mais diferente. Não é só eu que precisava de terra, tem um punhado pra trás de mim, entendeu? E aí enquanto eu tiver podendo eu vou ta contribuindo dentro das minhas condições.” (Leonice Tiburcio Freire, 48 anos, 2011).

Ao investigar as juventudes dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu, percebemos comprometimentos diferentes entre mães, pais, filhas e filhos. As entrevistas apontam que tais diferenciações podem ocorrer em gerações da mesma família, inclusive naquelas em que mães e pais participam ativamente de movimentos e/ou da organização de assentamentos. Portanto, nem sempre a participação e a postura política de mães e pais influenciam suas filhas e seus filhos.

Kamila destaca em suas concepções um distanciamento dos ideais de “luta” de sua mãe. Questionada sobre a atuação de Leonice, e se gostaria de tomar os ideais de sua mãe como exemplo, a entrevistada declara:

É eu admiro muito ela, mas eu acho pra mim, se eu for participar, vai ser muito mais pouco do que ela participa. [...] Ela se envolve, ela se envolve bastante com isso. E eu acho que eu não vou, não vou conseguir isso não. Eu não quero. [...] É uma coisa que eu não quero. (Kamila Tiburcio Freire, 15 anos, 2011).

Percebemos que a jovem-mulher tem exemplos do envolvimento político de sua mãe com as causas do assentamento, porém apresenta ideais que se diferenciam das contribuições expressas por esta. Admira seu esforço e dedicação, mas não almeja para si tal participação, quando afirma repetidas vezes “não vou... não quero...” (Kamila Tiburcio Freire, 15 anos, 2011).

Embora existam aproximações de modos de vida no campo, as gerações se comprometem diferentemente com as situações do cotidiano, e as representações sociais se estruturam com especificidades para uma e outra pessoa, já que as representações saem da “luta” abstrata, ou da “luta” pela terra, bem como estão no interior das práticas sociais e simbólicas, e no vivido de cada pessoa/indivíduo. (FARIAS, 2008).

Por isso, o estudo geracional desprende esforços diante de aproximações e distanciamentos simbólicos entre as gerações e orienta-nos a dialogar com as possibilidades de construções entre as relações vividas por mães, pais, filhas e filhos para compreensão das concretudes que permeiam o cotidiano das juventudes que vivem em assentamentos de reforma agrária. E nesse cotidiano as juventudes de gerações distintas tecem relações e representações sobre o *ser* e *estar* nos assentamentos, pautadas em processos de autorreconhecimento, nem sempre fáceis ou vitoriosos.

2.3. O autorreconhecimento das juventudes: jovens do campo

A pesquisa e a escrita desta dissertação compartilham, bem como com outros estudos, da definição, das considerações, das afirmações e dos sentidos apresentados pelos próprios sujeitos sociais envolvidos no processo¹¹⁰. Partimos do olhar de cada mulher-jovem e homem-jovem e das formas como apreendem as vicissitudes presentes em seu cotidiano, a fim de compreender as construções de suas identidades. Avaliamos que estudar as juventudes requer compreender o conhecimento que os sujeitos constroem sobre si mesma/o.

Nesse sentido, mulheres-jovens e homens-jovens nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu definem sua juventude a partir de algumas representações e valores considerados relevantes para a sua vida. Essa definição perpassa, igualmente, pelo

¹¹⁰ A exemplo, citamos Sales (2003) e Branco (2003).

reconhecimento de suas identidades e das características sociais e culturais que envolvem o cotidiano das juventudes como os sentimentos de conquistas e desejos de construir sua vida com autonomia, usufruindo de práticas de lazer, além do cultivar amigas/os, e de viver a vida.

Estas características e também a atribuição de valores a essa vida estão associadas à autorrepresentação de cada mulher e homem, por isso as juventudes não podem ser definidas como um conjunto homogêneo por envolverem fatores temporais, espaciais e culturais. (GUIMARÃES, 2008).

No estudo, analisamos as juventudes intrinsecamente relacionadas a três elementos: ao estado de espírito, às formas de pensar e encarar a vida e às ações. O estado de espírito caracteriza-se por situações emocionais vividas pelas/os jovens no decorrer de suas vidas, quando sentimentos, sonhos, desejos, medos, vontades, esperanças e decepções influenciam nas vivências do seu cotidiano.

As formas de pensar das juventudes estão associadas ao que Pais (2009) considera “cursos de vida”, e envolvem distintas idades e representações que delas se constroem, logo, não há fronteiras nem tão pouco limites para delimitar as idades das juventudes. Assim, as formas de pensar das juventudes manifestam-se nas maneiras como encaram os desafios cotidianos e assumem o controle, a responsabilidade e o compromisso com variadas situações.

As ações, um dos elementos de análise das juventudes, se concretizam por meio de tomadas de decisões e em momentos de segurança, reconhecimento, mas também de instabilidade e negação (de valores, de sentidos com relação à terra, de modos de vida, dentre outros) que as juventudes são capazes de produzir. Por tudo isso, as juventudes se constituem como sujeitos históricos envolvidos em relações psicossociais permeadas por sentimentos, esperanças, incertezas e decepções.

De acordo com as análises de Pais (2009, p. 374), um dos traços mais característicos da atual condição juvenil é, sem dúvida, a “*situação de impasse* vivida por muitas/os em relação ao seu futuro”¹¹¹. (PAIS, 2009, p. 374). Desse modo, no decorrer do curso de vida, há diferentes “ritos de passagens”, e que para as juventudes cedem lugar a “ritos de impasses.”¹¹²

Feitas estas considerações, afirmamos que as juventudes vivem ritos de impasse ocasionados pelos processos vividos e pelas situações de vida. Logo, as juventudes se

¹¹¹ Grifos do autor.

¹¹² Para Pais (2009), “os *ritos de impasse* aparecem associados a situações de anomia”. (PAIS, 2009, p. 380). Concordamos com o termo proposto por este autor, porém, consideramos necessário atentar para os cuidados de não simplificação dos “ritos de impasse” a situações de “anomia”, que correm o prejuízo de minimizar a análise das juventudes como detentoras da falta de objetivos, instabilidade, e produtora dos problemas sociais. Ou seja, analisamos que as juventudes vivenciam no decorrer de suas vidas “situações de impasses” (PAIS, 2009), mas essas situações não limitam sua condição, ao passo que fortificam a aprendizagem social.

constroem de diversas maneiras e em diferentes espaços, “mas é sempre um momento no qual se pode melhor observar a intensidade das transformações na construção de um sentimento de identidade.” (BRANCO, 2003, p. 25). Nessa construção do sentimento de identidade, atravessam as experiências proporcionadas no curso de vida, efetivado em relações que não se encerram, mas que se tencionam entre *ser*, o que sou, e *estar*, onde estou.

Diante dessa análise, discordamos da ideia que reduz o estudo das juventudes a uma condição em que ser jovem é uma escolha, ou esta condição se constitui por etapas e/ou fases de vida, ao passo que defendemos as juventudes como categoria de análise histórica social inscrita como produtora do seu próprio sentimento.

A vida das juventudes é repleta de ambiguidades, desejos e incertezas. Em momentos diversos nos assentamentos rurais, ora as/os jovens apresentam certezas quanto sua condição, e anseiam “desejos de uma vida melhor que a de seus pais e mães” (Natali Dominga da Silva, 17 anos, 2011), ora demonstram incertezas nos caminhos a serem seguidos, pois “no sítio não tem como sobreviver” (Kamila Tiburcio Freire, 15 anos, 2011). Isso em decorrência das dificuldades significativas presentes nesses espaços, sobretudo, para a concretização dos sonhos juvenis de estudarem e serem profissionais atuantes.

No que tange aos estudos realizados sobre jovens que vivem em assentamentos rurais, Stropasolas (2006) atenta para a necessidade de ampla reflexão sobre as categorias envolvendo a compreensão do rural e urbano. Recentemente, pesquisas têm questionado a visão urbano-centrada, por causa da tendência de separação e/ou divisão dos espaços rurais e urbanos, não somente no âmbito geográfico, mas também, nas relações sociais. (STROPASOLAS, 2006).

Em busca de compreendermos a relação campo-cidade, surgem opiniões diversificadas de pesquisadoras/pesquisadores e estudiosas/os que discutem esses espaços. Segundo Marques (2002), as interpretações estão relacionadas a duas grandes abordagens:

A *dicotomia* e a de *continuum*. Na primeira, o campo é pensado como um meio social distinto que se opõe a cidade. Ou seja, a ênfase recai sobre as diferenças existentes entre estes espaços. Na segunda, defende-se que o avanço do processo de urbanização é responsável por mudanças significativas na sociedade em geral, atingindo também o espaço rural e aproximando-o da realidade urbana¹¹³. (MARQUES, 2002, p. 100).

Os estudos de Stropasolas (2006) estão relacionados à abordagem do *continuum*. Ele concebe a existência, na verdade, de uma continuidade entre o rural e o urbano:

¹¹³ Grifos do autor.

Elabora-se, assim, a tese da existência de um *continuum* entre o meio rural e o meio urbano, que supõe reconhecer que a passagem de uma comunidade (rural) para outra (urbana) se realiza de maneira gradual, de tal modo que entre o urbano e a ruralidade não há uma ruptura e sim uma continuidade. Por outro lado, o caráter inovador da abordagem do *continuum* consiste no fato de que ela indica, claramente, o fim das formas tradicionais da dicotomia rural-urbano, as que são definidas pelo isolamento e pela oposição radical entre campo e cidade¹¹⁴. (STROPASOLAS, 2006, p. 67).

Como Stropasolas (2006), também Graziano da Silva (1999) aproxima sua análise à abordagem de um *continuum* entre o rural e o urbano. Este considera que as cidades não podem mais ser identificadas apenas por suas atividades industriais, nem os campos associados exclusivamente às atividades de agricultura e pecuária.

Isso porque, conforme este autor, “o meio rural brasileiro já não pode mais ser analisado apenas como o conjunto das atividades agropecuárias e agroindústrias, pois ganhou novas funções.”¹¹⁵ (GRAZIANO DA SILVA, 1999, p. 10). Sobre estas novas funções, ele destaca o aparecimento de novas atividades não agrícolas no campo, que teriam representado fonte de renda complementar às famílias rurais.

Concordamos com estes autores, pois observamos os padrões comportamentais da cidade impulsionam as necessidades de consumo e de acesso ao mercado no campo, ao mesmo tempo em que reconhecemos relações próprias do campo permeando as relações estabelecidas na cidade.

Em consideração a essas observações e análises aqui descritas, percebemos o entrelaçamento de elementos sociais de um e de outro espaço. Assim, nos assentamentos rurais passam a ser produzidas relações urbanas e rurais, uma vez que “o rural vive no urbano, e no urbano há uma força muito grande do rural”. (FABRINI, 2007).¹¹⁶

Como representações sociais, as categorias rurais e urbanas não devem ser generalizadas nas diferenciações existentes entre os espaços geográficos, mas ampliadas nas análises dos significados atribuídos pelas/os pessoas/indivíduos que ali vivem. Por isso, as representações construídas em torno das categorias rurais e urbanas apresentam uma

¹¹⁴ Grifos do autor.

¹¹⁵ Uma das bases centrais de análise de Graziano da Silva (1999) diz respeito à pluriatividade e/ou ao aparecimento dessas “novas atividades rurais que tem propiciado outras oportunidades para muitas/os produtoras/produtores que não podem mais ser chamados de agricultoras/agricultores ou pecuaristas”. (GRAZIANO DA SILVA, 1999, p. 10).

¹¹⁶ Esta reflexão faz parte das considerações registradas pela mestranda/pesquisadora durante a palestra proferida pelo professor Dr. João Edmilson Fabrini, em realização no III Encontro Regional de Geografia Perspectivas Territoriais: Os novos conteúdos das relações cidade-campo. Este evento foi realizado na UEMS, campus de Glória de Dourados, no dia 04 de outubro de 2007.

multiplicidade de significados para uma e outra pessoa, devido às diferenças nas formas de acesso aos bens materiais e sociais, às condições de vida, e aos contextos distintos.

As representações dos espaços rurais e urbanos repercutem igualmente na maneira como as pessoas constroem suas relações e vivenciam suas identidades. Este fato pode ser constatado em vários momentos da pesquisas, quando as/os entrevistadas/os reconhecem que nos assentamentos rurais conseguem exercer melhor o controle do seu tempo, o inverso ocorrido na época em que moraram e/ou trabalharam na cidade. Percebemos o significado de tempo elaborado de forma diferenciada de um espaço para o outro. Isso porque nas cidades predominam modelos mais rígidos de mercado a orientar as necessidades de consumo e de produção.

Do mesmo modo, as representações sociais estruturadas nos espaços rurais e urbanos apresentam especificidades e que, por isso, essas categorias não devem ser compreendidas separadamente em restrição às perspectivas geográficas e econômicas, mas ampliadas em suas particularidades num conjunto dinâmico dos aspectos sociais, culturais e históricos envolvidos.

Bagli (2006) desenvolve um importante estudo ao declarar a necessidade de rompimento com as “dicotomias fortalecidas” e com as “oposições consolidadas” que representam a cidade como uma “criação emancipadora” e o campo como o “outro”, ou seja, “aquilo que não é cidade, permeado de preconceitos.” (BAGLI, 2006, p. 55).

Por considerar que esses mitos criados em torno do fortalecimento da cidade e da negação do campo se fundamentaram no passado, “seja em um passado representante do atraso, quando relacionado à lógica feudal, seja um passado redentor, quando relacionado à busca da harmonia entre homem e natureza” (BAGLI, 2006, p. 57), a autora prossegue: “não é possível se debruçar sobre o campo e a cidade, mirando-os com os olhos do passado”. (BAGLI, 2006, p. 57). Isso porque o campo não se constrói da mesma forma de tempos atrás, tendo em vista que as necessidades vividas pelas famílias nesse espaço também não são as mesmas, já que sofreram transformações ao longo dos anos.

O ponto central de análise dessa autora se dirige à afirmação de que a maneira de reorganização desses espaços, bem como as peculiaridades existentes entre cada um deles, é capaz de redefinir as relações sociais estabelecidas entre as/os pessoas/indivíduos. (BAGLI, 2006).

Uma vez redefinidas as relações, as representações sociais também se ressignificam, não são neutras, nem passivas. Com isso, a vida nos assentamentos pode constituir múltiplos significados, por ser um lugar calmo, “bom para se morar”, (Andressa Denitte Runa, 20 anos,

2011) “tranquilo, que tem paz, porque é quieto” (Aline Arantes da Silva, 15 anos, 2011). Ainda pode significar uma vida escassa de oportunidades, já que “não tem um lugar de diversão, não tem um curso, e tem a falta de serviço.” (Natali Dominga da Silva, 17 anos, 2011).

Atentas às representações, entrevistamos mulheres-jovens e homens-jovens no intuito de indagar sobre suas considerações acerca da vida nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu. Em alguns momentos, tivemos a seguinte informação: “Significa uma vida muito cansada, pessoa tem muito trabalho, trabalha muito.” (Marieli Santos da Cruz, 17 anos, 2011).

Por meio da entrevista, pudemos perceber o significado do cotidiano no assentamento Santa Rosa para a entrevistada, bem como a importância da representação do trabalho na vida da mulher-jovem. Ao ampliar a análise desta fonte oral, construímos o que Garrido (1993, p. 33) caracteriza como uma “interpretação histórica mais completa, mais rica e complexa”, por verificarmos que os lamentos e as angústias da mulher-jovem estão relacionados à desvalorização de seu trabalho, ao rotineiro, e ao cotidiano construído por tarefas como “lavar a louça, apartar o bizerro, aplicar os remédios nas vacas”. (Marieli Santos da Cruz, 17 anos, 2011).

Em decorrência, o trabalho representado no cotidiano de Marieli se manifesta para a mulher-jovem como “sempre as mesmas atividades.” (Marieli Santos da Cruz, 17 anos, 2011). O repetitivo, causa, por vezes, o desencantamento da mulher-jovem frente ao rotineiro, e evoca a noção de “ajuda”¹¹⁷ à mãe e ao pai nos serviços realizados no lote. A esse respeito, Stropasolas (2006) tece importantes considerações sobre as representações construídas em torno do trabalho feminino e/ou juvenil nos espaços rurais:

As mágoas e os ressentimentos expressos no depoimento de mulheres e jovens, que não são reconhecidos pelo seu esforço sistemático e contínuo nas relações sociais de produção, indicam a ocorrência de um importante viés de gênero e geração na agricultura familiar, demandando uma análise mais cuidadosa destas representações. (STROPASOLAS, 2006, p. 127-128).

Dessa forma, notamos que a desvalorização das atividades e/ou dos trabalhos exercidos pelas mulheres, sem a problematização do que representam nas diversas instâncias da vida social e econômica, porque sozinho o homem não realizaria todas as atividades do lote, como o cultivo da horta, a alimentação do gado, e o trabalho na roça, além de todo o trabalho da casa exercido pelas mulheres, na maioria dos casos, conduzem a outras

¹¹⁷ De acordo com seus estudos Scott (2010), a noção de “ajuda” e seus múltiplos significados é uma das questões que mais estão associadas às relações de gênero.

consequências, como o descontentamento de muitas mulheres-jovens com a vida nos assentamentos. Tal fato as impulsiona ao desejo parecido ao de Marieli: “sair pra fora e achar um emprego”. (Marieli Santos da Cruz, 17 anos, 2011).

O significado da vida no assentamento recebe outras referências, tem múltiplos significados para as juventudes, como o encontrado nas considerações de outra mulher-jovem, cujos aspectos destacados se diferenciam daqueles demonstrados por Marieli. Esta outra mulher-jovem, Sara, destacou a tranquilidade que a vida no assentamento pode proporcionar: “Ah pra mim significa a vida rural? Ah é assim uma vida rural é uma vida muito sossegada, mais tranqüila, que eu vivo melhor do que se vivesse na cidade”. (Sara Souza Batista, 24 anos, 2011).

No depoimento desta mulher-jovem são significativas as representações fortalecedoras da vida no assentamento, por este lugar proporcionar uma “vida melhor” do que na cidade. A “vida melhor” é enaltecida em vários momentos durante sua entrevista, quando Sara remete a vida no assentamento Guaçu ao sossego e à tranquilidade, atualmente, realidades pouco encontradas nas grandes cidades, mesmo em meio às adversidades e dificuldades para a permanência das juventudes nesses assentamentos, por causa da falta de oportunidades de emprego e de estudo para este grupo.

Esta mulher-jovem é a única do grupo investigado que possui formação Superior. A mesma leciona na escola do assentamento Santa Rosa e Guaçu, e está sempre envolvida com as atividades, demonstrando participação no cotidiano dos assentamentos. Um exemplo de sua participação foi observado ao acompanharmos a realização da festa para a comemoração de aniversário dos 12 anos de criação dos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu. Sara foi a única jovem do assentamento Guaçu que participou da organização e construção da mística a ser apresentada¹¹⁸.

Constatamos que jovens que tentam participar, e/ou envolvem-se com a organização e o cotidiano das manifestações e “lutas” destes assentamentos, se autorreconhecem como jovens do campo, se identificam com esse espaço e apresentam concepções enaltecidas e valorativas relativas a esse vivido.

¹¹⁸ Vale destacar que nesse momento havia a presença de outras mulheres-jovens e homens-jovens, mas essas/esses não se manifestaram em participar. Destacamos que a participação da mestranda/pesquisadora em situações, para além da coleta de fontes em campo, se caracteriza como construções importantes para a compreensão das representações sociais, das relações de gênero, e percepção das sociabilidades juvenis.

Essas concepções demarcam uma heterogeneidade de visões de mundo, anseios, necessidades e avaliações sobre a vida nos assentamentos, isso porque são construídas representações distintas entre as juventudes.

Ou seja, o sossego e a tranquilidade são reforçados por umas/uns, como para a mulher-jovem Sara, como características relevantes da vida no assentamento, constituindo-se importantes para a permanência na terra. Ao contrário, outras jovens, por sua vez, como Marieli, representam o assentamento como um lugar que “não é bom”, “um lugar parado, que não tem lugar pra sair”, pois não lhe proporciona as alternativas desejadas de ir e vir, nem tão pouco as condições para a concretização de seu sonho o de “se formar e ser uma bióloga” (Marieli Santos da Cruz, 17 anos, 2011).

Assim como Branco (2003), avaliamos o espaço social como referência para compreensão das identidades, pois não diz respeito somente aos limites geográficos, mas às relações estabelecidas entre indivíduos.

Nesse sentido, o autorreconhecimento das juventudes está relacionado à valorização e/ou à negação do espaço, uma vez que, como diria Lefebvre (1991), o espaço não é um objeto científico afastado da ideologia, mas processado, ocupado e moldado a partir de elementos históricos e naturais. Nos momentos em que indagamos sobre as representações construídas pelas/os jovens do espaço em que vivem, pudemos, de fato, compreender o reconhecimento de suas identidades.

Diante do questionamento ao grupo total investigado, encontramos mulheres-jovens e homens-jovens que se identificaram de ambas as formas, ou seja, como jovens rurais e jovens do campo, porém nenhum/a se identificou como jovens sem-terra. Entretanto, nos caminhos de pesquisa, jovens relataram que já foram chamadas/os dessa forma, mas não se reconhecem como sem-terra, não há, portanto, uma *identidade vivida*.

A esse respeito, durante a realização de uma roda de conversa com as juventudes, um homem-jovem nos indagou: “Mais de sem-terra a gente não pode ser chamado, porque a gente já ta assentado, sem-terra é quem ta na busca pelo lote, num é”? (Willian Rodrigo Porto de Oliveira, 19 anos, 2011).

Em compreensão ao questionamento elaborado por Willian, trouxemos para a roda de conversa a coleta de fontes realizada junto à sede do INCRA na cidade de Dourados-MS, na qual constatamos que, para conselhos e/ou órgãos do governo, a propriedade da terra está sob a responsabilidade da/o assentada/o. Conforme dados do INCRA estas/estes detém o “controle” do lote, bem como de seu desenvolvimento e economia. As/os jovens são

reconhecidas/os como filhas e filhos das/os assentadas/os e não como depositários da posse da terra.

Filhas e filhos trabalham, mas como, na maioria das vezes, as atividades estão restritas à manutenção dos lotes, esse trabalho não é reconhecido e valorizado como atividade econômica. Além dessa reflexão, a coleta de fontes aproxima prática à vida cotidiana de cada jovem, propiciando-as/os falar sobre sua própria realidade, e se o acesso à propriedade e/ou ao lote de mães e pais, permitiria a autonomia financeira específica que tanto desejam mulheres-jovens e homens-jovens.

Estudos de Stropasolas (2006) indicam que nos assentamentos rurais a maioria de jovens não dispõe de independência econômica, por esse motivo não pode investir em seus ideais e/ou em seus sonhos. Igualmente, muitas/os jovens não exercem, com total autonomia e liberdade, a recriação das práticas que almejam, devido ao respeito por estarem na casa da mãe e/ou do pai¹¹⁹.

A partir das considerações de que grande parte das/os jovens do grupo de pesquisa, se autorreconheciam como jovens do campo, buscamos compreender as mulheres-jovens e homens-jovens segundo essa definição.

Os destaques das juventudes atribuídos a essa identidade, referem-se, sobretudo, ao reconhecimento que estas/estes mulheres-jovens e homens-jovens produzem sobre o modo de vida nos assentamentos rurais estar relacionado à vida no campo.

As associações do trabalho no campo constituem aspectos comuns em todas as entrevistas realizadas. As/os entrevistadas/os procuraram relatar os modos de vida associados ao: “lidar com a terra” (Marieli Santos da Cruz, 17 anos, 2011), e/ou “às atividades que são voltadas ao campo.” (Sara Souza Batista, 24 anos, 2011). Essas considerações se afirmam, como avalia Helen, porque “tudo a gente tem que mexer na área rural, é com pecuária, agricultura. O único meio de sobrevivência é esse. E os jovens acabam tendo que lidar junto com os pais”. (Helen Souza Batista, 15 anos, 2011).

Verificamos que as juventudes, ao mesmo tempo, em que avaliam o modo de vida no campo, reconhecem que os assentamentos não propiciam oportunidades para viabilizar alternativas econômicas de uma vida diferente da realidade de mães e pais.

Esse é um dos dilemas enfrentados em praticamente todos os assentamentos rurais do estado de Mato Grosso do Sul, já que dentre os desafios apresentados, com relação ao

¹¹⁹ Estas reflexões envolvem relações de gênero, e indicam ainda são significativas as representações construídas em torno da figura paterna e/ou materna, do pai protetor da família e/ou da mãe referencia do lar, construções essas balizadas por princípios que procuram manter formalizações.

mercado de trabalho, à continuidade dos estudos e à formação profissional, está a renda que não é suficiente para oferecer qualidade de vida e/ou bem-estar para todos os membros familiares, inclusive para as juventudes. Trata-se, portanto, do desafio da reforma agrária: que a agricultura familiar seja, de fato, valorizada e receba incentivos adequados à ampliação da renda familiar e, conseqüentemente, o incentivo à permanência na terra¹²⁰.

Dessa forma, por mais que existam aproximações nas relações entre campo e cidade, como, por exemplo, nas informações que, atualmente, chegam com maior facilidade nesses espaços proporcionadas pelo acesso aos meios de comunicação¹²¹, e mesmo os anseios e/ou necessidades que vislumbram jovens do campo¹²², constatamos diferenças entre as condições de vida das juventudes do campo e da cidade no que condiz à renda familiar, às formas de acesso ao mercado de trabalho, bem como aos estudos, ao lazer, à cultura, e à formação. Como avalia Battestin (2009), talvez por isso as juventudes projetem outras possibilidades de vida nas cidades.

Nestas situações, a cidade é vislumbrada por algumas mulheres-jovens e homens-jovens como a possibilidade de concretização dos sonhos que povoam o cotidiano, bem como de desejos de conquistar o mercado de trabalho, espaços do comércio.

Os estudos do antropólogo Parry Scott (2010) apontam que “a migração juvenil do campo, permanece, especialmente para as meninas”. (SCOTT, 2010, p. 28). Concordamos com este autor, pois as pesquisas em campo demonstram que, na maioria das vezes, as mulheres-jovens são as que mais nutrem desejos de continuar os estudos e seguir carreira profissional. Estas ainda mais que os homens-jovens, por estes estarem diretamente envolvidos nos trabalhos com o lote e com a produção¹²³.

Por isso, mulheres-jovens buscam nas cidades próximas aos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu alternativas que lhes propiciem melhores condições de conclusão dos

¹²⁰ Ao nos referirmos à qualidade de vida, consideramos: acesso à saúde, moradia, educação, segurança alimentar, e renda para aquisição daquilo que a terra não produz.

¹²¹ Na aplicação dos formulários em campo, verificamos que a televisão é o meio de comunicação mais utilizado por mulheres-jovens e homens-jovens, bem como o conhecimento das “notícias regionais” que são ouvidas pelo rádio entre famílias assentadas. O difícil acesso à internet ainda é uma problemática vivenciada pelas juventudes do campo.

¹²² Em seus estudos, Wanderley (2007) afirma a necessidade de considerarmos aproximações nas aspirações vividas pelas juventudes do campo e das cidades, pois, de maneira geral, os desejos refletem a busca por uma vida melhor.

¹²³ A esse respeito, Stropasolas (2006) tece considerações quanto à divisão do trabalho na unidade familiar, que destina o espaço da casa e a esfera doméstica às mulheres-jovens, enquanto o trabalho na lavoura, considerado o produtivo, é percebido como o espaço masculino. Isso reflete relações de gênero e circunscreve a masculinização no campo, objeto de investigação deste autor.

estudos, principalmente no que tange à realização de cursos profissionalizantes e inserção no mercado de trabalho¹²⁴.

Contudo esses desejos, que representam a busca por uma vida melhor para as juventudes do campo, estão circunscritos na valorização, bem como nas possibilidades de realização pessoal de cada jovem, que nutrem os sonhos de mulheres e homens. Assim, há vários aspectos e fatores que estão relacionados à saída das/os jovens dos assentamentos, e vários “possíveis” (LEFEBVRE, 1991) que permeiam o desejo, como se qualquer tentativa de busca na cidade representasse o primeiro voo da andorinha. A fala a seguir do homem-jovem ratifica a representação do sentimento de liberdade que almeja:

Que nem a gente que ta aqui professora sei lá. Eu mesmo a gente vai ficando desde pequeno, a gente vai enjoando que sai, conhecer lá fora. Igual às pessoas que ta na cidade, que sai conhece fazenda, sítios, já tem muitos que vai pra fazenda passear. Igual eu, quando morava na cidade... Ixi minhas férias era só em fazenda. (Anderson Agnaldo do Nascimento, 16 anos, 2010)¹²⁵.

As considerações apresentadas por Anderson são fonte de conhecimento sobre as necessidades vividas pelas juventudes, e se ampliam à medida que envolve a vida no assentamento e as vontades, e no destaque à subjetividade do indivíduo.

Dessa forma, durante os momentos em rodas de conversa, por meio da escuta atenta às/aos jovens, impulsionamos discussões que buscaram ampliar os aspectos sociais que permeiam a vida das juventudes, o cotidiano da vida nos assentamentos, assim como as possíveis maneiras de *ser* e *estar* no campo.

Propusemos os seguintes questionamentos para as mulheres-jovens e homens-jovens na realização das rodas de conversa se: Consideram-se participantes da vida no assentamento? Vivenciam com outras/os jovens e adentram neste espaço social como jovens do campo? Ou se consideram apenas moradoras/moradores do assentamento, como se estivessem nesse espaço por uma temporada e logo poderão sair?

¹²⁴ Entre as cidades próximas aos assentamentos Santa Rosa e Guaçu em que juventudes buscam oportunidades de crescimento e formação, se destacam Itaquiraí, Naviraí, Mundo Novo e Dourados. Dois exemplos de mulheres-jovens que se deslocam semanalmente para a cidade, a fim de realizar estudos, ilustram o cotidiano de muitas outras mulheres-jovens: Andressa Denitte Runa – realiza curso técnico em agricultura em Mundo Novo – , e Helen Souza Batista – cursa Computação em Naviraí.

¹²⁵ Esta fala integra depoimento colhido durante a realização de roda de conversa, em que dois homens-jovens moradores do assentamento Santo Antônio, uma vez obtendo conhecimento da pesquisa, optaram em participar da reunião. Suas contribuições mostraram-se importantes e foram arquivadas pela mestrandia/pesquisadora no diário de campo.

De nove jovens que estavam presentes na roda de conversa – seis homens-jovens e três mulheres-jovens –, apenas dois homens-jovens se autorreconheceram *ser* “do campo” e se identificaram com a vida no assentamento e como jovens pertencentes àquele espaço social.

Uma das mulheres-jovens já havia salientado em outro momento da pesquisa que não gostava da vida no assentamento e não pretendia continuar ali, portanto, reafirmou *estar* apenas vivendo “no campo”. A outra se identificou como jovem do campo, mas apresentou ressalvas que indicam o desejo de sair do assentamento para cursar a universidade. Como esse grupo inserido na roda de conversa, do total geral da pesquisa, a maioria das/os jovens também se identificou apenas como moradora/morador do assentamento.

A aproximação com os dois homens-jovens moradores do assentamento Santa Antônio, inclusive com Anderson, constituiu-se ainda como uma experiência importante para a pesquisa, pois estes apresentaram experiências semelhantes às observadas nas afirmações quanto ao assentamento Santo Antônio, no qual as juventudes encontram dificuldades para permanência nos lotes devido à falta de oportunidades de trabalho.

Nessa perspectiva, consideramos que as concepções que orientam o trabalho se constroem distintas para uma e outra pessoa, e influenciam nas representações e decisões das juventudes do campo. O trabalho, como um emprego com registro em carteira assinada, significa às/aos jovens o acesso aos direitos como férias, décimo terceiro, ou seja, a uma necessidade de vida. Além disso, contribui para a autoestima e a independência financeira, acompanhada da autonomia econômica que esta atividade pode representar para filhas e filhos.

Por conseguinte, o trabalho como projeto individual se inscreve como elemento fundante que regula a relação dos indivíduos na sociedade. Ao mesmo tempo, por ele se podem construir os meios necessários para obtenção das conquistas de vida.

Com isso, analisamos que, no cotidiano dos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu, o trabalho significa esforço, conquista e busca por melhores condições de vida não somente para as juventudes, mas igualmente para mães, pais e demais assentadas/os.

Ademais, a busca pelo trabalho se inscreve para jovens como o caminho para realização pessoal. Com o próprio dinheiro, mulheres e homens podem obter os bens de consumo desejados, mediante seus esforços, como enfatiza Natali: “tudo o que eu quero é eu mesmo que quero comprar, porque meus pais não têm condições”. (Natali Dominga da Silva, 2011).

Nesse contexto, compreendemos que há várias/os pesquisadoras/pesquisadores, dentre eles Castro (2005) e Stropasolas (2006), que trabalham com a categoria juventude

rural, mas as pesquisas em campo aos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu nos demonstraram que estas/estes jovens se reconhecem como jovens do campo.

O reconhecimento das/os jovens do campo está associado às formas como as juventudes ressignificam o vivido. As vivências de cada mulher e cada homem não são as mesmas, como também não são as representações e nem os projetos de vida, pois envolvem subjetividades distintas¹²⁶. As subjetividades proporcionam a criação e recriação de novas possibilidades de vida. Nesse sentido, utilizando-se de Guattari, Gomes (1995) analisa que

A subjetividade enquanto uma maneira de ver e construir o mundo –, da resistência ao presente enquanto possibilidade de construção do devir, o que significa a possibilidade de construção de subjetividades singulares, da heterogênese, da diferença. (GOMES, 1995, p. 21).

Por isso, a subjetividade é um processo constante de construção/desconstrução, é a “maneira de ver e construir o mundo”. (GOMES, 1995, p. 20). Assim, observamos que nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu, as juventudes buscam construir sua vida de acordo com os significados atribuídos aos processos vivenciados. Esses significados modulam as identidades que se constroem, portanto, “na trama de inúmeras representações”. Como salienta Branco (2003, p. 24), “representações de ‘outros’ (semelhantes e diferentes) e de um ‘si mesmo’ (continuidade e transformação). Essas, por sua vez, ao serem processadas, orientam as demais representações do mundo a partir desse “sentido de si” continuamente refeito.

¹²⁶ De acordo com Gomes (1995), as identidades dos indivíduos estão articuladas aos componentes das subjetividades.

CAPÍTULO III

MULHERES-JOVENS E HOMENS-JOVENS: OS MODOS DE SER E ESTAR NO CAMPO

Tenho Tanto Sentimento

Tenho tanto sentimento
Que é frequente persuadir-me
De que sou sentimental,
Mas reconheço, ao medir-me,
Que tudo isso é pensamento,
Que não senti afinal.
Temos, todos que vivemos,
Uma vida que é vivida
E outra vida que é pensada,
E a única vida que temos
É essa que é dividida
Entre a verdadeira e a errada.
Qual porém é a verdadeira
E qual errada, ninguém
Nos saberá explicar;
E vivemos de maneira
Que a vida que a gente tem
É a que tem que pensar.
(FERNANDO PESSOA)

3.1. Ser jovem: representações no cotidiano dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu

Assim como as vertentes dos estudos referentes às juventudes, as representações sobre *ser* jovem no cotidiano dos assentamentos rurais se apresentam heterogêneas, uma vez que o cotidiano se compõe de numerosas práticas ordinárias e inventivas que o identifica como “caráter múltiplo”, “lugar de invenção”, território do dinâmico. Porém, concomitantemente, do contraditório e confuso. (CERTEAU, 2002).

Orientadas pelas análises de Lefebvre (1983), compreendemos as representações sociais como mediações e elementos que organizam a vida social. As representações surgem a partir do conceito, contudo este não se reproduz por si só, como amplo, é permeado por construções e reestruturações. O conceito não é absoluto e acabado, pois é produzido por concepções objetivas e simbólicas, que buscam conhecer o desconhecido. Daí advém a necessidade apontada por Lefebvre (1983) de pensá-los como processos dinâmicos.

Em Lefebvre (1983), as representações nascem da necessidade de uma nomeação e significação das coisas, por isso elevam-se por meio do conceito. Portanto, as representações permeiam o conhecido e o desconhecido, orientam o vivido e o concebido, está no presente e no ausente, e se inscrevem, ao mesmo tempo, como falsas e verdadeiras. Nas palavras deste autor “verdaderas como respuestas a problemas reales y falsas como disimuladoras de las finalidades reales” (LEFEBVRE, 1983, p.62).

Nessa perspectiva, Lefebvre (1983) trabalha com o conceito de representações, de maneira a reconhecê-las, simultaneamente, falsas e verdadeiras. Quando emprega esta análise, o autor não está negando-a como uma ou outra, mas diferentemente proporciona por meio de sua investigação a compreensão das representações como algo que está, geralmente, oculto, e/ou como o não dito.

Ou seja, como interditos as representações ganham estatuto, possuem forças e constroem verdades, o que, de acordo com Lefebvre (1983), auxiliam para o domínio e abertura dos caminhos que levam aos possíveis. Esses possíveis se caracterizam pela busca incessante onde nada está inscrito, e onde o conhecimento não é verdade acabada.

A esse respeito, as análises do autor orientam-nos para o entendimento de que os assentamentos rurais são espaços permeados por possíveis e, nestes, as representações se constroem pelas experiências dos indivíduos.

Da mesma forma, concordamos com Lefebvre (1983), ao reconhecermos a necessidade de repensar as relações sociais como construções que não estão acabadas. Por

esta reflexão, desconstruímos as possíveis trivialidades, e recriamos significações num cotidiano em que novas representações se completam pelos processos de conquistas, rupturas, sonhos e utopias. (LEFEBVRE, 1983). Nesse sentido, as representações igualmente, se findam pela significação atribuída à família.

Em seu trabalho sobre crianças e juventude, Philippe Ariès (1981) tece importantes considerações no que tange à família. Para este historiador, diferentemente do que ocorria na Idade Média, a partir dos séculos XVI e XVII, “a família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado para a transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas”. (ARIÈS, 1981, p. 277).

Corroboramos com este autor e consideramos que a família inclusive representa e corresponde não somente a uma necessidade de intimidade, mas de identidade dos indivíduos. (ARIÈS, 1981). Durante as pesquisas de campo, encontramos mulheres-jovens e homens-jovens que relacionaram a representação da família ao “tudo” (Natali Dominga da Silva, 17 anos, 2011), e “ao alicerce da casa” (Nayara Ingrid de Souza, 18 anos, 2011).

Analisamos ser a família uma unidade social que transmite, organiza, representa, elabora e reforça padrões, bem como influência nos projetos de vida e nas relações sociais construídas entre pessoas/indivíduos. Nas palavras de Nayara, a família expressa ainda sentimento, apoio, amor, “representa tudo o que você imaginar, é a minha família”. (Nayara Ingrid de Souza, 18 anos, 2011).

Na análise da pesquisa de campo, verificamos que nas relações familiares são exercidas outras relações, sentimentos e subjetividades, nem sempre sentidas ou avaliadas por todas/os da mesma forma. O “tudo” representa, outrossim, as relações vividas e concebidas para uma e outra pessoa.

Em um dos momentos de pesquisa, observamos o poder exercido pela família, representado nas necessidades vividas por um homem-jovem, o qual inicialmente permanecia na cidade de Naviraí, no intuito de prosseguir seus estudos. Todavia, este se viu forçado a retornar ao assentamento Guaçu, devido ao fato de sua avó e seu avô apresentarem idade avançada e necessitarem do seu trabalho para a produção e cuidados com o lote.

As considerações de um amigo do homem-jovem ratifica esta compreensão: “Ele tem que ajudar os pais dele. Os pais dele são tudo velho. Vai saí do sítio coitado passa apurado”. (Edson da Silva, 30 anos, 2010)¹²⁷. Podemos verificar, nessa afirmação, que Edson caracteriza

¹²⁷ Este homem-jovem é morador no assentamento Tamakavi, mas estabelece relações amigáveis com jovens dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu, e em dia de pesquisa em campo, Edson participou da produção de entrevista

a família de seu amigo como “tudo”, como se esta fosse sua maior motivação para voltar ao assentamento. Estamos diante de uma representação da família segundo uma necessidade de vida, carregada de significados que evocam poder e influenciam no cotidiano e na vida de filhas e filhos.

Dessa forma, o retorno do homem-jovem para o assentamento se constitui não somente como vontade do filho, mas como necessidade da família, e parte dos desejos que movem mães e pais na continuidade da “luta” pela terra. Além disso, a criação de filhas e filhos está associada à relação da família com a terra. Assim, a relação com a terra e a concepção que se tem dela estão imbricadas nas condições de vida, de conquistas, de valores, de modos de viver, e ainda inscreve este lugar como de reprodução das relações de sociabilidade¹²⁸.

Feitas estas considerações, compreendemos que as relações familiares envolvem não apenas relações de gênero, como também propiciam importantes reflexões no que tangenciam as relações de poder construídas entre os membros e suas famílias.

Tais análises possibilitam compreender que o cotidiano dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu são envoltos por relações de poder como também por relações de resistência. As juventudes do campo constroem formas de resistência em momentos diversos: quando permanecem nos assentamentos, ao saírem desse espaço, e/ou ainda por meio da maneira ativa com que participam e/ou renunciam a vida no campo. Ou seja, mulheres-jovens e homens-jovens criam formas de resistência, de socializações, de (re) elaborações, compartilham experiências, e em grupos se empoderam.

Por meio do conjunto de possíveis, Lefebvre (1991, p. 130) analisa ainda a historicidade do cotidiano, momento em que afirma: “é na vida cotidiana que se cumpre mais ou menos, mais mal que bem, o reengate, o ajustamento dos significantes e dos significados. Lá é preciso viver”.

Orientadas por esta reflexão, analisamos que as relações sociais vivenciadas no cotidiano dos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu são reinventadas a cada novo tempo, em que novas necessidades surgem, assim como anseios, desejos e sonhos de “viver a vida”. (Natali Dominga da Silva, 17 anos, 2011).

Ao reiterar a escolha teórica, concordamos com Lefebvre (1983), quando este autor reconhece a perspectiva de transformação pensando a dialética, a construção e a

coletiva juntamente com Helen Souza Batista e Adilson de Oliveira. No momento da entrevista, Edson se refere ao homem-jovem Adilson de Oliveira, este último, morador no assentamento Guaçu.

¹²⁸ Uma reflexão sobre sociabilidade será desenvolvida no último item deste capítulo.

reestruturação das relações em busca de compreender a utopia e o vivido no conjunto de possíveis onde nada está inscrito.

“É precisamente para não cair em nostalgias e em passadismo que é preciso *compreender*¹²⁹”. (LEFEBVRE, 1991, p.86). Ao buscar essa compreensão, avaliamos que as representações sociais partem do vivido de cada pessoa/indivíduo, por isso elas não permanecem as mesmas, mas se recriam cotidianamente. Os assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu são, ao mesmo tempo, espaços de conquistas, e também de novas disputas, de continuidades, e de tensões, espaços sociais que envolvem o imaginário, no qual “cada um sonha com o que vê e vê aquilo com o que sonha”. (LEFEBVRE, 1991, p. 95).

Por tudo isso, o cotidiano revela-se, concomitantemente, plural e complexo. “Ele ocupa e preocupa, é o que determina o lugar, o que formula o significado e o significante, e “essas duas faces se significam reciprocamente”. (LEFEBVRE, 1991, p. 31).

Sua complexidade se traduz como heterogêneo e hierárquico, haja vista que se modifica de modo expressivo, sob os mais diversos aspectos da vida. (HELLER, 2008). Assim, o cotidiano vivenciado pelas juventudes do campo se modifica de acordo como as relações familiares, de poder, de trabalho, de lazer, com as subjetividades, bem como com as relações de gênero.

3.2. Representações de gênero e identidades entre jovens do campo e famílias assentadas

Quando trazidas para o campo, as análises de gênero têm contribuído significativamente para demonstrar, entre outras situações, as relações sociais estabelecidas entre mulheres e homens, assim como as concepções e representações que orientam a vida das juventudes.

Para o estudo, compreendemos o conceito de gênero como relacional e simbólico, o que o insere no centro das discussões sobre as identidades culturais. Investigado dessa forma o gênero não se refere somente a uma perspectiva das identidades sexuais, feminino ou masculino, mas diz respeito às particularidades que envolvem as relações sociais.

A categoria gênero ganhou força a partir da década de 1980, com as teóricas do feminismo contemporâneo, que procuravam compreender as desigualdades presentes entre os

¹²⁹ Grifos do autor.

sexos, feminino e masculino, e as influências nas relações sociais. Estas estudiosas/os começaram a questionar a identidade biológica, e o sexo passou a ser incluído na reflexão, mas não como determinante para a identidade e vivência da sexualidade.

Nessa perspectiva, se inserem os estudos de Joan Wallach Scott (1991), estudiosa que busca historicizar o conceito de gênero, ao mesmo tempo, que ressalta a importância dos aspectos políticos, pelos quais visa a compreender as múltiplas identidades, etnias e raças.

Em suas análises, Joan Scott (1991) considera que o gênero deve ser relacionado numa construção histórica e cultural. Para esta autora, é preciso compreender o gênero, embora seja uma característica biológica e/ou um conceito relacional, perspectiva que até então, inseria o conceito de gênero numa simplista divisão e classificação dos sexos entre o feminino e o masculino.

Visto que o gênero não é determinante, nem tão pouco acabado, Joan Scott (1991) tece importantes críticas à relação entre o gênero e a política. Para ela, há necessidade de uma atenção à perspectiva política, por esta dimensão constituir um dos domínios do gênero. Ao impulsionar esta reflexão, propõe o avanço nos estudos e teorias feministas, de maneira a acompanhar as transformações sociais.

As contribuições mais interessantes desta autora para a dissertação se ampliam na análise do gênero como abrangente, histórico e tensionado. Segundo ela, “[...] o gênero não se refere apenas às idéias, mas também às instituições, às práticas quotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais.” (SCOTT, 1998, p. 01).

Estas análises orientam-nos, uma vez que constatamos relações de gênero significadas no cotidiano das juventudes, bem como representadas nas práticas vivenciadas por mulheres-jovens e que expressam em consideração um viés de gênero¹³⁰. Na entrevista de Leonice, observamos a presença da perspectiva de gênero:

Eu como mulher, eu me sentia como militante, eu me sentia assim. [...] Não me sentia recusada, é como machismo, não tinha. Não tinha muito isso, porque tinha muita tarefa, era muita tarefa, então distribuía as tarefas pra todo mundo. Então eu não me sentia queimada, eu não me sentia rebaixada, por causa de muitas atividades que tinha dentro do acampamento. (Leonice Tiburcio Freire, 48 anos, 2011).

Diante da entrevista e da análise desta fonte, compreendemos que, ao mesmo tempo, em que a assentada retrata a participação feminina no momento do acampamento Oito de

¹³⁰ Como já demonstrado, as mulheres participaram ativamente desde o momento inicial de reivindicação e de “luta” pela terra no acampamento Oito de Março.

Março, o que pela sua condição de mulher não a fazia sentir-se recusada pelo movimento, nem tão pouco discriminada, reflete ainda o reconhecimento das relações de gênero entre mulheres e homens, o que permite a identificação destas por meio das práticas realizadas.

Verificamos que, quando Leonice enfatiza que “como mulher” é vista com admiração pelas/os outras/os, sua identidade é afirmada em reconhecimento ao grupo diante de sua condição feminina. Em outras palavras, o reconhecimento do gênero fortalece os laços entre as/os pessoas/indivíduos e permite a afirmação das identidades. (BRANCO, 2003):

E eu como mulher, eu acredito que a turma queira ou não, no assentamento, e a nível do estado, no MST, me admira muito pelo pouco que a gente sabe por trabalhar é consciente, é trabalhar, é com sinceridade, entendeu? Então eu vejo que eles querem muito bem a gente por causa dessa questão. (Leonice Tiburcio Freire, 48 anos, 2011).

Outra contribuição importante para os estudos de gênero são as análises de Lauretis (1994), estudiosa das relações de gênero como produto, processo e conjunto de significados que influenciam a prática. De acordo com esta autora, as representações de gênero são construídas e desconstruídas. O gênero se constitui como uma representação, uma relação e um modo diferente e único de cada pessoa/indivíduo. (LAURETIS, 1994).

Em sua análise, defende a ideia de paradoxos, ao questionar as dicotomias, pensar as formas de construção das especificidades e identidades, e compreender as desigualdades de raça, de classe e de gênero. Essas compreensões, segundo a autora, contribuem para a superação das condições que dividem, separam e criam modelos e oposições entre mulheres e homens. Dessa forma, Lauretis considera que

O termo gênero é uma representação não apenas no sentido de que cada palavra, cada signo, representa seu referente, seja ele um objeto, uma coisa, ou ser animado. O termo gênero, é na verdade, a representação de uma relação, a relação do pertencer a uma classe, a um grupo, uma categoria. Gênero é a representação de uma relação. O gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer. Assim gênero representa não um indivíduo e sim uma relação social. (LAURETIS, 1994, p. 210).

Ainda com Lauretis (1994), encontramos pressupostos teóricos que nos orientam para o entendimento das identidades como heterogêneas. Por considerar o gênero uma representação social, a estudiosa salienta que as identidades são múltiplas, fluídas e construídas pelas experiências, daí sua constatação de que não há uma universalização das identidades, mas uma multiplicidade das mesmas. (LAURETIS, 1994).

Como “sínteses inacabadas” (BRANCO, 2003, p. 30), as identidades produzem representações e, por isso, estão em constante construção. Assim, ora, no cotidiano dos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu, mulheres e homens produzem experiências que influenciam na construção de suas identidades como jovens do campo, e como jovens rurais, o que remetem à identificação da vida no assentamento, ora, em outros momentos, mulheres e homens não se identificam com esse espaço, e logo desejam dele sair, o que resulta na negação de sua identidade. Tal ideia se evidencia nas palavras de Marli quando diz que “há muito jovem que nega a sua própria identidade”. (Marli Santos Cruz, 48 anos, 2011).

De acordo com esta entrevistada, isso ocorre pelo fato de haver discriminação com relação às mulheres e homens que moram nos assentamentos e/ou que integram os acampamentos, pois “acampamento para os olhos das pessoas que não entendem, ele é muito discriminado, e isso, a discriminação dali afeta os jovens. (Marli Santos da Cruz, 48 anos, 2011). Ao perguntarmos sobre essa discriminação, a entrevistada compartilha uma experiência vivenciada por ela:

Vejo muito. Inclusive comigo já aconteceu uma coisa estranha. Eu já fui numa loja, né? Não aqui no nosso município, aí mais na frente comprar, e quando eu disse pra ele (vendedor) que eu era do assentamento, ele, o rapaz não quis fazer uma ficha pra mim, um cadastro, e perguntou se eu tinha referência. Eu falei que tinha referência de um mercado que eu comprava oito anos. Ele recusou, porque eu morava dentro do assentamento. Não aceitou. (Marli Santos da Cruz, 48 anos, 2011).

A entrevistada indignada com a situação, mas não negando sua identidade rural, relatou-nos ter saído da loja sem fazer sua compra, devido à desconfiança nutrida pelo vendedor, que não quis realizar seu cadastro, por esta integrar um assentamento.

Nesse contexto, verificamos também experiências de jovens permeadas por discriminação em decorrência do não reconhecimento e da não valorização de sua identidade na sociedade, e/ou por sua dependência financeira, já que essa sociedade ainda é excludente e preconceituosa. Outro entrevistado, o homem-jovem Guilherme ratifica esta experiência:

Quando eu fui lá pra Campo Grande, nas minhas férias, daí tinha um chefe da chácara que eu tava com o meu padrasto, daí ele falou: “Você é da onde?” Eu falei: “da Santa Rosa”. Daí ele: “Da fazenda ali?” Falei: “Não do assentamento”. Aí ele: “Ah do assentamento”. Daí ele ficou quieto e saiu. (Guilherme Roberto Teixeira Poico, 17 anos, 2011).

O homem-jovem afirma ter percebido um receio apresentado pelo chefe da chácara por ele ser do assentamento. Com certa inquietude Guilherme declarou: “não falou mais

pensou”? (Guilherme Roberto Teixeira Poico, 17 anos, 2011). Ou seja, na entrevista, avaliamos o significado que a expressão “ah do assentamento” – pronúncia repetida por mais de uma vez pelo entrevistado – evocou para este, cuja memória traz as lembranças do sentimento vivenciado. Este momento poderia passar despercebido à análise da pesquisadora, se esta não estivesse atenta ao que Certeau (1982) considera como “não-dito”.

Estas duas experiências relatadas em momentos distintos de pesquisa constataam discursos discriminatórios e os frequentes preconceitos relativos aos grupos de assentadas/os, acampadas/os e/ou de famílias sem-terra, pois, de maneira geral, a sociedade ainda desconhece as particularidades e desafios cotidianos dessa “luta”.

Logo, avaliamos que as identidades como representações são construídas, múltiplas, não se encerram, e são ressignificadas nos processos de construção da vida social. Dessa forma, compeendemos as identidades sem caráter único e homogêneo, mas, segundo Castells (1999, p. 57), numa “perspectiva múltipla”, na qual se reconhecem várias identidades¹³¹ que fluem de acordo com atributos culturais.

Por identidade, entendo o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais. Afirmação de identidade não significa necessariamente incapacidade de relacionar-se com outras identidades (por exemplo, as mulheres ainda se relacionam com os homens) ou abarcar toda a sociedade sob essa identidade (por exemplo, o fundamentalismo religioso aspira converter todo o mundo). Mas as relações sociais são definidas vis-às-vis as outras, com base nos atributos culturais que especificam a identidade. (CASTELLS, 1999, p.57-58).

Ainda, no que tangencia às relações de gênero, Saffioti (2004) as destaca como dinâmicas e envolvem não apenas o sexo, mas raça, etnia, classes sociais e culturas. Por isso, analisa “[...] sexo e gênero uma unidade, uma vez que não existe uma sexualidade biológica independente do contexto social em que é exercida”. (SAFFIOTI, 2004, p. 108).

Para Saffioti (2004), o gênero é ambíguo e simbólico, permeia o político, as subjetividades e as relações de classes. Ao realizar esta afirmação, a autora propõe uma interação entre teoria e prática e também busca refletir o gênero sob uma perspectiva política.

Assim como Lauretis (1994), Saffioti (2004) também compreende as múltiplas identidades por meio de particularidades sociais que integram as relações de gênero entre

¹³¹ Outro pesquisador que trabalha nessa mesma compreensão é Stuart Hall (2002). Este estudioso reconhece uma “multiplicidade de identidades possíveis”, uma vez que os sistemas de significação e de representação cultural se multiplicam, o que não permite uma identidade completa e unificada. (HALL, 2002, p. 13).

indivíduos. Não obstante, por considerar sexo e gênero como uma unidade, Safiotti (2004) emprega o termo gênero em recusa ao essencialismo biológico, assim como fizeram outras/os estudiosas/os do feminismo. O conceito de gênero é por isso analisado “[...] tão-somente uma categoria analítica, mas também uma categoria histórica”, uma categoria histórica, que por conseguinte, não perde seu caráter social e corporal. (SAFIOTTI, 2004, p. 111).

De tal modo, por meio da pesquisa, constatamos dificuldades na transformação das concepções e relações de gênero produzidas entre mães, pais, filhas e filhos, isso porque, as relações sociais construídas nesses espaços, ainda são pautadas por valores patriarcais, arraigados e difíceis de serem transpostos.

Já analisamos no capítulo anterior que, em contextos de assentamentos rurais, a migração juvenil acontece especialmente para as mulheres-jovens, e isso indica para a análise um importante viés de gênero. Esta realidade, encontrada nos dois assentamentos rurais pesquisados, ocasiona o que Stropasolas (2006) denomina “masculinização” do campo, e está inscrita na maneira como se realiza a divisão social do trabalho na unidade familiar.

Orientadas por essa problemática, indagamos duas questões sobre como são construídas as relações de poder nas relações familiares e as relações de gênero vivenciadas no âmbito das relações de trabalho estabelecidas entre mulheres e homens, a fim de compreender como estes sujeitos se envolvem nas atividades cotidianas. Para isso, perguntamos às mulheres-jovens como concebem as relações de gênero, e se consideram a existência de papéis diferenciados para mulheres e homens.

Durante a entrevista realizada com a mulher-jovem Ana Eliza, questionamos se há diferenciações nas relações de gênero experimentadas entre ela e seu irmão. Sobre esta questão, a entrevistada afirma: “Tem. Eu lavo a louça, lavo o banheiro, limpo a casa, e meu irmão não faz nada, só fica brincando de carrinho”. (Ana Eliza da Silva Freitas, 12 anos, 2011).

A análise desta fonte propicia admitirmos que as relações sociais construídas entre mulheres-jovens e homens-jovens no cotidiano dos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu são desiguais e pautadas pela sobreposição de um sexo sobre o outro, de modo que mulheres-jovens trabalham nas atividades referidas do lar diferentemente dos homens-jovens que não as desenvolvem.

Algumas vezes, essas relações são construídas involuntariamente, sem ao menos mulheres e homens reconhecerem as diferenciações e/ou orientações que regem as relações de gênero. Quando indagada sobre a maneira como a família da mulher-jovem reconduz esta

situação, Ana Eliza comenta “coloca ele (o filho) pra fazer, às vezes ele limpa o quintal. E olha que o quintal é grande enh!” (Ana Eliza da Silva Freitas, 12 anos, 2011).

No intuito de “apreender a riqueza do momento vivido” (BRANCO, 2003, p. 27), observamos que a alternativa viabilizada pela família da entrevistada novamente reforça as distinções dos gêneros masculino e feminino, uma vez que o filho é direcionado para o trabalho no espaço externo a casa, e/ou ainda é conduzido para o trabalho no quintal, por esta atividade desprender maiores esforços, que caracterizariam o trabalho masculino.

Ao prosseguir nessa mesma investigação, realizamos em campo outra entrevista com a mulher-jovem Helen, de quem obtivemos o seguinte posicionamento quanto às atividades cotidianas executadas por mulheres e homens:

O serviço que eles (homens-jovens) fazem é tirar leite, mexer com o gado, e a gente não faz isso, a gente ajuda aqui em casa, a mãe, né? E tal... Limpar a casa, lavar a roupa, a louça. Acaso se precisar apartar um bezerro, ajudar a mãe, a gente vai, mas que nem eles que pegam gado pra buscar, e tocar e tal, a gente não faz. (Helen Souza da Silva, 15 anos, 2011).

Pela entrevista produzida, ratificamos a análise de que as relações de gênero são constituídas através da dinâmica das relações sociais, e estão revertidas nas relações de trabalho. O “gênero como representação de uma relação” (LAURETIS, 1994) é compreendido de acordo com os significados atribuídos, e com as práticas vivenciadas.

Concomitantemente, no momento em que a mulher-jovem Helen reconhece as diferenciações nas relações de gênero, considera-as naturalizadas, já que avalia “ah eu acho normal, né? Porque a gente não ia aguentar fazer o que eles fazem”. (Helen Souza da Silva, 15 anos, 2011). Isso ocorre porque, para a entrevistada, as representações construídas do gênero masculino como mais forte, se sobrepõem à inferiorização do feminino, aliadas a concepções naturalizadas como normais, de que as mulheres devem se ocupar das atividades mais “leves”, como se os afazeres de casa fossem estas. A esse respeito, Stropasolas (2006) ressalta que:

As moças, de um modo geral, vivem insatisfeitas com a sua condição. A divisão do trabalho na unidade familiar lhes destina o espaço da casa, a esfera doméstica. Nesse espaço se desenvolve um trabalho que não é considerado ‘produtivo’, na medida em que não possibilita o acesso à renda. O trabalho na lavoura, ao contrário, é identificado com a ‘esfera produtiva’, pois através dele é possível a obtenção de uma renda direta. Além disso, é considerado um tipo de trabalho inadequado para as mulheres, pois se trata de um trabalho pesado. (STROPASOLAS, 2006, p. 167).

Como analisa Saffioti (1992, *apud* CARLOTO, 2008, p.02), “[...] não basta que um dos gêneros conheça e pratique atribuições que lhes são conferidas pela sociedade, é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades do outro gênero”. Ou seja, é preciso reconhecer as desigualdades de gênero no interior das práticas cotidianas, assim como nos processos de socialização para não fortificarmos padrões sociais excludentes.

Outra constatação em campo nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu que nos pareceu interessante e que importa ressaltarmos, diz respeito à construção das relações patriarcais estabelecidas entre mães, pais, filhas e filhos. As pesquisas evidenciam “a condição do jovem na família é uma condição de subordinação, especialmente da jovem”. (STROPASOLAS, 2006, p. 167).

A principal questão está relacionada à condição às quais as mulheres estão submetidas, pelo fato de serem do sexo feminino. Verificamos que o julgamento que se faz pela sua condição é revestido de um forte teor moral. Ao relatar a relação de filha estabelecida com seu pai, a mulher-jovem Nayara remete-se a uma situação exposta de sua condição e demarca a desigualdade de gênero.

A minha mãe falou assim, que quando ela tava grávida de mim, ele (seu pai)... Eu já tenho um irmão de 20 anos, né? Aí eu tenho 18, ele falou que se fosse pra nascer menina, ele não queria. Podia morrer. [...] Aí sabe eu não tenho aquela relação de pai com ele. (Nayara Ingrid de Souza, 18 anos, 2011).

A autonomia do pai de “não querer” a criança se esta nascesse menina, revestida pela autoridade de sua condição masculina, sobressai-se sobre a filha e registra um importante viés de gênero, ao afirmar uma relação de patriarcado. Além disso, esta situação revela, ao mesmo tempo, uma relação de poder e um componente cultural numa estrutura social, em que a condição masculina permite ao homem maior autonomia e liberdade de fazer as coisas do que a mulher. (STROPASOLAS, 2006).

Nesse sentido, torna-se necessário apreender gênero e geração como termos relacionais que implicam unidades horizontais entre pessoas/indivíduos de sexos e idades diferentes. Para o antropólogo Parry Scott (2010):

Ser de um sexo ou de uma idade tem tantas implicações na vida cotidiana, que algumas das estratégias individuais mais marcantes do mundo contemporâneo são das pessoas tentarem fugir da categorização recebida, investindo em performances que as tiram dela ou, pelo menos, demonstrarem a capacidade das pessoas utilizarem as categorizações ao próprio uso e gosto. São homens querendo ser mulheres e mulheres querendo ser homens, jovens querendo ser adultos e idosos querendo ser

jovens e assim *ad infinitum*, passando pelas muitas outras permutações que evidenciam a flexibilidade das adesões identitárias de gênero e geração.¹³² (SCOTT, 2010, p. 19).

Diante das reflexões e considerações realizadas, é possível destacarmos que o cotidiano das juventudes e famílias assentadas é marcado por vicissitudes. Nele encontramos mulheres e homens que se reconhecem como partícipes da vida no assentamento, envolvem-se na “luta” nos âmbitos da vida social, econômica e cultural, para que sejam compreendidas/os por meio de relações recíprocas. São muitas “Leonices”, “Nayaras”, “Geovanis”, “Celsos” e “Guilhermes”.

São mulheres e homens que buscam uma equidade de gênero nos diversos desenlaces da vida e nos cenários em que essas/esses são as/os próprias/os autoras/autores do enredo, entretanto, demonstram a flexibilidade das “adesões identitárias de gênero e geração”, corroborando para a concepção de juventudes não demarcada por limites ou etapas lineares.

3.3. Lazer e sociabilidades em construção

Em seus estudos, Ariès (1981) destaca que, desde tempos antigos, os jogos, as brincadeiras e os divertimentos ocuparam um lugar importante nas sociedades e se inscreveram como necessários para o convívio de crianças e jovens.

Várias/os jovens nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu afirmaram essa necessidade, momento em que, pelas pesquisas de campo, constatamos a falta de espaços que oportunizem o lazer e o divertimento para as satisfações juvenis. Esta condição foi apontada como um dos fatores principais entre as queixas das/os jovens.

Aliado a essa questão, outro elemento central destacado entre as juventudes do campo está relacionado ao fato de nos assentamentos “a gente não ter muito o que fazer” (Rafaelli Silva Lima, 13 anos, 2011), ou seja, além da falta de espaços apropriados para o lazer, faltam atividades atrativas e prazerosas. De um modo geral, as pesquisas de gênero e geração têm indicado que “são as moças quem mais se ressentem da falta de lazer no meio rural”. (AGUIAR e STROPASOLAS, 2010, p. 166).

Ao refletirmos essa questão, analisamos que o cotidiano das juventudes do campo, em especial das mulheres-jovens, está restrito, como avalia Rafaelli, em “ir para escola, voltar

¹³² Grifos do autor.

e ficar em casa, só limpando a casa, não tem... A gente só trabalha em casa”. (Rafaelli Silva Lima, 13 anos, 2011).

Entre as principais queixas de mulheres-jovens evidenciadas na pesquisa estão: “não ter como sair” (Kamila Tiburcio Freire, 15 anos, 2011), ou ainda por “não ter um lugar para tomar um sorvete, ou para comer um lanche, uma pizza” (Ana Eliza da Silva Freitas, 12 anos, 2011). Isso porque é incomum as mulheres-jovens ascenderem outros espaços fora dos assentamentos para as práticas de lazer e/ou a busca por diversão, pois esses são limitados a sua circulação, o que são restrições impostas pelas desigualdades de gênero. (AGUIAR e STROPASOLAS, 2006).

Como já destacamos, duas queixas foram mais frequentes: a escassez de alternativas que propiciem espaços de lazer no interior dos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu, e espaços apropriados para tais atividades. A tais fatores foram acrescidos outras indicações-dificuldades: as péssimas condições de infraestruturas; a falta de incentivos e investimentos no que tange à criação desses espaços; as “situações burocráticas”¹³³ que envolvem a utilização por parte das juventudes dos poucos meios que teriam para essas práticas, como, por exemplo, a disponibilização de transportes mais frequentes e com qualidade para possíveis deslocamentos dentro dos próprios grupos dos assentamentos ou para fora deles. A distância entre os grupos também impede que as juventudes se reúnam com frequência, uma vez que o meio de locomoção da maioria é a carroça que está no fundo do quintal.¹³⁴

Ainda, salientaram os problemas vivenciados com relação aos difíceis acessos aos meios de comunicação, como a internet – que não funciona na escola – e o telefone celular – devido às complicações na qualidade de acesso as torres. Esses fatores dificultam a comunicação e a organização das/os jovens para a realização de encontros.

Ao reavaliarmos essas situações, verificamos que mulheres-jovens e homens-jovens relacionam o lazer, especialmente, à prática de esportes, e por isso destacam esta atividade como a forma mais utilizada para se divertirem. Assim, a maioria das/os jovens do grupo de pesquisa associa o espaço da quadra da escola ao lugar principal onde ocorrem brincadeiras, jogos e torneios, momentos em que mulheres-jovens e homens-jovens se socializam.

¹³³ Esta expressão foi utilizada pela mulher-jovem Helen durante sua entrevista.

¹³⁴ A esse respeito, Aguiar e Stropasolas (2006) analisam que, de maneira geral, as autoridades locais alegam poucos os números de jovens nos assentamentos rurais, atributo esse utilizado para justificar a escassez de investimentos e/ou recursos para a criação de novos espaços de lazer.

Pelas observações em campo, percebemos que o espaço da quadra se refere não somente aos limites geográficos da escola em que está inserida, mas principalmente se amplia nas relações sociais estabelecidas pelas/os jovens fora dela.

Encontramos duas mulheres-jovens, Ana Eliza e Rafaelli, que almoçavam juntas após mais um dia de aula. Quando a questionamos sobre a existência de espaços de lazer e sociabilidades nos assentamentos, ambas as mulheres-jovens remeteram suas falas ao “cantinho do vôlei”¹³⁵.

Tivemos a informação de que o pai de uma dessas jovens, Rafaelli, havia construído uma quadra de vôlei na frente do quintal da casa da família, para que, assim, suas filhas tivessem um espaço onde pudessem praticar seus esportes, em momentos de lazer e de construção de sociabilidades com outras jovens. De tal modo, suas filhas poderiam vivenciar momentos de lazer, não somente entre elas, mas em socialização com outras jovens da escola e dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu.

De fato, o cotidiano da pesquisa possibilitou-nos verificar que semanalmente as mulheres-jovens se reúnem na quadra da casa de Rafaelli, espaço onde “jogam um vôlei, fazem uma brincadeira, ficam conversando” (Ana Eliza da Silva Freitas, 12 anos, 2011). Nesses momentos, vivenciam experiências e compartilham sociabilidades entre jovens e amigas, de modo que tal fato acontece, inclusive, quando algumas jovens da cidade, amiga das mulheres-jovens, vêm para o assentamento. A esse respeito, Rafaelli afirma “a Flavia e a Fabiana vem de Itaquiraí pra jogar com a gente”. (Rafaelli Silva Lima, 13 anos, 2011).

Ao falar das práticas de lazer, as juventudes do campo reportam-se ao vivido, bem como à recriação dos espaços construídos para essas atividades. A prática de esportes, por isso, se constitui como uma alternativa de lazer e valorização pessoal, por se fazer no tempo livre, no horário em que mulheres-jovens e homens-jovens não estão na escola.

Nesse contexto, tanto mulheres-jovens como homens-jovens relacionam-se igualmente por meio da prática de esportes e, nesse momento, participam sem distinções dos jogos escolares e/ou torneios, quando estes ocorrem. Constatou-se, então, que entre as mulheres-jovens são mais frequentemente praticados jogos de vôlei, e entre os homens-jovens há preferência pela prática do futebol.

As/os jovens destacaram encontrar ainda nas festas da comunidade, da igreja e da escola, espaços para a prática de lazer, bem como ocasiões para a construção de experiências e sociabilidades entre mulheres e homens.

¹³⁵ Essas reflexões têm como referência as anotações produzidas no diário de campo.

Dessa forma, verificamos que, em algumas ocasiões, são realizadas nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu comemorações de datas importantes, como a festa de aniversário destes assentamentos no mês de dezembro. Muitos desses momentos de festas pudemos compartilhar com as famílias, quando íamos a campo, não somente com o objetivo de realizar as entrevistas, mas no intuito de observarmos atentamente e refletirmos sobre o cotidiano das juventudes e famílias¹³⁶.

Dentre os momentos vividos durante a pesquisa, podemos destacar: a participação em duas festas de comemoração aos aniversários dos assentamentos, a experiência da cavalgada realizada em homenagem aos doze anos dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu, as várias reuniões nos lotes das famílias – a fim de discutir os projetos viabilizados nos assentamentos –, os momentos das assistências técnicas e discussões com produtoras/produtores sobre a plantação da mandioca, do maracujá, bem como a participação na 7ª Feira Estadual de Sementes Crioulas e de Alimentos da Agricultura Familiar.

Além disso, em outras ocasiões também compartilhamos a experiência do trajeto realizado de ônibus por jovens dos grupos até a escola do assentamento¹³⁷. Esses momentos foram essenciais e caracterizam-se como construções ímpares para a compreensão do vivido das famílias e da análise das juventudes do campo.

Ademais, essas experiências possibilitam afirmar que as juventudes do campo ressignificam o vivido e recriam os diversos espaços dos assentamentos, transformando-os em lugar de lazer e construção das sociabilidades. Daí a representação construída por jovens em torno da quadra de vôlei, da escola e, exclusivamente, o espaço do barracão onde se realizam festas, reuniões e encontros dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu. Esses são espaços físicos e sociais referenciados pelas juventudes do campo como extensões que constituem lazer.

Nesse sentido, para a maioria das/os jovens inseridas/os na pesquisa, principalmente, para as mulheres-jovens e homens-jovens que estudam, além da escola demarcar um lugar de vida, de conhecimento e de valorização, ela significa a conquista dos estudos que poderá resultar em uma profissionalização e qualidade de vida, e representa,

¹³⁶ Nos espaços de festas, é possível perceber aspectos simbólicos e subjetivos que envolvem as juventudes e as famílias assentadas.

¹³⁷ Durante os dois anos e meio de desenvolvimento desta pesquisa, procuramos compartilhar diversas experiências vividas por mulheres e homens nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu. Dessa forma, em uma das idas da mestranda/pesquisadora a campo, esta permaneceu por quatro dias hospedada no lote de uma família do assentamento Guaçu, momento em que vivenciou juntamente com jovens o cotidiano, inclusive, no deslocamento e trajeto realizado por essas/esses de ônibus escolar, de seus lotes até a escola do assentamento. As observações possibilitadas por meio dessa experiência em campo estão arquivadas no diário de campo da mestranda/pesquisadora.

ainda, parte dos projetos, espaço de construção das sociabilidades, das trocas de experiências e das práticas de lazer.

Aguiar e Stropasolas (2006) analisam que, em muitos momentos, a escola acaba por se constituir o único espaço de lazer para jovens dos assentamentos, uma vez que neste lugar as/os jovens se encontram, conversam e desenvolvem suas práticas de esportes. (AGUIAR e STROPASOLAS, 2006).

A esse respeito, realizamos uma importante observação com as juventudes no que diz respeito aos modos de se vestirem nos espaços da escola. As observações demonstraram que, principalmente, as mulheres-jovens vão à aula usando suas melhores roupas e procuram se sentir bonitas e bem arrumadas. Nas palavras de Nayara, “têm umas que ta lá (na escola), mais que parece que vai pra um desfile. Todas chiques”. (Nayara Ingrid de Souza, 18 anos, 2011).

Sobre essa questão, as próprias mulheres-jovens apontaram que “as jovens não têm para onde irem, então usam a melhor roupa para ir pra escola mesmo” (Sara Souza Batista, 24 anos, 2011), pois, como reflete Helen, “o passeio é a escola”. (Helen Souza Batista, 15 anos, 2011).

Por compreender a escola “como o único lugar o qual frequentam no cotidiano”, as juventudes do campo ressignificam esse espaço, constroem nele sua identidade e o representam como uma possibilidade de “sair um pouco”, o que se constitui num lazer para essas mulheres-jovens¹³⁸. Segundo Sales (2011), “a escola possibilita encontro, e relação entre pares”. (SALES, 2011, p. 08).

Por tudo visto, salientamos que há duas questões principais relacionadas à saída das juventudes do campo para as cidades: as questões econômicas, que envolvem a continuidade dos estudos e a busca pelo trabalho – que possibilite condições financeiras favoráveis às juventudes –, e as oportunidades de lazer e entretenimento, que são restritas nos assentamentos rurais, ao passo em que não atendem às demandas juvenis e às necessidades de satisfação pessoal.

Assim, como analisa Sales (2007), o lazer se afirma como um dos principais impulsionadores para a saída das juventudes. Apontamos que as juventudes do campo, bem como as famílias assentadas reconhecem essa dificuldade com relação ao lazer e, inclusive, algumas/alguns jovens ressaltam que: “antes a gente se juntava no final de semana, agora... Antes tinha mais jovens”. (Aline Arantes da Silva, 15 anos, 2011).

¹³⁸ Estas reflexões também envolvem um viés de gênero. As referências partem do diário de campo da mestrandia/pesquisadora.

A mãe desta mulher-jovem também ratifica que “os jovens estão indo embora”, devido à falta de oportunidades de lazer para que filhas e filhos permaneçam nos assentamentos.

Nas entrevistas, do mesmo modo, foram mencionados aspectos relacionados a “namorar”, “ouvir músicas”, “pintar as unhas”, “assistir TV”, como atividades de lazer. Investigamos e de fato, não há nenhuma organização e/ou grupo juvenil com destaque nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu, que proporcione espaços de discussão às juventudes e impulse atividades com o envolvimento frequente desse grupo. Da mesma forma, são poucas/os jovens que participam de associações nos assentamentos pesquisados, de modo que encontramos apenas um homem-jovem atuante junto à associação Oito de Março, e não foi encontrada/encontrado nenhuma/nenhum jovem participante de movimento social no interior desses assentamentos.

Porém, verificamos que há participação de mulheres-jovens e homens-jovens em momentos e/ou em ações coletivas. Ou seja, quando se fazem necessárias, ocorre troca de favores e/ou “ajuda” entre famílias. Trata-se de vivências que envolvem as sociabilidades, já que em algumas circunstâncias os grupos se organizam em ações comunitárias, com objetivos comuns.

Assim, embora haja constatações registradas por meio dos depoimentos de assentadas/os anteriormente citados, de que a organização e a vida depois do acampamento se modificam envolvidas por novas necessidades, as experiências possibilitadas em campo confirmam a vivência de momentos de construções coletivas.

Essas experiências foram comprovadas em momentos distintos nos caminhos de pesquisa, como destacou a mulher-jovem Helen, ao relatar sobre as vivências solidárias compartilhadas nos grupos, e narrou um acontecimento ocorrido no assentamento Guaçu, em que uma família teve sua residência totalmente destruída devido a um incêndio causado acidentalmente no lote.

Segundo ela, a residência era de um casal que morava com uma mulher-jovem e um homem-jovem¹³⁹. Como as demais famílias, esta também sobrevivia da produção agrícola do lote e da venda do leite. O incêndio acabou com toda a casa, com os móveis e as economias que eram guardadas no seu interior, inclusive levando sonhos e esperanças.

Como destaca D’ Aquino (1996, p. 25), “a casa é o centro, o espaço por excelência da construção da vida familiar”. Lugar onde se vive a vida, o bem maior da família, esse

¹³⁹ Quando do ocorrido, o filho homem-jovem Adilson, já fazia parte das pesquisas.

espaço carecia de reconstrução. Por esse motivo, famílias assentadas se socializaram e se organizaram ao compartilharem o que tinham em comum com a experiência do casal, filha e filho.

Nesse sentido, algumas alternativas foram buscadas para colaborar com as carências vividas naquele momento pela família, como doações de cesta básica, rifas para arrecadação de dinheiro, compras de materiais para construção, de roupas, uma vez que até estas foram perdidas com o incêndio, além do trabalho voluntário das/os assentadas/os para construir a casa.

De acordo com Helen, um “verdadeiro mutirão foi realizado pelas famílias assentadas que teve a nova casa construída”. Em sua entrevista, a mulher-jovem expressa: “Em menos de um mês, o assentamento (as pessoas) levantou aquela casa (a que hoje a família vive), e eles não precisaram gastar nenhum real do bolso”. (Helen Souza Batista, 15 anos, 2011).

Ao mesmo tempo, em que a casa era erguida, igualmente sonhos e esperanças se reconstruíam pela cooperação. Dessa forma, o mutirão para erguer a casa da família representa não somente uma necessidade dos meios de vida, pois a casa é o lugar de morada, de construção de vínculos e o centro do projeto de vida familiar, mas uma construção das sociabilidades entre famílias assentadas.

Em outra entrevista, a mulher-jovem Andressa também destacou os sentidos da “ajuda” experimentado pelas famílias quando se torna indispensável. Esta narrou a ocasião em que uma mulher-jovem ficou doente no assentamento Santa Rosa, e diante do fato as famílias se organizaram em solidariedade. “Todo mundo ajudou”. (Andressa Denitte Runa, 20 anos, 2011).

Contudo, a análise atenta às fontes orais demonstraram que a sociabilidade está relacionada ao espontâneo e ao temporário, já que a solidariedade acontece, sobretudo, em um tempo especial. Ao refletir a espontaneidade dessa relação, Helen afirmou:

Não é assim oh, se você tiver uma família passando necessidade, pelo menos lá no meu grupo é... Todo mundo passa nas casas, faz uma cesta, e doa. Se tiver alguma família que não tem roupa, por exemplo, na época do frio, passa nas casas, arrecada agasalho e doa. Só se tiver precisando. (Helen Souza Batista, 15 anos, 2011).

Ao estudarmos os assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu, é possível sustentar a ideia sobre as sociabilidades em construção, pois, em muitos momentos, a solidariedade e a sociabilidade são vividas pelas mulheres e homens em conformidade com as necessidades

humanas. Nas palavras de Helen, “só se tiver precisando”. (Helen Souza Batista, 15 anos, 2011).

Ao estudarmos as juventudes do campo, suas relações e representações, entendemos que a vida nos assentamentos é permeada por sinuosidades, e “o lugar conquistado se transforma em espaço de construção de uma nova identidade coletiva, onde muitos sonhos individuais passam agora a ser coletivos, cheios de meandros, esperanças e conflitos, mas pautados agora, na luta pela permanência na terra”. (BRANCO, 2003, p. 37).

A vida das juventudes é vivida de diversas maneiras. Logo, a saída das juventudes do campo para outros espaços efetua-se não somente pelas condições de vida, mas pressupõe “conhecer o mundo lá fora”, “viver a vida”. Diferentemente, representa as mulheres-jovens e homens-jovens escapar ao casulo em busca de formar-se borboleta¹⁴⁰.

Portanto, as concepções e experiências vivenciadas pelas juventudes, bem como o autorreconhecimento que mulheres e homens produzem entre *ser* jovem do campo e *estar* no campo, constroem as representações que se têm desses espaços, e os sentimentos que fazem parte das identidades juvenis. Essas representações sociais efetivam as diferentes formas de conduzirem a vida. Como analisa Heller (2008, p. 61), “a condução da vida supõe para cada um, uma vida própria, embora mantendo-se a estrutura da cotidianidade; cada qual deverá apropriar-se a seu modo da realidade e impor a ela a marca de sua personalidade”. Assim, fazem-na as juventudes.

¹⁴⁰ Esta análise tem como referência as leituras bibliográficas realizadas, as pesquisas em campo, bem como as observações produzidas pela mestranda/pesquisadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, afirmamos a compreensão de que existem diferentes formas de vivenciar as juventudes. Ao analisarmos diversos contextos, discordamos da ideia que reduz o estudo das juventudes a uma etapa, a uma fase da vida, e/ou escolha, ao passo que defendemo-la como categoria de análise histórico-social. Em outras palavras, não se escolhe ser jovem, se é jovem ou não, e esse *ser* jovem é carregado de sentidos atribuídos pelas/os próprias/os pessoas/indivíduos, de acordo com os processos vividos.

Ao reavaliarmos os modos de *ser* e de *estar* jovem, analisamos que, muito embora existam aproximações entre gerações de mães, pais, filhas e filhos, cada uma das duas gerações nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu se comprometem diferentemente com as situações do cotidiano, e constroem representações distintas da vida nos assentamentos.

Essas construções envolvem processos de autorreconhecimento que são possíveis em decorrência das experiências vividas por mulheres e homens no cotidiano no qual se estabelecem um infinito de relações.

A saída das juventudes dos assentamentos para as cidades é uma realidade constatada não somente nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu, mas igualmente é observada em diversos assentamentos de reforma agrária do Estado de Mato Grosso do Sul e, inclusive, em outros estados¹⁴¹.

Em específico, as juventudes do campo quando migram para as cidades são impulsionadas pela busca por “melhores condições de vida”, que as enfrentadas pelas/os mães e pais. Isto ocorre até mesmo com aquelas famílias que destacaram que a vida no assentamento é melhor do que na cidade. Esta realidade se configura pelas novas necessidades vividas pelas famílias, bem como pelos projetos nutridos pelas/os filhas e filhos.

Na sociedade atual, as necessidades de formação profissional e aprimoramento nos estudos se tornam cada vez mais marcantes. O estudo é associado a uma alternativa de sucesso para se alcançar estabilidade econômica e qualidade de vida, ou seja, acesso à moradia digna e a atendimento adequado à saúde, e representa ainda possibilidade de inserção social. Por esses motivos, mães e pais incentivam filhas e filhos para estudarem, a fim de construir uma vida melhor que a dessas/desses últimas/os. Da mesma forma, a conquista

¹⁴¹ As referências para a análise da mestranda/pesquisadora partem de participação em pesquisas já citadas, desenvolvidas em outros assentamentos de reforma agrária do Estado, assim como das leituras realizadas e estudos desenvolvidos por Stropasolas (2006), Castro (2006) e Sales (2006).

por um emprego, e/ou a entrada no mercado de trabalho, é identificada como uma condição necessária para a manutenção da vida, para alcance da independência e do reconhecimento social e pessoal de mães, pais, filhas e filhos.

O anseio de reconhecimento social, que é também presente nos adultos, enquanto nestes encaminha seus esforços para a permanência e resistência na terra, para muitos jovens impulsiona para buscas de solução fora do campo, que lhe aparecem como *menos duras, mais valorizadas* e com *mais chances de sucesso em curto prazo*. Eles parecem ter pressa não só para resolver seus desejos de independência, mas também, e principalmente, para ajudar aos pais a permanecerem na terra.¹⁴² (BRANCO, 2003, p. 135).

Por isso, as expectativas e demandas levantadas pelas juventudes do campo estão relacionadas ora à busca por um emprego, ora a melhoria na qualidade de vida que proporcione, entre outros aspectos, a continuidade nos estudos dentro dos assentamentos. Daí os principais motivos apresentados pelas juventudes do campo para a migração para cidades.

Além disso, a terra não possibilita o alcance de todas as necessidades familiares, por diversos motivos apresentados ao longo do trabalho, dentre eles, as famílias apresentam dificuldades diversas para permanecerem na terra e fazê-la produzir frutos e renda suficiente para corresponder às expectativas da juventude.

Outro ponto levantado, foi a falta de infraestrutura propícia nos assentamentos para promover qualidade de vida que envolve: saúde, educação, lazer, moradia, dentre outras. Nesse cenário, a juventude vislumbra a cidade, como alternativa.

Pelo levantamento em campo, constatamos que depois que as/os jovens saem dos assentamentos Santa Rosa e Guaçu, é incomum desejarem voltar. Verificamos, assim, que, ao iniciarem suas vidas fora dos assentamentos, jovens vivenciam novas necessidades, mas também são incentivadas/os por novas conquistas e oportunidades. Como analisa Lefebvre (1991, p. 87), “a satisfação e a insatisfação andam lado a lado, se afrontam segundo os lugares e as pessoas”. Ao mesmo tempo, “[...] as necessidades oscilam entre a satisfação e a insatisfação, provocadas pelas mesmas manipulações”. (LEFEBVRE, 1991, p. 89).

Seja como for, segundo Sales (2006), a saída e depois o retorno de jovens para os assentamentos impõem também o estabelecimento de novas relações:

Aqueles que vão e voltam trazem consigo um pouco da cidade e impõem variações no assentamento; aqueles que permanecem, ao manterem uma interação com os que retornam, imitam e inventam novas atitudes. A experimentação social com a cidade, com o estilo de vida urbano e com as

¹⁴² Grifos da autora.

atividades mais específica da cidade originam novas formas de relação com a terra, com a família. (SALES, 2006, p.142).

Por isso, mulheres e homens vivem ritos de impasse ocasionados pelos processos e situações de vida. As dificuldades enfrentadas pelas juventudes do campo para permanência na terra é marca evidente do desejo de migração do campo para a cidade. Essa problemática nos assentamentos de reforma agrária de Mato Grosso do Sul ocorre devido à falta de políticas públicas voltadas diretamente às juventudes do campo, que incentivem sua permanência na terra, bem como que possibilitem sua inserção nos diversos âmbitos sociais, políticos e econômicos.

Nessa perspectiva, o estudo da vida cotidiana oportuniza a compreensão dos conflitos ocorridos na sociedade e na época. Segundo Lefebvre (1991), o estudo da vida cotidiana “determina assim o lugar em que se formula os problemas concretos da *produção* em sentido amplo: a maneira como é *produzida* a existência social dos seres humanos, com as transições da escassez para a abundância e do precioso para a depreciação”.¹⁴³ (LEFEBVRE, 1991, p. 30).

Por este estudo das juventudes, analisamos o que aparentemente se formula como repetitivo, que no cotidiano não passa, senão da produção de novas experiências vividas por mulheres e homens, que ocorrem em tempos diversos para uma/um e outra/o. Desse modo, o cotidiano, por mais que seja conhecido pelas/os pessoas/indivíduos, apresenta um terreno de incertezas diante das variações e significações.

Isso porque no cotidiano ocorrem negociações diárias, que tornam as relações sociais possíveis, inclusive as relações estabelecidas entre mães, pais, filhas e filhos, que são permeadas de valores, saberes, experiências, culturas e sonhos distintos.

O cotidiano, por isso, é envolvido pela repetitividade, mas é diferenciado em cada repetição. Nele, famílias e juventudes constroem suas relações, fazem aflorar sentimentos, práticas, ao mesmo tempo, em que recriam sonhos, projetos e transformam a condução de suas vidas.

Enfim, buscamos contemplar na pesquisa, a pluralidade presente nas teorias sobre juventudes para a compreensão de mulheres-jovens e homens-jovens e suas relações intergeracionais nos assentamentos Santa Rosa e Guaçu, entretanto, não era intenção apresentar todas as especificidades, até porque reconhecemos *ser jovem* e *estar jovem* como uma condição heterogênea, ambígua e em construção cotidiana. Tínhamos a consciência que

¹⁴³ Grifos do autor.

tal trabalho não seria possível, mas os desafios estão apresentados nessa dissertação e serão considerados um ponto de partida para a ampliação de estudos sobre juventudes no campo e do campo em Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações Sobre a Tematização Social da Juventude no Brasil. In: *Revista Brasileira de Educação*. Mai/jun/jul/ago n. 05, set/out/nov/dez n.06, 1997, p. 24-36.

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. (Org). *Juventudes: Outros Olhares Sobre a Diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: Unesco, 2007. p. 342.

AGUIAR, Vilênia Vanâncio Porto; STROPASOLAS, Valmir Luiz. As Problemáticas de Gênero e Geração nas Comunidades Rurais de Santa Catarina. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (org). *Gênero e Geração em Contextos Rurais*. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010, p. 159-183.

AMADO, Janaína. A Culpa Nossa de Cada Dia: Ética e História Oral. *Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo*, v. 15, p. 145-155, abr. 1997.

ANDRADE, E. A. de. *Processo de Trabalho, Espaço e Sociabilidade: A Sericultura no Assentamento de Reforma Agrária do Horto Silvânia – Araraquara – São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Araraquara: São Paulo, 1997.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Tradução de. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 2 edição, 1981. p.279.

BAGLI, Priscilla. *Rural e Urbano nos Municípios de Presidente Prudente, Álvares Machado e Mirante do Paranema: Dos Mitos Pretéritos Às Recentes Transformações*. 2006. 2007 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, UNESP-Presidente Prudente.

BARROS, Myriam Lins de. (org.) *Família e Gerações*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

BATTESTIN, Simone. *Ser Jovem e Ser Agricultor: A Agricultura Familiar Como Perspectiva e Projeto de Vida Para Filhas e Filhos de Agricultores do Município de Anchieta-ES*. 2009. 206 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo I Fatos e Mitos*. 4. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Ed. Difusão Européia do Livro, 1970. p. 309.

BOURDIEU, Pierre. A Juventude é Apenas uma Palavra. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero 1983. p. 112-121. Disponível em:

<http://pt.scribd.com/doc/16677551/Pierre-Bourdieu-A-Juventude-e-apenas-uma-palavra>

Acesso em: 21/07/2012.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996. p. 232.

BRANCO, Maria Teresa Castelo. *Jovens Sem-Terra Identidades em Movimento*. Curitiba: Editora da UFPR, 2003, p. 176.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Um Historiador Fala de Teoria e Metodologia: Ensaios*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005.

CARLOTO, Cássia Maria. O Conceito de Gênero e Sua Importância Para a Análise das Relações Sociais. *Serviço Social em Revista*, - UEL, Londrina, v. 3, n. 2, p. 01-07, 2008. Disponível em: < http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v3n2_genero.htm > Acesso em: 21 jun. 2010.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Elisa Guaraná de. *Entre Ficar e Sair: Uma Etnografia da Construção Social da Categoria Juventude Rural*. 2005. 380f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CASTRO, M. B; STEPHAN, G. *Juventudes Rurais: Cultura e Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Instituto Souza Cruz, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. 1. ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. *Questões Para a História do Tempo Presente*. Bauru, São Paulo: Edusc, 1999.

CONSELHO, Nacional de Juventude. *Política Nacional de Juventude: Diretrizes e Perspectivas*. Regina Célia Reyes Novaes, Daniel Tojeira Cara, Danilo Moreira da Silva, Fernanda de Carvalho Papa (org). São Paulo: Conselho Nacional de Juventude, Fundação Frederich Ebert, 2006.

CRUZ, Maria Helen Santana. *Trabalho, Gênero, Cidadania: [Tradição e Modernidade]*. São Cristóvão: Editora da UFS, Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

D'AQUINO, Terezinha. A Casa, os Sítios e as Agrovilas: Uma Poética do Tempo e do Espaço no Assentamento Das Terras de Promissão –SP. In: *Encontro da ANPOCS*, Caxambu, 20. , 2002, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPOCS, 1996. p. 01-38.

D'INCAO, Maria Conceição; ROY, Gérard. *Nós Cidadãos, Aprendendo e Ensinando a Democracia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 279.

ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente. *Eca*. Brasília: 169º da Independência e 102º da República, 1990.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: Pelos Outros e Por Elas Mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. (Orgs). *Juventudes: Outros Olhares Sobre a Diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: Unesco, 2007, p. 19-54.

FABRINI, João Edmilson. *III Encontro Regional de Geografia*. Glória de Dourados: UEMS, 2007.

FALCHI, Edna de. *Na Luta Por um Pedaco de Chão*. Experiência e Cotidiano nos Acampamentos de Sem-Terra do Sul do Estado de Mato Grosso do Sul. 2007. 225 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. *Acampamento América Rodrigues da Silva: Esperanças e Desilusões na Memória dos Caminhantes que Lutam pela Terra*. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara.

_____. *Assentamento Sul Bonito: As Incertezas da Travessia na Luta pela Terra*. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista. Araraquara.

_____. *As Representações Sociais em Assentamentos Rurais de Reforma Agrária*. Algumas Reflexões. In: XII Congresso Brasileiro de Sociologia, SBS. Belo Horizonte, 2005.

_____. “A Gente Vai Levando a Vida e Esperando a Ajuda de Deus”. Representações Religiosas nos Assentamentos de Reforma Agrária. In: II Simpósio Internacional Sobre Religiões, Religiosidades e Cultura. Dourados-MS, 2006.

_____. O Cotidiano dos Assentamentos de Reforma Agrária: Entre o Vivido e o Concebido. In: FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta; WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta (org). *Reforma Agrária e Desenvolvimento: Desafios e Rumos da Política de Assentamentos Rurais*. Brasília: MDA, São Paulo: UNIARA, 2008, p. 151-170.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, Tempo Presente e História Oral. *Topoi* – Revista de História do Programa de Pós-Graduação da UFRJ, Rio de Janeiro, v. 03, n. 05, p. 314-332, jul./dez. , 2002.

FURTER, Pierre. *Juventude e Tempo Presente*. Tradução de. Luís Lourdes Orlandi. Rio de Janeiro. Ed: Paz e Terra. vol. 5, 1967, p. 462.

GARRIDO, Joan Del Alcazar i. As Fontes Orais na Pesquisa Histórica: Uma Contribuição ao Debate. In: *Revista Brasileira de História* – Órgão da Organização Nacional dos Professores Universitários de História, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 33-54, set.92/ago.93.

GOMES, Iria Zanoni. *A Recriação da Vida Como Obra de Arte No Assentamento, a Desconstrução/Reconstrução da Subjetividade*. 1995. 315 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Paulo. São Paulo.

GRAZIANO DA SILVA, José. *O Novo Rural Brasileiro*. Campinas: UNICAMP, Instituto de Economia, 1999. 153p. (Coleção Pesquisa, 1).

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: Ensaio Sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUIMARÃES, Gilselene Garcia. Revisitando as Origens do Termo Juventude: A Diversidade Que Caracteriza a Identidade. In: *Reunião Anual da ANPEd*, 31 – Constituição Brasileira,

Direitos Humanos e Educação. Caxambu, 2008. p. 01-14. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT20-4136--Int.pdf>
Acesso em: 22/03/2012.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 7. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 8. ed. Tradução de. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 124.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914 – 1991)*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Sinopse do Censo Demográfico*. Brasília: DF, 2010.

INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Brasília: DF, 2012.

Jean-Claude (Org.). *História Dos Jovens 2*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p.319-382.

JOUTARD, Philippe. História Oral: Balanço da Metodologia e da Produção nos Últimos 25 Anos. In: FERREIRA, M. & AMADO, J. (Org). *Uso e Abuso da História Oral*. Rio de Janeiro: RJ, Fundação Getúlio Vargas, 1995, p. 43-64.

LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, B. Heloisa. (Org). *Tendências e Impasses: O Feminismo Como Crítica da Cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão. [et al.] Campinas: SP Editora da UNICAMP, 1990.

LEFEBVRE, Henri. *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno*. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. El Concepto de Representación. In: LEFEBVRE, Henri. *La Presencia y La Ausencia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983. p. 17-102.

LIMA, Helton Souto. O Diário de Campo e Sua Relação com o Olhar Aprofundado Sobre o Espaço Rural. In: Whitaker, Dulce C. A. (org). *Sociologia Rural: Questões Metodológicas Emergentes*. Presidente Venceslau, São Paulo: Letras à Margem, 2002, p. 143-149.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. O Conceito de Espaço Rural em Questão. *Terra Livre*, São Paulo, ano 18, n. 19, p. 95-112, jul/dez 2002.

MARTINS, Heloísa Helena Teixeira de Souza. Juventude (s) e Transições. In: *Tempo Social*. Vol.17, n.02, São Paulo, Nov. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-20702005000200001&script=sci_arttext Acesso em: 03/04/2012.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, História e Sujeito: Substratos da Identidade. In: *Encontro Regional Sudeste de História Oral*, 3. , 2000, Mariana. Anais... Mariana, 2000. p.109-116.

NOVAES, Regina Reyes; RIBEIRO, Eliane. *Juventudes Sul-Americanas*. Rio de Janeiro: IBASE, 2010. p. 165.

NOVALLI, Daniela. *Juventudes e Imagens na Revista Vogue Brasil (2000-2001)*. 2009. Dissertação. (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Florianópolis-SC.

PAIS, José Machado Pais. Cotidiano e Reflexividade. *Educação & Sociedade* – Revista de Sociologia da UNICAMP, Campinas, vol. 28, n. 98, p. 23-46, jan./abr., 2007.

PAIS, José Machado. A Construção Sociológica da Juventude – Alguns Atributos. In: *Análise Social*. Vol. XXV, (105-106), 1990, p. 139-165.

PAIS, José Machado. A Juventude Como Fase de Vida: Dos Ritos de Passagem aos Ritos de Impasse. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 18, n. 13, p. 371-381, 2009.

PAIS, José Machado. Geração e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea (Introdução). In: PAIS, José Machado Pais. (Eds). *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais/Secretaria de Estado da Juventude, 1998, p. 17-58.

PASSERINI, Luisa. A Juventude, Metáfora da Mudança Social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In: LEVI, Giovanni, SCHMITT, Jean-Claude (Org.). *História Dos Jovens 2*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p.319-382.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. Juventude Rural, Sexualidade e Gênero: Uma Perspectiva Para Pensar a Identidade. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. (Org). *Gênero e Geração em Contextos Rurais*. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010. p. 345-368.

PIRROTA, Kátia Cibelle Machado. A Construção Sócio-Histórica da Adolescência e as Políticas Públicas. *Bis – Boletins de Estudos de Saúde*, Is, ano. , XII, n. 40, p. 02-06, dez. 2006.

PORTELLI, Alessandro. O Que Faz a História Oral Diferente. *Projeto História* – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, v. 15, p. 25-39, fev.1997.

PRIETO, Saturnino Sánchez. *Y Qué es La Historia?* Reflexiones Epistemológicas Para Profesores de Secundaria. 1. ed. Madri: Siglo XXI de Espanha Editores, 1995.

PROGRAMA Implementa Educação no Campo. *Sed* – Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 21 març., 2012. Disponível em: http://www.sed.ms.gov.br/index.php?templat=vis&site=98&id_comp=213&id_reg=170104&voltar=lista&site_reg=98&id_comp_orig=213 Acesso em: 21/03/2012. Acesso em: 24/jul. 2012

REVEL, Jacques. (org). *Jogos de Escalas: A Experiência da Microanálise*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998.

RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do Passado*. (Teoria da História II: Os Princípios da Pesquisa Histórica). Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Não Há Revolução Sem Teoria. In: _____. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente). p. 95-139.

SALES, Celecina de Maria Veras. *Criações Coletivas da Juventude no Campo Político: Um Olhar Sobre os Assentamentos Rurais do MST*. 2003. 321 F. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-Ceará.

_____. *Gênero e Juventude Rural: Permanência de Traços da Herança Cultural Camponesa e a Produção de Novos Valores na Construção do Presente*. Ceará: UFC, 2006.

_____. Mulheres Rurais: Tecendo Novas Relações e Reconhecendo Direitos. *Rev. Estud. Fem.* - Revista Estudos Feministas de UFSC, Florianópolis, v. 15, n. 02, p. 437- 443, mai./ago. 2007.

SALES, Celecina de Maria Veras. Cultura Juvenil e Perspectivas de Futuro de Jovens do Campo de Ceará. In: XXVIII Congresso Internacional da ALAS, 28. , 2011, Recife. *Anais...* Recife: Universidade Federal do Ceará, 2011. 1. CD-Rom.

SCOTT, Joan W. *Gênero: Uma Categoria Útil Para a Análise*. Tradução de Christine Rufino Dabat Maria e Maria Betânia. Àvila. Recife: SOS Corpo, 1991. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html> Acesso em: 08/jul 2011.

SCOTT, Joan Wallac. *Revista Estudos Feministas* - Entrevista. Ano 6. n. 4. Florianópolis, 1998.

SCOTT, Parry. Gênero e Geração em Contextos Rurais: Algumas Considerações. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (org). *Gênero e Geração em Contextos Rurais*. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010, p. 17-35.

SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. *Gênero e Geração em Contextos Rurais*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010. p. 480.

SECRETARIA, Nacional da Juventude e Conselho Nacional da Juventude. *Conselhos de Juventude: Fortalecendo Diálogos, Promovendo Direitos*. Conselho Nacional de Juventude: Conjuve, Brasília, 2010.

SPOSITO, Marília Pontes. (Cord). Estado da Arte Sobre Juventude na Pós-Graduação Brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1996-2006), volume 2. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

SPOSITO, Marília Pontes. A Sociabilidade Juvenil e a Rua: Novos Conflitos e Ação Coletiva na Cidade. In: Tempo Social – Revista de Sociologia, da USP, São Paulo, v. 5 (1-2), p. 161-178, nov./94. 1993.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. *O Mundo Rural no Horizonte dos Jovens*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. p. 346.

THOMPSON, Edward Palmer. Prática do Materialismo Histórico. In: _____. *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. (p.09-62)

_____. Tempo, Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial. In: _____. *Costumes em Comum*. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 267-304.

UFGD Premia os Melhores Trabalhos de Iniciação Científica 2007/2008. *Folha do MS: A Informação ao Alcance de Todos*, Dourados, 24 agos, 2009. Disponível em: <http://www.folhadoms.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=815:ufgd-premia-os-melhores-trabalhos-de-iniciacao-cientifica-20072008-&catid=47:educacao> Acesso em: 16/jun. 2011.

UNESCO, Organização das Nações Unidas Para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Políticas Públicas De/Para/Com as Juventudes*. Brasília: Unesco, 2004.

WANDERLEY, M. N. B. A Emergência De Uma Nova Ruralidade Nas Sociedades Modernas Avançadas: Jovens Rurais de Pequenos Municípios de Pernambuco: Que Sonhos Para o Futuro. In: CARNEIRO, M. J; CASTRO, E.G. *Juventude Rural e Perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 21-34.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. *Sociologia Rural: Questões Metodológicas Emergentes*. Presidente Venceslau, São Paulo: Letras a Margem, 2002. p. 256.

ZARDO, Maria Irene. Reforma Agrária Benefecia Mais de 736 Famílias em Itaquiraí. *Prefeitura Municipal de Itaquiraí – Capital da Agricultura Familiar*, abri. 2009. Disponível em: http://www.itaquirai.ms.gov.br/view_noticias.htm?id=957 Acesso em: 26 junh. 2012.

RELAÇÃO DE FONTES

Aline Arantes da Silva, 15 anos, 2011. Moradora no lote de número 51, no grupo 07, assentamento Santa Rosa. Entrevista realizada em 03 de novembro de 2011. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Ana Eliza, 12 anos, 2011. Moradora no lote de número 15, no grupo 04, assentamento Santa Rosa. Entrevista realizada em 03 de novembro de 2011. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Anderson Agnaldo do Nascimento, 16 anos, 2010. Roda de conversa produzida em 27 de fevereiro de 2011, no grupo 10, assentamento Guaçu. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Andressa Denitte Runa, 20 anos, 2011. Moradora no lote de número 55, no grupo 11, assentamento Guaçu. Entrevista realizada em 03 de novembro de 2011. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Antonio Pinheiro Cruz, 48 anos, 2011. Assentado no lote de número 78, no grupo 03, assentamento Santa Rosa. Entrevista realizada em 27 de fevereiro de 2011.

Celso Aparecido Taroco, 55 anos, 2011. Assentado no lote de número 05, no grupo 01, assentamento Santa Rosa. Entrevista realizada em 03 de novembro de 2011. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Edson da Silva, 30 anos, 2010; Sara Souza Batista, 15 anos, 2010; Adilson de Oliveira, 19 anos, 2010. Entrevista coletiva realizada em 04 de dezembro de 2010, no barracão da escola do assentamento Santa Rosa. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Geovani Pereira da Silva Correia, 23 anos, 2011. Morador no lote de número 183, no grupo 05, assentamento Santa Rosa.

Guilherme Roberto Teixeira Poico, 17 anos, 2011. Roda de conversa produzida em 26 de fevereiro de 2011, no grupo 10, assentamento Guaçu. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Helen Souza Batista, 15 anos, 2011. Moradora no lote de número 84, no grupo 10, assentamento Guaçu. Entrevista realizada em 26 de fevereiro de 2011. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Kamila Tiburcio Freire, 15 anos, 2011. Moradora no lote de número 04, no grupo 01, assentamento Santa Rosa. Entrevista realizada em 02 de novembro de 2011. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Leonice Tiburcio Freire, 48 anos, 2011. Assentada no lote de número 04, no grupo 01, assentamento Santa Rosa. Entrevista realizada em 02 de novembro de 2011. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Mariana Rodrigues de Arantes, 47 anos, 2011. Assentada no lote de número 51, no grupo 07, assentamento Santa Rosa. Entrevista realizada em 03 de novembro de 2011. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Marieli Santos da Cruz, 17 anos, 2011. Moradora no lote de número 78, no grupo 03, assentamento Santa Rosa. Entrevista realizada em 27 de fevereiro de 2011. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Marli Santos da Cruz, 40 anos, 2011. Assentada no lote de número 78, no grupo 03, assentamento Santa Rosa. Entrevista realizada em 27 de fevereiro de 2011. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Natali Dominga da Silva, 17 anos, 2011. Moradora no lote de número 109, no grupo 08, assentamento Guaçu. Entrevista realizada em 26 de fevereiro de 2011. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Nayara Ingrid de Souza, 18 anos, 2011. Moradora no lote de número 57, no grupo 11, assentamento Guaçu. Entrevista realizada em 03 de Novembro de 2011. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Paulo Dóe da Silva, 37 anos, 2011. Assentado no lote de número 74, no grupo 04, assentamento Santa Rosa. Entrevista realizada em 23 de agosto de 2011. Concedida a Kátia Aline da Costa.

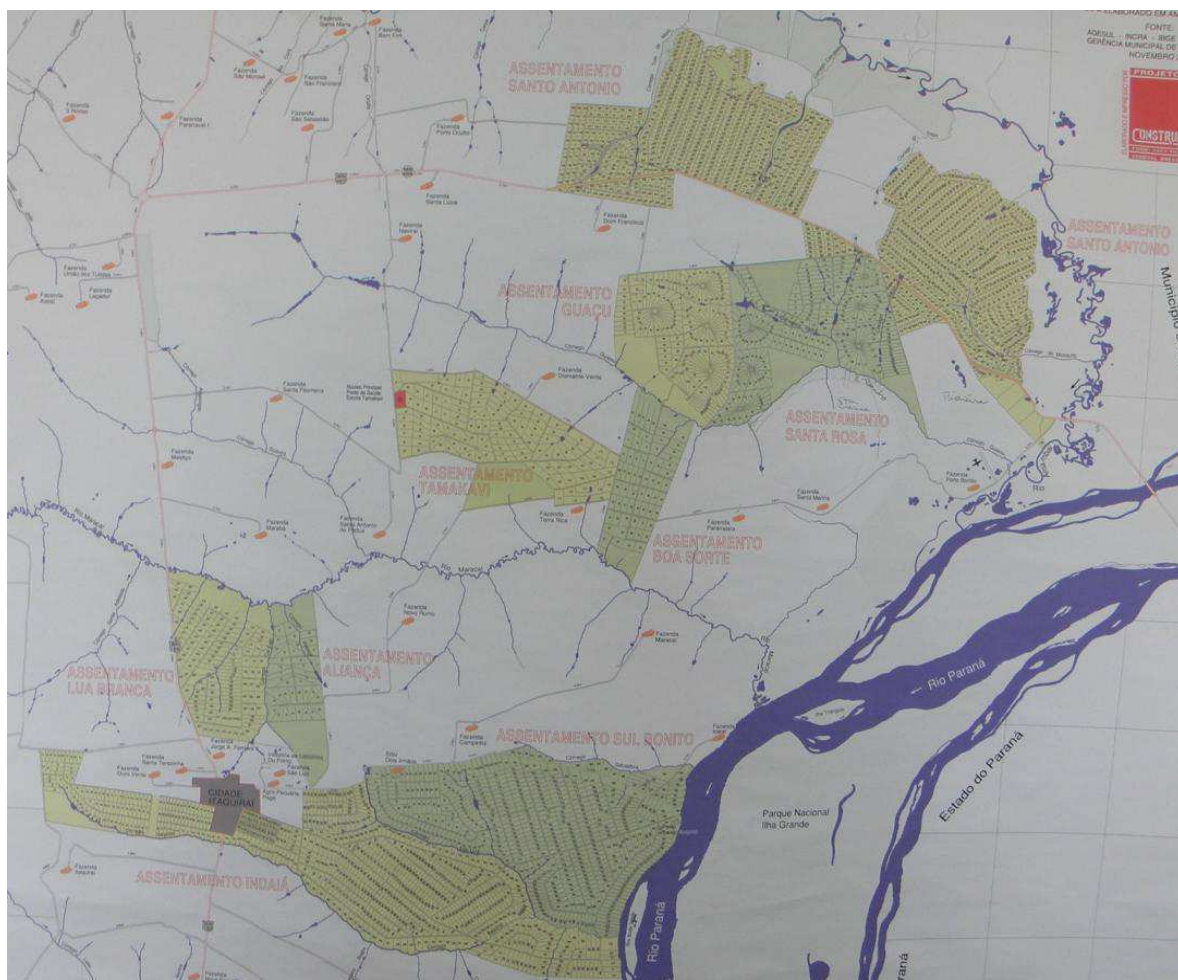
Pedro Aparecido da Silva, 54 anos, 2011. Assentado no lote de número 109, no grupo 08, assentamento Guaçu. Entrevista realizada em 26 de fevereiro de 2011. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Rafaelli Silva Lima, 13 anos, 2011. Moradora no lote de número 98, no grupo 04, assentamento Santa Rosa. Entrevista realizada em 03 de novembro de 2011. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Sara Souza Batista, 24 anos, 2011. Moradora no lote de número 84, no grupo 10, assentamento Guaçu. Entrevista realizada em 27 de fevereiro de 2011. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Willian Rodrigo Porto de Oliveira, 19 anos, 2011. Roda de conversa produzida em 27 de fevereiro de 2011, no grupo 10, assentamento Guaçu. Concedida a Kátia Aline da Costa.

Apêndice A – Foto de localização dos assentamentos rurais do município de Itaquiraí-MS:



Fonte: Arquivo pessoal da mestrand/pesquisadora.

Apêndice B – Modelo de formulário de pesquisa:



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM HISTÓRIA



FORMULÁRIO PARA APLICAÇÃO DE PESQUISAS DE CAMPO

JUVENTUDES DO CAMPO: COTIDIANO E REPRESENTAÇÕES NOS ASSENTAMENTOS
RURAIS SANTA ROSA E GUAÇU: ITAQUIRAÍ-MS

RESPONSÁVEL PELA APLICAÇÃO: _____

DATA: __/__/__.

PERGUNTAS

1) Nome da/o jovem:

Assentamento/Grupo: _____ Lote: _____

Idade: _____

Estado Civil: _____

Nome dos pais:

Ocupação do esposo (se for o caso) e/ou pai e mãe:

Grau de Escolaridade da/o jovem:

Onde estuda?

Pretende cursar universidade? Qual curso e onde?

2) *Constituição das famílias:*

* Número de Filhos/as por casal: _____ M: ___ F: _____

* Procedência/Cidade de origem dos/as pais/mães:

* Aos pais: Já morou no meio urbano? Sim () Não ()

* A/o jovem: Já morou no meio urbano? Sim () Não ()

* Aos pais: A vida depois do assentamento: Melhorou () Piorou ()

* Aos jovens: A vida no assentamento é: Boa () Regular () Ruim ()

* Renda atual da família/lote: _____

* Renda atual da família com outras atividades remuneradas: _____

Quais atividades? _____

* Renda atual da família com programas sociais: _____ Quais? Quem participa? _____

* Renda dos/as filhos/as no lote? Que atividades realizam?

3) Participam de alguma religião? Sim () Não ()

Qual? _____

* Participam de algum movimento? Sim () Não ()

Qual? _____

* Participam de alguma atividade de lazer e/ou recreação? Sim () Não ()

Qual? _____

Com que frequência? _____

* Têm acesso as informações gerais do assentamento? Sim () Não ()

4) Quais os meios de comunicação que mais utiliza?

5) Qual o tamanho do lote? E qual o ponto forte do seu lote?

5) Qual o ponto fraco do seu lote?

6) Qual a participação dos/as jovens na vida do assentamento?

7) E na produção?

8) Há maior permanência ou saída dos/as jovens do assentamento?

() Permanência () Saída

Por quê?

9) Há maior número de jovens-homens ou jovens-mulheres no assentamento?

() Homens () Mulheres

Por que você considera isso?

10) Com relação aos jovens, o que você considera que seja a maior dificuldade para sua permanência no assentamento e na “luta” pela terra?

11) O que fazer? Que alternativas para melhorar a situação dos/as jovens no campo? Ou seja, para que haja a permanência do/a jovem nos assentamentos?

12) Quantos e quais membros da sua família permanecem na terra desde a época do acampamento?

13) Pensemos: E se os lotes fossem mais produtivo? E se oferecesse melhores condições de vida aos/as jovens? Você acredita que a realidade dos/as jovens seria outra? Como seria?

Observações da Pesquisadora:

Apêndice C – Modelo de roteiro de entrevista:



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM HISTÓRIA



ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS

JUVENTUDES DO CAMPO: COTIDIANO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NOS
ASSENTAMENTOS RURAIS SANTA ROSA E GUAÇU: ITAQUIRAÍ-MS

RESPONSÁVEL PELA REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA: _____

DATA: ___/___/___.

ROTEIRO DE PESQUISA

1. O que é ser jovem para você?
2. Há dificuldade para as juventudes no assentamento? Quais?
3. O que você mais gosta da vida no assentamento? E o que você menos gosta?
4. Como se estruturam os projetos familiares? Há intervenções na orientação dos projetos familiares e na vida das juventudes?
5. Você considera que há conflitos entre mães, pais, filhas e filhos?
6. Quantos e quais membros da sua família permanecem na terra desde a época do acampamento?
7. Há memória da “luta” pela terra no assentamento? De que forma é vivida pelos/as assentados/as e jovens?
8. Quais movimentos integram o assentamento?
9. Quais religiões são vivenciadas dentro do assentamento?
10. Há permanência ou renúncia da vida das juventudes no assentamento?
11. O que significa a vida no campo para você?
12. O que significa a família para você?
13. Como você entende a questão da educação, e a escola dentro do assentamento?
14. Há espaços de sociabilidades e divertimento para os/as jovens dentro do assentamento? Há práticas de esportes e outras atividades? Com que frequência?
15. E a questão da violência no assentamento? Em que momento a violência é percebida?
16. Há “papéis” diferenciados para mulheres-jovens e homens-jovens no interior do assentamento? Que diferenças são verificadas? E de que forma os/as jovens vivenciam essas relações?

17. Como se constroem as relações sociais dentro do assentamento entre mães, pais, assentados/as, militantes e jovens?
18. Sobre a relação campo e cidade: Há discriminação e distância na relação jovens do assentamento e jovens da cidade? Como é verificada essa relação?
19. Em relação ao namoro, há discriminação e distância entre namorar alguém do assentamento e namorar alguém da cidade?
20. Há organização juvenil no interior do assentamento? Como as juventudes se manifestam e se organizam no cotidiano?
21. Entre os/as jovens há companheirismo, união e solidariedade?
22. Em que momento no cotidiano, podemos perceber que de fato, os/as jovens se organizam?
23. Há redes de poder e exercício de comando dentro do assentamento? Por quais pessoas?
24. Quem decide sobre a vida das juventudes?
25. Você considera que os/as jovens do assentamento têm uma identidade? Como você se identifica?
26. O que você espera para seu futuro? Quais são seus sonhos e idéias, e de que forma pretende alcançá-los?
27. Como você espera estar daqui cinco anos? Onde pretende estar?

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Dourados, 28 agosto de 2012.

KÁTIA ALINE DA COSTA